UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
Mestrado Acadêmico em História – MAHIS
Antonio Iramar Miranda Barros

IPU NOS TRILHOS DO MERETRÍCIO: INTELECTUALIDADE E CONTROLE NUMA SOCIEDADE EM FORMAÇÃO. (1894-1930)

FORTALEZA-CE
2009

FICHA CATALOGRÁRFIA

BARROS, Antonio Iramar Miranda.

Ipu nos trilhos do meretrício: intelectualidade e controle numa sociedade em formação. (1894-1930)

Orientador: Marco Aurélio Ferreira da Silva
Dissertação: Universidade Estadual do Ceará

I. Meretrício – Ipu (CE) – 1894-1930. II. SILVA, Marco Aurélio Ferreira da; III. Universidade Estadual do Ceará. Dissertação em História. IV. Ipu nos trilhos do meretrício: intelectualidade e controle numa sociedade em formação. (1894-1930)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

ANTONIO IRAMAR MIRANDA BARROS

IPU NOS TRILHOS DO MERETRÍCIO: INTELECTUALIDADE E CONTROLE NUMA SOCIEDADE EM FORMAÇÃO. (1894-1930)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva.

FORTALEZA – CE

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

TÍTULO DO TRABALHO: IPU NOS TRILHOS DO MERETRÍCIO: INTELECTUALIDADE E CONTROLE NUMA SOCIEDADE EM FORMAÇÃO. (1894-1930)

AUTOR: ANTONIO IRAMAR MIRANDA BARROS

DATA DA DEFESA: ____/____/____ **CONCEITO OBTIDO_____**

NOTA OBTIDA: _____

BANCA EXAMINADORA

_____

PROF. DR. MARCO AURÉLIO FERREIRA DA SILVA – UECE
(ORIENTADOR)

_____

PROFª. DRª. CHRISLENE CARVALHO DOS SANTOS - UVA
1º EXAMINADOR (A)

_____

PROF. DR. ALTEMAR DA COSTA MUNIZ - UECE
2º EXAMINADOR

DEDICATÓRIA

A minha filha, Luisa Larah Lopes Miranda Barros

AGRADECIMENTOS

A meus pais e todos meus familiares, que vibram comigo em todas as minhas conquistas.

Ao Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva, que com sua capacidade,compreensão e conhecimento bem orientou este trabalho. *Os acertos meu amigo, compartilho convosco e quanto aos erros assumo a responsabilidade por não ter entendido realmente os conceitos e a melhor forma de análise das fontes como indicara.*

A todos os amigos e professores da EEFM Auton Aragão que souberam administrar minhas ausências no período do curso e ao Núcleo Gestor da época, diretora Danielle Taumaturgo Dias Soares e Coordenadora Pedagógica Maria Ferreira Barros, sinceros agradecimentos.

Ao amigo e Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro – UVA – que desde a graduação me acompanha, além de me influenciar com suas pesquisas sobre o meretrício.

Ao professor e amigo Francisco de Assis Martins (Chico Melo), o mais engajado memorialista que a cidade tem e que abriu seu imenso acervo para a pesquisa, sempre muito amigável com os historiadores de Ipu e região.

Aos amigos do Grupo Outra História, Antonio Vitorino Farias Filho, mestre em História – UECE -, Raimundo Araújo, hoje mestrando em História nesta conceituada Universidade, Jorge Luis, mestrando em História na Universidade Federal do Ceará, Reginaldo Araújo e Francisco Lima, historiadores por formação.

Aos professores do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA – que me deram as primeiras instruções historiográficas e aos amigos, alunos e professores das Faculdades INTA, onde apresentamos alguns conceitos apreendidos no decorrer de nossa carreira acadêmica.

Aos professores e amigos do Curso de Mestrado em História da UECE – MAHIS- que zelam pela aprendizagem e compromisso dos alunos.

E principalmente, a todas as meretrizes e cidadãos citados na pesquisa pois, fundamentalmente, sem eles este trabalho não teria acontecido. Que suas falas ouvidas no decorrer deste trabalho não sejam em vão. A estes o meu total respeito e consideração sem medidas. Que suas memórias descansem em paz.

RESUMO

Este trabalho analisa a formação do meretrício na cidade de Ipu nos primórdios do século XX. A chegada da ferrovia à cidade no final do século XIX (1894), ao ligar a *Terra de Iracema* à Sobral e ao porto de Camocim, contribuiu para incrementar o desenvolvimento econômico local e produzir algumas transformações em seu espaço urbano. Ao lado disso, e como resultado mesmo do crescimento da cidade, novos atores sociais passaram a circular em seus espaços. A venda do sexo e o surgimento do meretrício são frutos de tais transformações. Os grupos dominantes locais (as famílias tradicionais, conservadoras e abastadas) ao lado da Igreja Católica passaram a atacar os costumes locais identificados com as práticas "populares", sobretudo a compra e venda do sexo como um desvio de conduta moral, uma "barbárie" e o "fim dos tempos". A partir daí fundaram um discurso fortemente marcado pela defesa da moral, condenando a mercantilização do sexo como responsável pela desestruturação da ordem familiar. Os intensos conflitos entre aqueles "guardiões da moral e dos bons costumes" (a Igreja Católica e os grupos tradicionais) e as práticas que eram objeto de sanções morais, levaram tais grupos à tentativa de vigiar e controlar os espaços próprios da venda do sexo. Os jornais, revistas e livros, que circularam em Ipu nas primeiras décadas do século XX, todos escritos por aqueles que se diziam defensores da moral e dos bons costumes, trazem em suas páginas um discurso fortemente marcado pela defesa da moral, dos bons preceitos e dos bons costumes. Eles revelam ainda os projetos e estratégias de controle de tais práticas. A partir deles é que foi possível analisar a formação do meretrício em Ipu, os embates sociais, a busca pelo controle e a resistência daqueles que eram alvos de controle.

Palavras-Chave: Cidade - Meretrício – Moral - Controle Social

ABSTRACT

This paper analyzes the formation of prostitution in the city of Ipu in the early twentieth century. The arrival of the railroad to town in the late nineteenth century (1894), while turning the land of Iracema to Sobral and the port of Camocim contributed to enhance local economic development and produce some changes in its urban space. Besides, with the result that the growth of the city, new socials actors began to circulate in their spaces. The selling of sex and the emergence of prostitution is the result of such changes. The locals dominant groups (traditional families, conservative and wealthy) next to the Catholic Church, started to attack the locals customs, practices identified with the "popular", particularly the buying and selling of sex as a standard of morals conduct, such as Finally, the "barbarism" and "end times". Since then founded a speech marked by strong defense of morality, condemning the commodification of sex as responsible for the disintegration of family reasons. The intense conflict between those "guardians of morals and good customs" (the Catholic Church and traditional groups) and the practices that were the subject of morals sanctions, led such groups to attempt to monitors and control the spaces for selling sex. Newspapers, magazines and books, which circulated in Ipu the first decades of the twentieth century, all written by those who called themselves defenders of morality and good manners, bring in your pages, a speech marked by strong defense of morality, the good precepts and morality. They also highlight the projects and strategies to control such practices. From them it was possible to analyze the formation of prostitution in Ipu, the socials struggles, the quest for control and resistance of those who were the target of control.

Palavras-Chave: City - Prostitution- Morals - Socials Controls.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO 1 – Chegam os trilhos, mudam-se os modos: Intelectuais X Meretrizes. 24

1.1 Na visão de "progresso", surgem as meretrizes 24

1.2 Entre Almanaques e intenções. A cidade se transforma.....33

1.3 A busca de um imaginário "iracemista" em Ipu.....46

1.4. Vivendo em sociedade. Conflitos e interesses.....59

CAPÍTULO 2 – A mulher pública e o controle dos usos e (des)usos sexuais: Ipu, uma cidade vigiada.....66

2.1 Os prazeres do amor. A satisfação sexual e a convivência em sociedade. 77

2.2 A venda do corpo e o corpo à venda. O meretrício e a cidade.....83

2.3 No meretrício, na cidade, nas agremiações. O jornal, os "doutores" e as meretrizes.....87

CAPÍTULO 3 – Meretrício, Igreja e família......92

3.1 A mulher casada e as traições do marido. Um curso católico.....99

3.2 Entre o lar e o meretrício. Ser casada e ser traída.....106

3.3 Nos olhares dos desvios. Igreja, família e sociedade.....111

CONSIDERAÇÕES FINAIS......121

FONTES.....123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....124

INTRODUÇÃO

Todas as vezes que entregamos um trabalho pronto, seja ele de conclusão de curso ou apenas uma pesquisa particular, temos a impressão de deixá-lo inconcluso. Por quê? Ora, o historiador se inquieta a cada descoberta e assim, no decorrer de um determinado trabalho, quando está na busca das fontes ou ao analisá-la, várias vertentes se apresentam de forma que fica inviável desenvolver um único projeto com todas as hipóteses e perspectivas a serem desenvolvidas.

Assim aconteceu comigo. Logo no curso de graduação, pesquisando sobre a formação da sociedade ipuense sob um olhar direcionado para o coronelismo[1] percebi uma grande influência da mulher em determinadas situações que acarretaram momentos de conflitos mudando "o curso da história".

Estas mulheres em sua grande maioria, não eram somente as esposas mas, as amantes ou "mulheres públicas" que, não obstante, sempre existiram na cidade de Ipu. Assim, no trabalho de especialização[2] passei a analisar o meretrício ipuense e cheguei à conclusão de que a compra e venda do sexo nos espaços públicos e em locais privados reservados à sua prática foram comuns na cidade de Ipu nas primeiras décadas do século XX. Mais do que isso, tais práticas incomodaram algumas pessoas o que levou-as a atacá-las mediante a eleição de um conteúdo moral. A partir daí, aqueles que detinham o poder de intervir nos espaços públicos da cidade empreenderam uma verdadeira batalha contra a prostituição no centro da cidade.

As traições dos maridos e as frequentes investidas dos homens em locais próprios para o sexo não eram uma realidade unicamente ipuense, mas uma tradição que se desenvolvera desde a colonização do Brasil[3] e que se estendera para as cidades interioranas, inclusive em Ipu.

Passado as angústias e com o material em mãos, que teoricamente seria o suficiente para a escrita de uma dissertação, tentei perceber não apenas a sociedade meretrícia mas, também e, principalmente, a questão moral da sociedade ipuense tendo por base a formação do cabaré a partir da chegada da estrada de ferro em Ipu no ano de 1894.

---

[1] BARROS, Antonio Iramar Miranda. **Formação Coronelística em Ipu.** (1840-1914). Monografia de conclusão de curso. Graduação em História pela Universidade Estadual vale do Acaraú - UVA. 1995.

[2] BARROS, Antonio Iramar Miranda. **Meretrício do Ipu.** A luta do "bem" contra o "mal" numa sociedade dita moderna. (1900-1915). Monografia de conclusão do curso em Teoria e Metodologia da História. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. 2007.

[3] Ver: FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49° ed. São Paulo: Global, 2004.

"Ipu nos trilhos do meretrício: intelectualidade e controle numa sociedade em formação. (1894-1930)", é o título deste trabalho. Entendemos que o surgimento do meretrício é fruto do crescimento da cidade de Ipu nos primórdios do século XX. Tal crescimento foi impulsionado pela chegada da ferrovia à cidade em 1894.

O aumento populacional e a maior circulação de capitais atraíram prostitutas de outras praças que vieram se juntar àquelas que praticavam a compra e venda do sexo nos espaços públicos da cidade. Isso passou a incomodar àqueles que se diziam os guardiões da "moral recatada" e "civilizada" ipuenses.

Tais pessoas se arrogavam como a *"melhor sociedade ipuense"* ou os "*filhos illustres do lugar"*, que com o crescimento local e a chegada de novidades quiseram viver em uma cidade construída no discurso como moderna e progressista, tendo como espelho modelos de centros urbanos como o Rio de Janeiro que na época intitulava-se uma pólis civilizada.

Incomodados com a prostituição nos espaços públicos da cidade, sobretudo naqueles mais movimentados como a estação ferroviária e o mercado público (ambos no centro da cidade), os guardiões da moral da "sociedade ipuense", empreenderam um controle severo às práticas meretrícias. Entendiam que a compra e venda do sexo ditava contra os "foros de civilização" do povo ipuense e contra a sua moral recatada.

Aqueles que se diziam guardiões da moral do "povo ipuense" eram formados por um grupo de pessoas com algumas características: a) Eram aqueles detentores do poder político em âmbito local, portanto, tinham o poder jurídico, político e repressor e ditavam normas, estabeleciam regras e tinham autonomia para intervir nos espaços públicos da cidade; b) Se identificavam com os valores da chamada modernidade e do progresso. Queriam viver em um local que fosse identificado como algo novo em contraposição ao velho.

A nova cidade deveria ter novos espaços (como clubes, gabinetes de leitura, jardins, passeios, ruas largas e limpas) e homens e mulheres educados segundo os preceitos ditados pela civilização. Por isso, tomaram para si o projeto de intervir na realidade ipuense para transformá-la em um espelho daquilo que queriam que ela fosse.

Para isso, ergueram um clube para a sociabilidade[4], reunião e deleite de seus sócios (o Grêmio Recreativo Ipuense sociedade Dançante – 1924), um Gabinete de Leitura (1916), uma espécie de grêmio literário, com um grande acervo de livros, mapas, revistas e jornais que circularam no alvorecer do século XX nas principais cidades do país, sobretudo no Rio de Janeiro e , alem de construirem praças e novos prédios, alargaram e pavimentaram ruas, etc.

[4] BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidades. In: BOUDON, Raymond (Dir). *Tratado de Sociologia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

A cidade do Clube e do Gabinete, das ruas pavimentadas, "limpas" e alargadas e das praças iluminadas (a luz de acetileno como o Jardim de Iracema –1927), era a chamada cidade do progresso. Era um novo espaço erguido para o deleite de um grupo de pessoas que desejaram viver em uma outra cidade.

As prostitutas, por exemplo, eram identificadas com outra realidade, apontadas como o velho e aquilo que deveria ser destruído. Portanto, elas, aos olhos da "cidade do progresso" incomodavam. Primeiro porque em uma cidade identificada com valores modernos, elas eram indesejadas então,na nova cidade não haveria lugar para elas. Segundo porque suas práticas iam contra os valores de uma moral reconhecida como a melhor e a única possível de existência.

As práticas meretrícias se tornaram um perigo aos bons preceitos e costumes da "verdadeira sociedade ipuense" e, por isso, deveriam ser banidas dos espaços públicos da cidade, principalmente do centro, identificado com os valores do progresso.

As fontes que nos foram legadas daquele período, escritas e preservadas nas instituições daqueles que tinham o poder de ditar as regras, os valores e o futuro desta terra, mostram claramente um projeto para a cidade e revelam uma tentativa de se construir um novo espaço identificado com os valores do progresso e da modernidade. Tudo o que fosse identificado com outros valores que não os defendidos por eles eram objeto de controle e aí se inclui o caso da prostituição.

Jornais, Almanaques, discursos, enfim, a maioria de nossas fontes trabalhadas na pesquisa, encontram-se hoje sob a guarda de familiares descendentes dos "senhores" observados no decorrer da pesquisa. Estas fontes se apresentam em suas posses como verdadeiras relíquias de família, acreditando estes, serem as mesmas a representação do "poder e prestígio" que seus antigos parentes vivenciaram no passado numa demonstração de repasse ideológico[5] que passa de geração para geração.

Como a maioria destes descendentes ainda hoje têm referência no poder público municipal, não raro encontramos monumentos em homenagem as estes personagens que, num discurso não muito antigo, "deram nova estrutura à cidade" e a livraram dos "maus costumes" no início do século. Tal pensamento ainda hoje está presente em discursos sendo que estes homens têm em suas memórias verdadeiros monumentos servindo estes ilustres senhores como espaço divisor de tempos[6].

---

[5] CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia:** o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2006.
[6] LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. IN.: **História e Memória.** 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

E as meretrizes? Como nas fontes, que vistas de uma forma geral, não nos dizem nada, mas analisadas nas entrelinhas discorrem sobre vários pontos da sociedade do início do século XX, ainda na contemporaneidade são colocadas como intrusas, pois na constante transformação da cidade seus espaços foram os mais atacados.

Ao redor do meretrício ipuense do início do século XX foram construídas imensas obras públicas, como o Hospital e Maternidade Dr. Francisco Correa, a Clínica São Sebastião, a Fundação SESP, a Escola Estadual Delmiro Golveia, o Patronato Sousa Carvalho, o Centro Social Urbano, a Ematerce, o Ginásio Coberto Abdoral Timbó e por último e não menos expressiva a Rodoviária Intermunicipal e Inter-estadual de Ipu sufocando assim os pequenos casebres ainda existentes e deixando-os hoje sem a característica original.

O pseudo-progresso que a cidade vivenciou transformou o meretrício ipuense num lugar de desuso e as poucas ex-meretrízes que ainda hoje vivem nas imediações sobrevivem de suas aposentadorias ou do apoio dos familiares, entretanto, não existe mais neste espaço a prática do sexo aceito e vigiado como no início do século XX. O "progresso" destruiu ou transformou o velho e deu lugar ao novo, com características novas, com novas intenções, com novos valores[7].

Os primeiros Almanaques que foram produzidos na cidade de Ipu pelos "homens do poder" datam de 1900 e 1901. A partir deles, se percebe novas formas de demonstração de interesse da população para com a produção de material escrito e a aquisição ou melhoramento de acervos para a busca de uma nova organização social que a cidade estava conhecendo.

Estes Almanaques obedecem a estrutura de confecção dos Almanaques do início do século, tendo como exemplo a apresentação das datas comemorativas que aconteceriam durante todo o ano seguinte, tendo como base o calendário da Igreja Católica, a apresentação de poemas, homenagens a pessoas da cidade, adivinhações e charadas, análises dos ciclos lunares, entre tantas outras observações, que demonstram a influência que os Almanaques produzidos em outras capitais tiveram sobre a criação dos Almanaques ipuenses.

Neste período muitos homens considerados "intelectuais" passaram a viver na cidade de Ipu e unidos criaram agremiações, fundaram jornais, revistas e grupos de estudos. A leitura e interpretação desse material permitem perceber os marcos delimitadores de uma outra realidade ou a busca por ela. Em nossa leitura é a partir da chegada da ferrovia e do crescimento da cidade em função dela que passa a se delinear um projeto de cidade por um

[7] BERMAN, Marshall. **Tudo que sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

grupo de pessoas abastadas que se arrogavam como os intelectuais do lugar que viviam em Ipu. Até meados de 1930, momento em que percebemos um enfraquecimento das manifestações intelectuais em Ipu e mudanças nos quadros político e econômico em nível nacional[8], ainda é possível perceber alguns resquícios desse projeto.

Uma característica da escrita, é que tentamos a cada momento introjetar a manifestação da tentativa de controle por parte da considerada "intelectualidade" para com setores sociais considerados inferiores e assim, apresentar uma cidade "moderna" dentro dos padrões considerados desenvolvidos, tendo como referência o "progresso" conquistado principalmente pelas cidades da região contempladas com a estrada de ferro.

A partir de poemas, discussões, ataques a pessoas do mesmo círculo, ou não, é possível perceber no período de nosso estudo, que ocorreram demasiadas situações que colocaram em evidência a sociedade ipuense. Os jornais oficiais (sob o controle dos poderosos locais) faziam a parte de esclarecimento interligando a cidade de Ipu para com as demais através do Jornal Correio do Norte e, internamente, principalmente entre os anos de 1918 a 1924, jornais pilhéricos "infernizaram" a vida de muitas pessoas na cidade de Ipu.

Interessante perceber que as pessoas que organizavam o jornal oficial, também produziam os "clandestinos" que eram apresentados à cidade paralelamente ao Correio do Norte. E a cidade vivia entre o dilema destes dois modos: conviver com o oficial, representado pelos "homens de bem", "cidadãos honrados", que dividiam o seio da família com a preocupação da manutenção da "boa moral" do ipuense, a partir principalmente dos jornais como também das agremiações, e os jornais pilhéricos que fiscalizavam e banalizavam de certa forma as pessoas que frequentavam espaços de convivência conflituosa, fossem o meretrício ou qualquer ambiente considerado desregrado.

Por que a cidade estava em formação? Ela é volátil e desde a sua fundação vai tomando formas. Entretanto, o que podemos perceber é que, com a chegada da estrada de ferro em 1894, uma nova forma de ver as pessoas, os espaços e a tentativa de dar modelação à cidade, com a construção de praças, reforma de prédios públicos, etc., fora traçada pelos homens públicos, comerciantes, advogados, juristas, poetas. Todos eles passaram a vivenciar espaços de sociabilidade inexistentes anteriormente. Muitos os buscavam como locais de diversão, mas também como ambientes de ascensão social.

[8] Golpe de Getulio Vargas . Revolução de 1930.

Nessa nova cidade, a cidade do clube, dos novos espaços e de uma nova moral, a prostituta era indesejada. Não havia espaço para ela. Portanto, deveria ser alvo de controle e ter sua circulação pelos espaços da cidade, vigiada ou cerceada.

No trabalho com as fontes, que na sua grande maioria fora constituída dos jornais existentes em Ipu no período trabalhado, percebemos a busca por uma moralização nos costumes das pessoas que, portanto, passaram a ser chamadas a partilhar um novo modo de vida, com costumes diferentes, demonstrados a partir da aceitação de um novo olhar para com o novo.

Queríamos perceber a sociedade ipuense neste período de uma determinado modo, porém, as fontes nos encaminhavam para outro forma. Fomos percebendo que existia a tentativa de apresentar a cidade de Ipu dentro de um processo de formação a partir da interrelação entre o nativo e o europeu.

O romance *Iracema* de José de Alencar tem profunda importância neste processo de busca por uma identidade ipuense. A Índia nativa representaria a imagem de perfeição moral, ainda inacabada, mas que tivera o contato com o moderno, com o europeu e com ele partilhara a formação da sociedade ipuense (o filho Moacir), que deixaria de lado a representação da formação da população brasileira e passaria a ser a formação ipuense moldada no progresso, representada pelo Guerreiro Branco: o europeu.

Assim, quando trabalhamos alguns poemas que se apresentam, principalmente no primeiro capítulo, o que tentamos demonstrar é a forma como o ipuense vai se apossando desta ferramenta para demonstrar suas ânsias de projeção para a cidade e obviamente para os que escrevem.

Apresentamos, no primeiro capítulo, a cidade mostrada por aqueles que nos legaram fontes do período. Eles mostram seus espaços físicos, a demarcação das ruas, quantidade de bairros, logradouros, entre outros. Mostramos ainda, como aqueles que escreveram entendiam o crescimento econômico de Ipu, principalmente por conta das transformações de ordem econômica, a partir do advento do trem.

No inicio, quando estamos inserindo a manifestação da intelectualidade em escritos, como os almanaques, jornais, etc., não vamos encontrar referência à prostituição existente em Ipu, entretanto, não fugindo ao cotidiano da cidade, vamos perceber a existência e a preocupação das autoridades com relação a doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a sífilis, muito comum nas mulheres “de vida fácil” e nos homens que frequentavam o meretrício.

Mas porque não existirem referência a estas mulheres ou a estes espaços? Ora, não estava nos planos daqueles que queriam uma outra cidade e outra moral a divulgação de costumes e destes espaços, muito embora já saibamos da existência e utilização daqueles espaços por parte destes mesmos homens. Os seus projetos eram outros. A prostituta e o meretrício ipuense eram a negação do projeto de apresentação da cidade.

Ela (meretriz) confundia-se com a Índia Iracema, com a Joana Paula Vieira Mimosa (colonizadora européia) que se queria apresentar, ou a união do europeu com a nativa (Índia Iracema). Ambas (colonizadora européia e Índia) davam um tom de poder e representação à população, como modelos de força e perfeição moral.

A meretriz não. Esta era o oposto do que se queria, pois se confundia nos espaços ditos nobres da cidade, explorando (e sendo explorada) sexualmente às vistas, em primeiro momento e tirando ainda a pureza que deveria reinar entre as famílias. Tornara-se vilã por sua condição social.

Vamos perceber também no primeiro capítulo que os documentos produzidos, em um primeiro momento, serviram como base de formação da sociedade, como representação do real. Aos almanaques, jornais, etc., eram dados um valor além do observado, tornando-se na cidade verdadeiros monumentos de valorização.

As fontes do período inicial da pesquisa versam principalmente da análise de poemas escritos em almanaques e jornais, daí verificamos que grande parte do *glamour* que os citadinos acreditavam estar vivenciando, fora apresentado em forma de poemas e versos e a partir destes signos observamos como pensavam os grupos que discutimos no decorrer do trabalho.

Os valores que eles cultivavam ficaram bastante expressivos nos poemas e já se começa a perceber o sentimento que eles nutriam pela cidade e a relevância que eles buscavam nela, com as conquistas que poderiam conseguir para o engrandecimento de sua terra. Neste ponto, os discursos são bem claros revelando um sentimento de ligação à terra natal, como se a cidade de Ipu somente a eles pertencesse. As meretrízes e outros espaços não seriam assim partícipes da cidade, eram consideradas intrusas em seu próprio habitat e deveriam ser combatidas.

Os jornais e revistas escritos, de certa forma já foram apresentados como um ganho real no crescimento da cidade, sendo emparelhado a partir desta aquisição com os grandes centros, uma vez que não necessariamente deveriam ler somente o que vinha de outras cidades, mas o que era produzido em Ipu, por seus cidadãos, “respeitados” e “competentes”, que representavam (e segundo eles) bem a cidade em qualquer repartição, seja na cidade ou

fora dela. *Era o progresso que chegara a Ipu*, como percebemos em algumas manifestações escritas nos jornais.

Estes homens eram a representação[9] do progresso, em suas visões. O que importa também, é que nas escritas dos jornais e pasquins (jornais pilhéricos), nos foram deixados reflexos de como a cidade do inicio do século XX se apresentava. A seca estava ainda muito presente no pensamento da população ipuense e, não obstante, se percebe a preocupação para com ela nas manchetes.

A seca era uma preocupação maior não somente pelo fato social mas, pela ruptura que ela poderia trazer para com o projeto de construção de uma cidade do progresso. Os retirantes, como as prostitutas, eram mostrados como o atraso.

Nos poemas se evidenciam a inquietação com as pessoas que a "sociedade" considerava à margem da sociedade. Não desenvolvemos este pensamento, mas os retirantes e as prostitutas chegam a se confundir em alguns momentos. A mulher retirante e a mulher prostituta. Uma podendo ser caracterizada como a outra na representação do processo de construção da cidade.

A relação que a cidade de Ipu tinha adquirido com outras cidades próximas ou não com a chegada da estrada de ferro ficou evidente nas escritas. Vamos perceber que Crateús, representando os Inhamuns, Camocim representando o litoral e São Benedito, representando a Serra da Ibiapaba vão estar demasiadamente presentes nos jornais, sejam estas participações através de referências aquelas cidades, entre outras, ou pela participação de escritores oriundos daquelas paragens, ficando clara a importância que a cidade de Ipu mantinha nestas relações, confundindo-se principalmente o político, o econômico e ainda o literário, tão presentes e importantes para a população ipuense do inicio do século XX.

A cultura ipuense na visão daqueles que escreviam nos jornais se confundia com a nova manifestação cultural que rapidamente tomou conta do imaginário[10] daqueles homens. Outro mundo se apresentava, agora com uma rapidez estranha, A cidade, após o trem era outra. Tornara-se um importante centro econômico e o local identificado como um berço de intelectuais, homens que construíram uma nova polis. Dotado de "novos espaços" e de "novos homens" a cidade se transformara.

---

[9] Entendemos como representação, o conceito de Pesavento, que trabalha a ideia de que representação é um conceito central da chamada "história cultural" ou da "Nova História Cultural", e é importante posto que, por meio dela, se busca decifrar a realidade do passado mediante o campo do simbólico. Por meio das representações se tenta chegar "às formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo". Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 42.

[10] O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem reapresentações para conferir sentido ao real. Ver: BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. (Antrophos/homem, v. 5), pp. 291-332.

Projetando-se posteriormente no cenário estadual e nacional como importantes escritores e pesquisadores na cidade de Ipu Leonardo Mota, Eusébio de Souza ,entre outros, tiveram seus trabalhos apresentados no inicio de suas carreiras, utilizando as novas ferramentas de publicação que aqui se apresentavam. Serviram como uma espécie de ensaio dos escritos, entretanto, a pertinência principal que percebemos fora a convivência com pessoas ligadas à preocupação para com a escrita e a observação da defesa da moral e dos costumes, prevalecendo prioritariamente esta última..

Então, o que desenvolvemos no primeiro capítulo foi uma espécie de apresentação de como se formara esta conjuntura social e os valores que foram estabelecidos para serem questionados e buscados. O mesmo projeto que gerou um crescimento da cidade e fez surgir um grupo de pessoas que quis construir um novo espaço, trouxe, igualmente, as meretrizes, o lado oposto de uma cidade buscada como progressista.

A Índia Iracema vai merecer um destaque maior na apresentação da sociedade quando se faz referência a Joana Paula Vieira Mimosa. Por quê? Ora, nos primeiros poemas que analisamos do inicio do século XX, se faz alusão a Taba dos Tabajaras, mas não propriamente a Iracema. Quando o poema tem uma projeção que transcende a critica estadual e a Índia deixa de pertencer ao poema e passa a ser de domínio nacional, ela torna-se a representação ideal para a cidade de Ipu. Joana Paula ainda vai ser cultivada na sua memória, entretanto, passa-se a dar mais valor aos questionamentos que envolvem o nome da Índia.

Ruas, praças, poemas, comércios, enfim, o nome da Índia vai aparecer em muitos destes ambiente e principalmente a luta que os grupos agremiados passam a travar, inclusive questionando em matérias de jornais, incessantes vezes, para que o imaginário Iracemista seja arraigado e aceito pela população.

Muitos destes questionamentos passaram a ser demonstrados como uma luta pessoal de determinadas pessoas que, mesmo nas páginas dos jornais ao qual pertenciam e detinham cargos de direção, foram rechaçados em suas convicções travando verdadeiras batalhas intelectuais, na tentativa de fazer valer seus pensamentos e vontades, tendo como arma a iniciativa e liberdade de escrever e demonstrar seus pontos de vistas.

O *progresso e a moral* deveriam andar juntos na imaginação dos homens dirigentes da cidade de Ipu. O trem e as meretrizes se confundiam neste sentido. O trem representava a chegada do progresso e as meretrizes a negação da moral. O trem deveria ser a válvula de escape para novas apresentações e representações do novo, a meretriz deveria ser combatida, ou ao menos vigiada e controlada, por ser a representação da imoralidade, do atraso, da devassidão.

Expulsar a meretriz seria dar sinal de limpeza à cidade não simplesmente na questão moral mas, também, estética, pois como na visão de um pequeno grupo, o novo e o velho não deveriam se misturar. Expulsar as meretrizes do centro da cidade seria uma questão de zelo pela comunidade e ajuda para a "representação" progressista.

O que se tinha em nível de conhecimento escrito sobre a cidade de Ipu era a manifestação de que esta cidade tinha se desenvolvido sob os auspícios da força do bacamarte[11], como apregoou a literatura do fim do século XIX. Esta visão de cidade passara a ser apresentada como negativa e não rara às vezes, vamos perceber em nossas fontes a questão: *"antes era assim, hoje não vivemos mais aqueles dias"*, o que demonstra a "ruptura" existente no seio do pensamento da sociedade.

1894 é visto como um marco divisor do pensamento daqueles que quiseram viver algo novo. O apito do trem aparece como um rito de passagem, marco divisor entre o antes e o depois na sociedade. Agora o que se apresentaria ou deveria apresentar seria a *modernidade*, a vida em sociedade e unido a isso, a busca pela manutenção ou conquista da moral, em todos os sentidos, perpassando o público e o privado, a rua e a casa, o lar e o meretrício.

Muitas manifestações de descontentamento foram noticiadas nas páginas dos jornais, não somente por parte dos "guardiões" da sociedade, como também por parte das próprias meretrizes. Chamou-nos atenção à forma como elas conseguiam inserir-se em espaços onde não eram bem vindas e combatidas constantemente.

Assim, percebemos que não só o novo e o velho se entrelaçam como também o jogo de intenções, quando estamos falando em sociedade, haja vista que, entre os "espaços do conhecimento" (o Grêmio e o Gabinete, isto é, os espaços daqueles identificados com a modernidade) também havia divergências e aceitações, uma vez que, nem todos os homens acatavam a ideia de que as meretrizes não deveriam participar da vida em sociedade.

A própria policia inúmeras vezes fora chamada para fazer valer a lei da "limpeza" (isto é, tirar as meretrizes dos espaços públicos) do centro da cidade. Essa limpeza estava direcionada aos não-aceitos, aos sujos moralmente, aqueles que não tinham a permissão para transitar entre os "homens bons" e "as mulheres de família".

Entretanto, vamos perceber que esta mesma policia utilizou os espaços do meretricio como exploração do sexo. Esta característica não se manifesta somente no início, mas em todos os momentos de nossa pesquisa.

---

[11] Ver: MACEDO, Nertan, **O Bacamarte dos Mourões.** Fortaleza, 2ª Ed. Editora Instituto do Ceará, 1966 e MENESES, Antonio Bezerra de. **Notas de Viagem.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

O mercado público, sendo central, não poderia ser espaço de convívio das meretrizes, portanto, também fora travada uma luta para limpeza dele, uma vez que, sua aparência física demonstrava certo abandono e desconforto. Tirar as meretrizes de lá e reformá-lo seria também a manifestação de busca por uma cidade de certo modo apresentável socialmente e condignamente, não ficando a cidade de Ipu aquém das suas co-irmãs vizinhas, que segundo matérias nos jornais, estavam trabalhando o embelezamento de suas ruas e praças.

E assim, acreditamos que no primeiro capítulo fora dada demonstração de como a cidade de Ipu se formara no que se refere ao conhecimento e busca pela manutenção da moral e as estruturas modificantes nos espaços físicos que passaram a ser trabalhados em maior escala com a chegada da linha férrea e ainda as modificações dos espaços da cidade, tirando as meretrizes do centro e as transferindo para a parte periférica da mesma, longe dos olhares da população dita "boa" e deste modo, não havendo misturas nas categorias sociais que formavam a sociedade de Ipu.

No segundo capítulo, vamos demonstrar como a população masculina, percebia a condição da meretriz. Não aceita em sociedade, entretanto necessária para a manutenção de uma ordem social, de um pudor entre as moças qualificadas como "de família", prontas para o matrimônio. Como aquelas meretrizes, antes "moças", passaram a ser vista e usadas como mulheres da coletividade, de todos que pudessem pagar por suas mercadorias.

Os homens que as exploravam eram os mesmos que as escorraçavam, vivendo num paradoxo social caracterizado entre o local segregado e a "sociedade", entre a mulher pública, num local fechado e vigiado e a população sociavelmente aceita, cheia de pudores e tabus e observada pelos olhos da moral.

A sociedade que produzia as meretrizes, descartando-as posteriormente, também as utilizava em situações diferentes. A moça desonrada e expulsa da casa dos pais em primeiro momento, passaria a *posteriori* a servir como rito de passagem para os "rapazotes", quando estes atingiam a adolescência e a necessidade de provar a masculinidade.

A meretriz então neste sentido, passava a desempenhar sua função na sociedade, que seria a possibilidade de permissão para a iniciação sexual dos jovens, e ainda preservar a castidade das "moças de família" para o casamento.

Não podemos negar que muitos desses "jovens iniciados" na arte sexual, retornaram ao meretrício posteriormente. Entretanto, o que mais se conhece na historiografia ipuense é que tais jovens, iniciados, se distanciavam do meretrício e só passavam a frequentá-lo depois de casados, com família constituída e um nome a ostentar. O meretrício ipuense era um lugar

plural, onde os acontecimentos e situações se apresentavam de forma inesperada. Cheio de relações, de desejos e acima de tudo, de intenções.

O *boom* que a cidade de Ipu vivenciou em todos os espaços sociais no período de estudo recortado, tem como representação maior o espaço compreendido na parte central da cidade, ou seja, na estação ferroviária. Muitas vezes, vamos perceber que a meretriz já expulsa deste ponto vai ser achada perambulando pelo centro, o que era considerado inaceitável. Os jornais pilhéricos ou oficiais passaram a noticiar esta questão como sendo um caso de ordem pública, uma questão a ser resolvida e, se preciso fosse, usando do aparato do Estado ou mesmo da pressão moral sobre alguns integrantes das agremiações existentes na cidade.

O desvio de conduta de qualquer membro da sociedade, em todos os campos, principalmente no familiar, era notificado nas manchetes dos jornais, tendo inclusive destaque algumas vezes na página principal, pois um grupo seleto de homens se percebia como guardião da moral e fazer parte deste grupo acarretava uma responsabilidade muito grande.

Era a cidade representada, vigiada e controlada e não poderia fugir ao *progresso* iminente. A cidade espelho para outras, influenciada pelos grandes centros e dentro de uma organização padrão progressista. Esta era a cidade de Ipu que se queria mostrar, que se tentara projetar para além das suas divisas, através da estrada de ferro.

O meretrício ficava distante até determinado momento do centro da cidade, porém, o olhar que se mantinha direcionado a ele era principalmente para os seus frequentadores. As meretrizes se revezavam na condição de mulheres públicas e assim, no jogo das intenções, quando chegavam mulheres novas no meretrício, o vai e vem de pessoas era constante e entre os homens frequentadores, estavam também personagens considerados "homens de bem", que se desviavam na conduta por um instante e que, no entanto, poderiam se redimir socialmente, reconhecendo a sua fraqueza de homem e não mais indo frequentar estes lugares considerados sujos e impróprios para o convívio.

No terceiro capítulo, analisamos como a Igreja Católica, unida às demais agremiações, passou a combater o meretrício ou as práticas dos homens neste sentido. As mulheres recém casadas deveriam participar de um curso direcionado principalmente para esta convivência dos maridos.

Saber aceitar ou "vencer o marido pelo cansaço" era uma forma de manter o casamento. A mulher honrada, mãe de família, caracterizada pela moralidade e bons costumes tinha também que ter cautela para com as peripécias dos maridos fujões.

Os jornais pilhéricos noticiavam movimentações inquietantes na “Rua do Chico Novato”, onde funcionava o meretrício. Às margens do Açude Berguedof, muitas manifestações de traições, bebedeiras, orgias sexuais, tentativas de homicídios e a consumação destes, abortos, eram uma constante e a sociedade era vigilante.

Tornava-se até um paradoxo perceber este espaço. Era demasiadamente plural, pois as intenções daqueles que frequentavam o meretrício, se entrelaçava com as manifestações culturais de quem tinha este espaço como seu, se reconhecendo, dividindo as metas e os anseios. O homem se confunde com o que vive ser meretriz no prostíbulo e depois sair para a rua não modificava a condição de vida da mulher pública.

A força policial, encarregada de manter o controle no espaço reservado, muitas vezes também usufruía das situações de vida desregrada. O meretrício ao mesmo tempo que inquietava, levantava também desejos. Um espaço plural e conhecido na sua essência por poucos, embora muitos fossem os freqüentadores, muitas vezes nem mesmo as meretrizes sabiam realmente como era o meretrício; como era aquela vida cheia de desejos e motivações, de angustias e explorações.

No final das contas, o que realmente interessava era a própria sobrevivência e assim, numa sociedade onde a venda do corpo acarretava um lucro proporcionalmente mais fácil, pagar o preço da recusa social até poderia valer a pena.

Os cursos preparados pela Igreja Católica para as moças recém casadas, era um projeto religioso não só ipuense.,entretanto, nesta cidade ele se deu em maior escala tanto por conta da existência do meretrício, como também pela influência de jornais católicos, estritamente conservadores e que circulavam nas casas das famílias da cidade.

A mulher não poderia cair na tentação da trair o marido. Este pecado social não poderia ser perdoado, no entanto, o do marido era somente consequência de um casamento que deveria ser observado, em seus princípios religioso, já na formação da sociedade colonial brasileira,levando o homem a carregar consigo esta fraqueza que por este motivo deveria ser perdoado.

Os namoros considerados “indecorosos” praticados não só no meretrício também passaram a ser atacados e aí, não somente pela Igreja, mas pela própria sociedade. Em determinado momento o que se percebeu foi a real preocupação social em deixar que as manifestações que aconteciam no meretrício transcendessem as barreiras imagináveis da sociedade controlada, do espaço do prazer liberado aos olhos dos usuários, mas que vigiados pela sociedade em todos os seus meandros.

Assim, desenvolvemos o trabalho direcionado para a formação da sociedade ipuense no quesito desenvolvimento e a busca pela preservação da moral, tendo como foco central o meretrício ipuense que teve em seu contexto uma importância fundamental para o crescimento e formação da cidade.

Um ponto importante deste estudo, também, foi a demonstração de que "a história pode ser escrita através dos "temas malditos" e que as meretrizes ipuenses do inicio do século XX também tiveram "vez" e "voz" nas humildes interpretações deste historiador.

CAPÍTULO 1

Chegam os trilhos, mudam-se os modos: Intelectuais X Meretrizes

1.1. Na visão de "progresso", surgem as meretrizes

> Quem investiga os factos primitivos da nossa história nota logo ao fim de pouco tempo uma confusão de successos, narrações sem nexo, sem critérios, datam que diviam estar depois e estão antes dos acontecimentos respectivos, personagens que não tiveram a mínima consideração dos seus contemporâneos, não mereceram attenção alguma do governo, não tratam delles, nem de leve, os documentos do seu tempo, e, no entanto, apparecem como conquistadores, homens notáveis, e cercados os seus túmulos de verdadeiros prestígios[12].

Dentro de uma observação historiográfica, podemos perceber a clara evidência de uma preocupação do escritor, com relação a determinados fatos e personagens que merecem ou mereceram destaque nos registros históricos de um determinado local e que ficaram à margem destes registros.

Souza está falando da cidade de Ipu[13] e assim, escrevendo a "História da Cidade" a partir de sua visão e formação. Principalmente no final do século XIX e inicio do século XX, alguns trabalhos foram escritos nestes parâmetros, com a preensão de serem deixados para a posteridade, como forma de demonstração do pensamento daqueles que "detinham o saber" e, consequentemente, o poder.

Se levarmos em consideração que a cidade em si não se faz independente de conflitos, a clara manifestação de pensamentos a partir da escrita oficial deixa lacunas no que tange à possível neutralidade, ou seja, personagens históricos ficam à margem desta escrita, por serem considerados "inferiores" no plano de apresentação da cidade para um possível público, que não muito raro, detém "o saber" ou o poder da escrita e convive num meio social relativamente fechado.

As meretrizes da cidade de Ipu, neste período de formação, não aparecem diretamente como personagens principais de contos, almanaques e artigos de jornais, porém, nas

---

[12] SOUZA, Eusébio de. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. **Um pouco de historia** (Chronica do Ipu). 1915. p. 157.

[13] Cidade localizada segundo descrição proposta pelo IBGE. Conforme a regionalização do Ceará, o local onde se situa a cidade de Ipu está inserida na Região Administrativa 5, composta pelos municípios de Canaubal, Croatá, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, São Benedito, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará, que concluem como sendo integrantes da Serra da Ibiapaba ou Serra Grande, popularmente conhecida na região.

entrelinhas das escritas percebemos as relações sociais que elas desempenhavam e o envolvimento direto e indireto no seio das grandes agremiações, fundadas em Ipu naquele momento, muito embora, grosso modo, ficassem na maior parte das vezes na clandestinidade.

Eusébio de Souza, jurista, escritor e pesquisador[14] e um dos mais atuantes membros da sociedade de Ipu, embora não tenha sido ele um ipuense nato, passou a ter um papel de destaque nos rumos que tomaria a cidade. Veio para a cidade em um momento em que ela passava por uma mudança significativa, sobretudo de ordem econômica. Como um homem detentor do poder, circulando nos espaços reservados os "homens ilustres" do lugar, fazendo parte de um grupo que quis viver algo novo, passou a ter voz ativa e a decidir sobre os rumos que tomaria a cidade a partir daquele momento.Façamos uma pausa e falemos um pouco da cidade de Ipu dos primórdio do século XX.

Naquele momento, a cidade de Ipu passou por um processo de mudanças bastante significativas. Tais mudanças foram fortemente influenciadas pela chegada da ferrovia que, em 1894, ligou a pequena Ipu a cidades já destacadas, como Sobral, Camocim e Crateús. Esta passou a ter um meio de transporte capaz de escoar a produção local e trazer novidades de outras praças do Brasil e da Europa, uma vez que o porto de Camocim recebia companhias de navegação nacionais e européias.

O algodão produzido em Ipu em meados do século XIX, por exemplo, após a chegada da ferrovia, passou a figurar como principal produto da economia local. O que atesta em 1921, o jornal *Correio do Norte*, baseado em documentos da Estrada de Ferro. Diz o período:

> o Ipú exportou 298 mil kilos de algodão beneficiado (...) não se falando na grande porção de algodão em rama, que a casa J. Lourenço, d'esta cidade enviou para Ipueiras onde possui uma fábrica de descaroçar e que d'áli foi remettida para Camocim (...). Serra da Matta e Ipu são os dois centros de maior producção e exportação de algodão d'esta zona.[15]

Tendo um meio de escoar a produção e um amplo mercado consumidor para o produto, a produção algodoeira do município cresceu significativamente.

---

[14] Eusébio era formado em Direito pela Faculdade de Recife-Pe, assim como a maioria dos bacharéis que habitavam a cidade. Assim, tinha toda influência da Universidade de Coimbra, em Portugal, com uma linha de estudo mais ligada ao rural, assim como um dos acadêmicos da primeira turma desta Universidade, Pe. Ibiapina, que direcionara seu trabalho mais para as cidades pequenas do interior do Estado. Os bacharéis daquela época, formados pela Universidade de São Paulo, tinham influência maior da Universidade de Lisboa, com linha mais administrativa. Daí haverem tantos embates acadêmicos entres estas universidades. Os ideais de progresso podem ser direcionados à influência americana sofrida nas universidades, com o "espírito de libertação" que se via na trajetória de vida destes bacharéis ipuenses. (Informações colhidas com o Pe. Emidio Moura Gomes, da cidade de Reriutaba-Ce, também formado em Direito e estudioso da região. Livro no prelo).

[15] Algodão. *Correio do Norte*. Ipu, p. 1-2, 3 agos. 1922.

Data dos primeiros anos do século XX um crescimento significativo dos estabelecimentos comerciais de outras localidades que comerciavam e que compravam em atacado o algodão dos produtores locais e os revendiam para firmas sediadas em Camocim e Sobral, como o *Armazém Dias, Aragão &* Cia **(**1917)**,**[16] e a firma *J. Lourenço & Cia.,* com filial em Ipueiras[17]. Data do mesmo período a fundação de estabelecimentos comerciais que importavam e exportavam produtos. São exemplos a *Loja do Povo de Leocádio Ximendes & Cia.*[18] , *Odupho Carvalho e Cia, , F. Soares e Brandão*, *Loja Lima & Cia*, loja *Anastácio Corsino de Mello., Aguiar & Assis, A Protetora da Silva Mourão, Francisco Soares de Paiva, Leonardo B. de Araújo, J. R. Aragão Filho*, a firma *Barbosa Aragão & Cia*, e outras.[19]

Poderíamos enumerar muitas outras mudanças significativas que ocorreram na cidade a partir da chegada da ferrovia, como o crescimento populacional[20], o surgimento de novos bairros que margeiam os trilho[21] e a segregação de alguns espaços.

A questão é que, a partir do crescimento da cidade, parte de sua população, principalmente daqueles que enriqueceram com o seu crescimento, passou a adotar um discurso de que a *Terra de Iracema* estava chegando ao progresso. É esta a tese de Farias Filho e mais do que isso, o historiador mostra que além da tentativa de construção de uma representação social da cidade como progressista, seus agentes adotaram práticas efetivas de intervenção na realidade ipuense, cujo resultado foi a construção de espaços reservados para o convívio a sociabilidade de grupos restritos. Buscava-se, desta forma, revelar uma imagem de cidade que fosse compatível com a representação criada. Por outro lado, tudo aquilo que pudesse representar uma mancha no retrato de uma cidade buscada como progressista e moderna era objeto de repressão.

Agora voltemos a Euzébio de Sousa, este que veio para a cidade assumir o posto de Juiz da comarca em 1918, se uniu a um grupo de pessoas que buscavam e lutavam para transformar Ipu em uma cidade do progresso mediante intervenção em seu espaço urbano.

---

[16] *Revista dos Municípios,* Fortaleza-Ce, ano I, nº 1, fev. 1929, p. 17.
[17] Idem, p. 18.
[18] Idem, p. 31.
[19] Além desses estabelecimentos ligados diretamente ao comércio, surgiram outros como farmácias, oficinas mecânicas, uma metalúrgica a "primeira da região norte", clínicas cirúrgicas, "photos" e hotéis. Estes, sobretudo na praça da estação ferroviária, como o *Hotel Maroca,* mais conhecido como *Redez-vous des Amis.*
[20] Em apenas 15 anos (1900 a 1915), mostra o historiador Antonio Vitorino F. Filho que o crescimento populacional da cidade girou em torno de 50%. Ele atribui iss a partir da chegada da ferrovia, uma vez que antes dela o crescimento populacional não era significativo. Ver: FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **O discurso do progresso e o desejo por uma outra cidade:** imposição e conflito em Ipu-CE, (1894-1930). Dissertação de Mestrado, Fortaleza-CE: UECE, 2009.
[21] São os casos do Bairro Pereiros e Corte. Este último leva este nome porque as obras de construção da ferrovia fizeram um corte em um morro para o assentamento dos trilhos. As casas do bairro passam ser construído nos dois lados cortados, margeando, portanto, os trilhos.

Aquilo que deixou escrito para a posteridade, como a "história do Ipu", buscava convencer que a *Terra de Iracema* era o lugar da "promissão", isto é, um espaço que chegaria ao progresso.

Por outro lado, o mesmo processo que levou homens a querer fundar uma cidade do progresso, isto é, o momento de crescimento vivido por ela, trouxe os signos do "atraso" na visão daqueles homens, como as meretrizes.

Assim, paralelo à chegada de "novos ilustres personagens", como Souza e outros tantos, várias meretrizes também foram atraídas para Ipu, acreditando ser possível desfrutar de uma clientela maior ou mais necessitada dos prazeres da noite, uma vez que a cidade se transformara em um local populoso e espaço de passagem para caixeiros-viajantes, representantes de firmas nacionais e internacionais que, portanto, pernoitavam na cidade.

Quando Souza escreveu sua "*chronica*", atuava na cidade como juiz de direito (1913-1918), porém, circulava entre Ipu e Fortaleza e tinha profunda representação no desfecho cultural de ambas as cidades.

Estava ligado à chamada, na época, "*melhor sociedade"*. Aqueles que a formavam acreditavam ter o poder de ditar as formas de vida que deveriam ser exercidas na cidade, creditando para si a criação e o funcionamento das *melhores agremiações*, dentro do contexto social vivido.

Ao chegar à cidade Sousa se juntou a grupos de pessoas que tinham, claramente, um projeto para ela. Tal projeto visava torná-la uma urbe do progresso ou uma "*grande cidade",* e a isto, em uma visão da época, deveria estar incorporado à criação ou existência de determinados espaços reservados para a demonstração ou reserva desta sociedade.

Dentro deste projeto que consistia em erguer na cidade signos do progresso, sobretudo espaços sociais (agremiações, por exemplo), para circulação e convívio (sociabilidades) de homens e mulheres abastadas, não havia espaço para as meretrizes, "antigas ou novatas", uma vez que eram identificadas com os signos do atraso e "elementos" perigosos que colocavam em risco a moral recatada das "famílias ilustres" do lugar.

Como os espaços de sociabilidade (os grêmios, passeios e praças) ficavam bem na área central da cidade, aquelas mais vigiadas e onde foram erguidos os casarões dos mais abastados, as meretrizes não eram bem vindas, embora várias vezes, percebamos a inter-relação dessas, de forma direta ou indireta, resistindo das mais variadas formas para continuar existindo e usando os mesmos espaços que outras pessoas.

O Ipu estava dividido em grupos distintos, de onde sobressaem dois: de um lado, aqueles que se identificavam com o ideário do progresso e da modernidade e buscavam se

diferenciar das outras pessoas pelos modos de vestir, falar, de conviver, isto é, de circular em espaços fechados ao ingresso dos menos abastados. Formavam, portanto, um grupo seleto[22].

Parte destes se arrogavam como "intelectuais", amantes dos livros e detentores de diploma de curso superior, como são exemplos Euzébio de Sousa, Abílio Martins, Augusto Passos, Leonardo Mota e José Osvaldo de Araújo, todos bacharéis em direito, ou mesmo, pessoas como Dr. Chagas Pinto e Francisco Araújo, formados em medicina. Tais homens detinham ainda o poder de mando em âmbito local ao dominar as principais instituições políticas.

De outro lado, existia o grupo daqueles que viviam de forma precária, muitos deles se sujeitando aos mandos e desmandos dos poderosos e negociando emprego e benesses em troca de sujeição. Formavam, portanto, um grupo de pessoas que viviam nos bairros periféricos e eram, muitos deles, objeto de controle. As meretrizes se incluem nele. A questão é que o centro da cidade era o lugar em que todos eles circulavam e, muitas das vezes, suas práticas culturais eram vigiadas de bem perto.

Assim, vamos perceber que a tentativa de controle dos indesejados se dá de forma mais acentuada quando estes circulavam por espaços onde viviam e frequentavam os mais abastados. Com uma cidade dividida socialmente, em que os bairros nobres (Quadro da Igrejinha e o centro da cidade) não se separaram dos bairros pobres (Corte, Pereiros e Pedrinhas), os conflitos se acentuaram no decorrer das primeiras décadas do século XX. Os bairros, cada vez mais seriam demonstrados como demarcações de poder, estando a cidade assim dividida neste período. Segundo Euzébio de Sousa:

> O terreno urbano [de Ipu] divide-se em quatro bairros com uma população nunca inferior a cinco mil almas: o do centro, o do Reino de França, o do Alto dos Quatorze e Alagôa, todos arruados, geralmente de péssima edificação. (...) O Ipú pecca pela falta absoluta de esthetica na sua construcção. Afóra meia dúzia de prédios de edificação caprichosa, tudo mais nesse meio obedeceu aos moldes antigos.
>
> É no bairro central da cidade que se acha estabelecida a sua melhor edificação. Constitúe elle, por excellencia, o elo principal para onde, em regra, convergem todos os negócios, concentra-se toda a sua energia vital, reside a sua melhor sociedade, em fim, desenvolve-se, em sofrível escala, o comercio do município.[23]

[22] Quem pertencia a este "seleto grupo", eram comerciantes, políticos, padres, advogados, juizes e promotores, além de poetas e músicos, onde entre outros, frequentavam as agremiações existentes no início do século na cidade de Ipu.

[23] Souza. op. cit.p. 199

A cidade de Ipu naquela época, unindo a zona sertaneja, serrana e central contava com uma população geral em torno de 40 mil habitantes, porém, aqueles que faziam à zona rural, visivelmente superior em quantidade de números e territórios com uma diferença de quase 35 mil pessoas, não aparecem como destaque, como sustentáculo da economia local, mas como a margem social por conta principalmente de não pertencerem aos "espaços de poder".

Podemos também lançar o olhar para o lado econômico, uma vez que esta população rural de certa forma excluída socialmente, era quem dava sustentação e base ao poder e prestígio da população urbana, sustentando o comércio e, teoricamente, à própria cidade com os impostos e negociações que desenvolviam. Grande parte deles eram, ainda, freqüentadores do cabaré, tendo alguns inclusive suas parceiras preferidas.

O poder estava associado a ser agremiado, freqüentar a melhor sociedade, falar francês e a isto vamos observar que em sua divisão aqueles que faziam parte das agremiações criadas, não chegavam a enumerar cinqüenta freqüentadores, pois seria a "*melhor sociedade".* Aquela que estava presente no poder de decisão, que tomava para si o encaminhamento cultural, social e econômico da cidade.

Esta sociedade residindo principalmente no centro vivia em paralelo com os locais tidos como propícios para as decisões de mando. A Estação Ferroviária seria o *lócus* desse movimento, então, local de deslumbre da sociedade. Assim, determinados grupos também se destacavam, como já demonstramos, a eles se incluindo Eusébio de Souza.

Eram estes homens que tomavam para si a tarefa de transformar a cidade em um outro espaço identificado como algo novo, diferente da "barbárie", que interferiram e se tornaram os guardiões em defesa dos bons costumes e preceitos morais, segundo suas convicções. No caminho de dotar a cidade de novos espaços, equipamentos identificados com o progresso, a defesa de valores morais e o ataque ao que consideravam imoral era também parte do mesmo processo.

Na estação, junto aos ipuenses que para lá se dirigiam para tratar de assuntos diversos ou tão somente para acompanhar o vai e vem do trem e das pessoas, existia uma mistura de intenções. Uns comercializavam produtos vindos da "Serra Grande"[24] ou do litoral camucinense, outros produtos vindo dos Inhamuns ou da capital e desse modo, o centro da cidade, principalmente nos dias de maior pico, se tornava o ponto de encontro de diferentes

[24] Como é conhecida popularmente toda a extensão da Serra da Ibiapaba, compreendendo desde a cidade de Ipu até a divisa da cidade de Tianguá com o vizinho Estado do Piauí.

segmentos sociais, e estes segmentos passavam a ser também controlados, ou senão, vigiados[25].

Convergia para o espaço central da cidade, além dos grupos já citados, um outro grupo que se confundia por completo com os interesses daqueles que formavam a "melhor sociedade ipuense". Eram as meretrizes que para a estação se dirigiam em busca da prática sexual com os comerciantes e frequentadores daquele espaço.

A estação era um dos locais mais movimentados da cidade e aquele em que os relatos sobre a prática da compra e venda do sexo eram mais frequentes. Sempre nos horários de embarque e desembarque, lá estavam elas, tentando seduzir seus futuros clientes. A cena incomodava aqueles que defendiam que a cidade estava se modernizando. Seus filhos mais "ilustres, aqueles que se incomodavam com a cena, buscavam, mediante argumento de ordem moral, banir as prostitutas daquele espaço. Como detinham o poder político e, portanto, os meios repressivos usaram, não obstante, a força bruta contra as meretrizes que ali se insinuavam.

Tirando como base interpretativa às narrativas de Souza, observamos que ele busca mostrar a cidade como um local que progredia e se colocava mesmo com um dos agentes responsáveis pelo momento de progresso que vivia a urbe[26].

A mudança da estética da cidade era resultado da construção de obras e prédios novos com recursos do erário e verbas estaduais e federais conseguidas pelo grupo que estava no poder em Ipu e da qual Sousa era um dos membros. Se a estética da cidade estava mudando, era preciso, por outro lado se lutar contra os costumes que não condiziam com este "novo momento".

Na visão de Souza, a cidade ipuense ainda é mostrada em 1915 como atrasada mas, em profundo processo de melhoramento, onde ele no decorrer da escrita apresenta os inúmeros "avanços" , principalmente nos meios intelectuais.

Para justificar o crescimento ele se apóia em Bezerra, muito embora não faça a citação do autor mais o seu comentário, quando diz que "A cidade do Ipú é uma terra predestinada a

---

[25] Em 1900, a estrada de ferro que passava pelo Ipu possuía 06 locomotivas, 10 carros para passageiros e bagagens, e 42 Wagons para mercadorias e animais, com renda bruta anual de 350:000$000, com um trem diário misto entre Camocim e Ipu, partindo de Camocim às segundas, quartas e sextas-feiras e regressando do Ipu nas terças, quintas- feiras e sábados, às 06 horas da manhã. Com trens de carga facultativos e os de serviços da estrada a média de trens se elevava a três. Ver. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900. p. 18.

[26] Ser agremiado, ler francês, frequentar espaços de discussões como gabinetes e editoriais, produzir e ler jornais, eram características primordiais para se apresentar como integrantes de uma sociedade progressista, advindo estas características com a estrada de ferro, que conduzia os aparatos necessários para a sustentação destas circunstâncias.

grandes commettimentos, futuramente (...) segundo paciente observador"[27], e o *paciente observador,* Antonio Bezerra, datando o momento de sua escrita no ano de 1885, publicando-a na primeira edição em 1889, vai trabalhar a imagem do Ipu, no seu aspecto, como sendo a cidade que:

> (...) consta de uma grande praça, circulada de vários prédios excelentes (...).
>
> Sua planta ocupa vasto espaço, e por sua posição em relação ao sertão e vizinhança da serra, dispõe de meios para vir a ser uma importante cidade.
>
> Na praça da matriz se encontram estabelecimentos comerciais bem sortidos, onde abundam mercadorias estrangeiras[28]

É uma cidade, muito embora pequena na sua parte central, mas com prédios que se destacam; tem uma localização que lhe favorece economicamente e ainda que neste período não tenha sido inaugurada a estação ferroviária o comércio já dispõe de artigos estrangeiros. *Dispõe de meios para vir a ser uma cidade importante*, e já demonstra isso, na visão de Bezerra, pois como percebe, a cidade "já possui um gabinete de leitura enriquecido com mais de trezentos volumes e (...) trata-se da aquisição de uma tipografia"[29].

A cidade neste momento tem os mesmos quatro bairros descritos por Eusébio. Não se tem referência a nada sobre a estação, pois a mesma ainda não existia, mas na visão de Menezes, o "progresso" era iminente, podendo chegar a ser a cidade mais importante da região noroeste (atual divisão) do Estado.

Também não vamos encontrar referência aos costumes da época mas, o que se percebe com clareza, é esta disposição que determinados citadinos vão ter para com a iniciativa principalmente da leitura, com a já existência de um *gabinete de leitura*, que vai acabar com o passar dos tempos e ser retomado na segunda década do século XX e, ainda, a introdução da tipografia, desejo já neste período, que também vai se concretizar na primeira década do mesmo século.

Pouco se escreve sobre as meretrizes desta época, ou quase nada, pois estas não interessavam ser mostradas, e sim os "grandes feitos dos grandes homens". Elas seriam a manifestação clara do descaso, da incompetência da sociedade e também da devassidão do homem e desprezo pela família, entidade que deveria ser preservada e vigiada, como veremos em capítulo adiante.

---

[27] SOUZA. op. cit. 206.
[28] BEZERRA, Antonio. **Notas de Viagem.** Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza: 1965. p. 200-201.
[29] Idem, p. 220

Neste primeiro momento, observamos algumas pessoas da chamada "*melhor sociedade*" se destacando. Unidos a outros buscaram intervir no espaço urbano sob a alegação de fazer a sua terra se desenvolver. São entre tantos outros o farmacêutico Thomaz de Aquino Corrêa e o comerciante Herculano José Rodrigues que se tornam, pela memória construída daquele período, ícones na sociabilidade ipuense.

As primeiras agremiações e locais de sociabilidades são erguidos em Ipu a partir da introdução da estrada de ferro. Com a chegada de outros agentes progressistas, mais tarde, tais espaços se firmaram como importantes. São eles mesmos entendidos como espaços que representam o "progresso" vivido pela cidade naquele momento.

Interessante perceber ainda que neste momento não vamos encontrar diretamente nenhuma referência à mulher, principalmente a mulher considerada "pervertida", a prostituta, nem tampouco a existência de locais próprios para estas práticas sexuais. Óbvio que, dentro desta maneira de escrita desenvolvida na época, assuntos desta natureza eram considerados "malditos", mas para nossa primeira análise podemos observar ainda, voltando a Eusébio, que ele vai deixar referência a algumas práticas "desordenadas" na cidade, quando apresenta alguns aspectos patológicos da mesma, quando em determinado momento, diz que:

> A syphilis e blennorrhagia (sic), e as moléstias venéreas, em geral communs a todas as cidades e a todos os paises (...) no Ipu se encontra com muita freqüência.
>
> As conseqüências funestas destas affecções mórbidas, o estudo de suas variadas manifestações pathologicas, não cabem nos moldes de nossa exposição.
>
> (...) Mesmo assim, medidas de alcance geral são requeridas e o poder competente dellas deve cuidar[30].

Utilizamos a descrição de Souza, para caracterizar a formação da cidade. Já vimos a manifestação de que nesta existiam apenas quatro bairros e que em nenhum deles, observando de forma atenta, percebemos a existência de um espaço reservado exclusivamente ao sexo. O ano é 1915 e a cidade estava passando por transformações como demonstrado anteriormente.

O *poder competente* confunde-se com "as pessoas competentes", os representantes da sociedade deveriam zelar pela limpeza das mulheres e consequentemente da cidade.

No centro estavam as meretrizes assim como existiam as agremiações elitistas e ainda a tentativa de expulsão daquelas deste espaço, característica esta que trabalharemos em determinado momento. Eusébio não revela diretamente a manifestação das meretrizes na cidade, ou no centro dela, mas também não nega a existência de *pathologias* venéreas, e mais

[30] SOUZA, op. cit. p. 217.

adiante, passa a conclamar os poderes públicos, inclusive citando leis, para que se preocupem da melhor forma no que se refere ao combate a estas patologias e, paralelamente, a quem possa transmiti-las.

Neste ponto, Eusébio vai chamar a atenção das autoridades higiênicas para que observem os locais onde se pode ser contagiado por estas doenças, o que podemos perceber como sendo espaço onde o sexo seria praticado de forma "descontrolada", ou seja, com pessoas determinadas a estas atividades.

A cidade estava se transformando e todo um modelo de cidade progressista estava sendo trabalhado. Toda uma forma de vida estava sendo demonstrada como perfeita e as meretrizes, ou o costume marginal, não era o exemplo destas práticas.

Ao lado da construção de um imaginário da cidade, vista como progressista, um outro imaginário foi criado. Uma manifestação cultural e a construção de um "imaginário perfeito" para a cidade, representação esta descrita nos poemas e obras, como observaremos ainda neste capitulo, que vão nortear a base de nossa análise, pois percebemos que existia toda uma preocupação em "criar" para a cidade um modelo "perfeito" a ser seguido e este modelo seria a imagem da Índia Iracema, personagem de José de Alencar.

Esta Índia ou o imaginário desta, vai se' confrontar diretamente com a visão de mulher pública, que seriam as meretrizes. Ela (índia) a mulher que deu formação à nossa sociedade, a partir do hibridismo com o branco europeu, que deu margem à "origem" do povo ipuense.

A meretriz, mulher suja, vulgar, sem "cultura", que tinha a desonrosa atividade de envolver os cidadãos na perversão e assim, macular a honra das famílias num costume insano, colocando todo um projeto público em evidência por simples satisfação dos prazeres da carne de forma adúltera por parte de um grupo indesejado.

1.2. Entre Almanaques e intenções. A cidade se transforma

> O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si[31].

[31] FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 49.

Toda produção é a tentativa de representação[32] do meio vivido, pois é feita por homens e estes lançam em suas construções um manifesto de seus pensamentos, de suas crenças, de suas ideologias e isso se dá de modo consciente ou inconsciente mas lá se acham. Assim, podemos ter como base a alegativa foucaultiana, levando em consideração que os discursos não devem ser considerados somente aqueles que são escritos, mas variadas manifestações que tomam forma diante de uma observação mais apurada por parte do pesquisador.

Estes discursos são produzidos, principalmente, a partir da iniciativa de grupos que detêm determinado pensamento adquirido no convívio do meio em que estão inseridos. "Verdade ou mentira", ele é imposto numa ótica direcionada, pois é escrito, na maioria das vezes, por aqueles que possuem as condições logísticas para a reprodução deste pensamento, que vai (ou poderá) ser concebido como verdade.

Nesse sentido, o que vai ser "mapeado" como importante para ser "perpetuado" na memória coletiva é caracterizado pelo interesse pessoal de quem produz, pois determinados ritos, signos, reproduções ou documentos serão lançados à posteridade como "verdade", como bem disse Le Goff quando:

> O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (...) O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo[33].

Se fizermos um contraponto entre o que nos diz Foucault e Le Goff, os dois são convictos da intencionalidade consciente ou inconsciente de quem produz determinados documentos, lançando-os como verdades, fazendo (ou tentando fazer) com que os mesmos se tornem "monumentos", basicamente como diz especificamente Le Goff, onde faz uma análise histórica da função do documento. Como ele se torna monumento, ou seja, para que e por quem foi desenvolvido ou em que circunstâncias foram preservadas.

---

[32] Ver.: FREITAS, Marcos Cezar (org), **Historiografia brasileira em perspectiva.** 3º ed. São Paulo: Contexto, 2000.

[33] LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. IN.: **História e Memória.** 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 538.

O documento se torna monumento, quando evoca o passado, preservando a memória, dando margem para conservação e ostentação do poder por parte de determinados grupos. Este documento seria a "prova" concreta dos fatos, muito utilizado pela escola metódica,assim, o documento em si já seria a comprovação da verdade.

Com a Escola dos Annales existe uma ruptura nesse conceito "positivista" de história. A história dos grandes homens e fatos dá lugar a uma história social e das massas anônimas, isto é, dos humildes com o uso de novas fontes, principalmente com as análises dos registros paroquiais, os quais continham documentações gerais das classes, sejam elas ricas ou pobres, certidões de óbitos ou casamentos, batizados, enfim, cerimônias gerais.

Os fundadores dos Annales Marc Bloch e Lucien Febvre colocavam em evidência a veracidade dos documentos, estes deveriam ser questionados, pois o documento é fruto da vontade de um grupo ou pessoa, que têm interesses próprios e buscam legar para posteridade uma imagem do passado, segundo seus interesses.

Parafraseando Le Goff, todo documento tem um cunho de mentira, assim como também da verdade, o que leva o historiador a trabalhá-lo de forma que descubra o não dito em suas entrelinhas percebendo as reais intenções e o contexto com que este documento tenha sido produzido[34].

Nesta perspectiva, irão ser "criados" documentos que vão se tornar monumentos logo no inicio do século XX em Ipu, e junto a eles, toda uma formalização e demonstração de interesse de manifestação de uma sociedade letrada e perfeita ou dividida entre letrados, intelectuais ou integrantes de grupos, mas uma sociedade que se preocupa com "as letras" e o desenvolvimento da cidade.

O primeiro Almanaque Ipuense vai ser escrito em 1899 e publicado em 1900 e o segundo publicado em 1901, e estes vão ser lançados como marco de um novo tempo na cidade de Ipu e considerados documentos/monumentos.

No final do século XIX início do século XX, a cidade de Ipu passava por profundas transformações espaciais, como vimos, obedecendo aos preceitos de que esta não é estável em sua formação, pois sofre intervenções a todo o instante, sejam elas de cunhos territoriais, sociais, econômicos, culturais, entre outros; nas diferentes camadas existem transformações de acordo com o "tempo vivido" pelas mesmas, pois a cidade é dinâmica e assim, percebemos que toda "organização" desta se desenvolve a partir de uma perspectiva de desequilíbrio.

[34] Ver: BURKE, Peter. **História e teoria Social.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Nenhum agrupamento humano é destituído de conflitos e quando se fala principalmente de cidade, vivenciando uma temporalidade de transformação do espaço mais visível, como no caso de Ipu, teremos uma percepção da transformação do imaginário coletivo[35], a partir das próprias modificações que a cidade vivencia como bem disse Oliveira Junior, quando "toda ação dos homens sobre o espaço pressupõe um intenso e engenhoso trabalho de imaginação"[36], e esta imaginação, vem de acordo com o meio em que o homem está inserido.

Até 1900 encontraremos em um dos livros de memórias da cidade[37], referência à existência de pelo menos quatro jornais manuscritos, sendo eles: "O Sol, A Brisa"[38], "O Espelho e o Paladino do Norte"[39], e em 1890, "O *Ipu*ense"[40], os quais infelizmente não tivemos acesso pela deterioração e falta de preservação dos referidos jornais pelos setores competentes da cidade.

Porém, em 1899 foi escrito na cidade o primeiro Almanaque Ipuense,sendo o mesmo lançado no ano seguinte à sua produção. A este Almanaque daremos maior ênfase nas nossas observações se quisermos entender um pouco do que norteava o pensamento da população da cidade.

Quem produziu e o porquê de tê-lo feito? Vamos perceber que este Almanaque vem ser desenvolvido com a preocupação metódica de construção ou perpetuação da memória de personalidades consideradas "importantes" como "heróis da pátria", no estilo de General Sampaio, Padre Mororó, entre outros.

Em 1900, a cidade já recebia a influência da chegada da estrada de ferro, porém, o Almanaque deixa explícito ainda a preocupação que o ipuense tinha para com a seca, pois o que distancia a publicação do referido almanaque da última grande seca que ocorreu no ano de 1877 são apenas 13 anos e esta mesma seca deixou conseqüências negativas explícitas na cidade. O imaginário do "progresso" com a introdução da ferrovia, ainda se confundia com a

---

[35] BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. IN.: **Enciclopédia Ginaudi**: Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985 (Antrophos / Homem, V. 5). pp. 291-332. O conceito de imaginário utilizado por Baczko, muito se assemelha com o conceito de representação social, ou ainda, com o conceito cultural, trabalhado por Maria Beatriz Nizza da Silva, estudado por Souza. Ver: SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da Historiografia da Cultura sobre o Brasil Colonial. In.: FREITAS, Marcos Cezar (org), **Historiografia brasileira em perspectiva.** 3º ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 33

[36] OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas:** a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará / secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 41

[37] MELLO, Maria Valdemira Coelho. **O Ipu em Três Épocas.** Fortaleza: Popular Editora LTDA, 1986. p. 31

[38] Redatores Félix Cândido e Thomaz de Aquino Corrêa.

[39] Redator Eduardo Sabóia.

[40] Primeiro Jornal impresso da cidade, com direção de Júlio Cícero Monteiro, datado de 20/10/1890.

imagem da seca, dos retirantes, "frutos" do atraso em que o "nortista" então vivenciava, como vemos:

> Nas praias onde rijo sopra o vento
> Agglomeram-se os filhos da desgraça...
> Visita-os curiosa a populaça,
> Sem alivio trazer ao seu tormento.
> A nenhum compadece o sofrimmento
> Dos miseráveis que a fome caça;
> Indifferente o orgulho passa
> Ao pobre mostrando-se opulento. (...)
>
> É assim que se vê a immensidade
> Do povo, que jamais aqui virá
> Sob lucto, a miseria, a orphandade. (...)
>
> A' pouca sombra d'arvore despida
> Sentam-se as famílias – pobres emigrantes,
> Onde vém mais tarde os visitantes
> Que não pensam siquer – poupar-lhes as vidas[41].

A seca, os retirantes e a fome são retratados pelo autor como uma coisa visível na cidade, neste caso se reportando a Camocim, mas publicado numa produção da cidade de Ipu, o que deixa margem para interpretarmos como estas duas cidades passaram a estar interligadas com a estrada de ferro. Outros autores camucinenses também escreveram seus poemas ou textos no almanaque, reportando-se ao que eles acreditavam ser importante para eles ou para a "cidade de Ipu".

Antes de qualquer análise, gostaria de mencionar que a iniciativa de dar maior ênfase interpretativa aos poemas que se seguirão, principalmente nos almanaques, se dá pela tendência que os autores tinham em dar preferência a este tipo de produção. No decorrer das páginas veremos, muito embora não seja manifestada explicitamente esta intenção, que o grau de "intelectualidade" dos colaboradores era visado a partir da forma como manifestavam seus pensamentos através dos poemas e como escreviam devendo obedecer de certa forma algumas regras na produção.

Quem escreveu e, ao mesmo tempo, que público seria os leitores deste almanaque? Ora, o que sabemos é que a confecção deste trabalho e o seu manuseio na cidade, ficara a

[41] PATRIOTA, Um. Os Emigrantes. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900. p. 75. Este poema foi escrito na cidade de Camocim no ano de 1899, e por algum motivo, o escritor se manifesta em seus poemas no decorrer do Almanaque com a alcunha de patriota. A influência de outras cidades na produção do Almanaque vai ser visível, principalmente nas cidades que são cortadas pela estrada de ferro, ou que entre elas existem ligações. Este Almanaque foi escrito em menor escala por ipuenses, como veremos adiante.

cargo de um pequeno grupo[42], que se tornara selecionado principalmente entre os comerciantes que aqui se instalaram, vindos principalmente da cidade de Camocim.

Muito citado o lugarejo chamado Entre Rios, que descobrimos sua localização entre a cidade de Sobral e Ipu, distante dos dois em cerca de 50 km, referência esta feita no próprio corpo do almanaque. No que se refere a esta localidade, vamos encontrar o escritor desenvolvendo sua narrativa alcunhado pela sigla F. S e, outras vezes, utilizava este a alcunha, também, de O Patriota.

Outros narradores também vão se reportar ao mesmo lugar como o próprio redator do almanaque Herculano José Rodrigues[43], que vai dispensar quase três laudas da revista, contando causos deste lugar, principalmente no que se refere a contos religiosos.

Herculano era formado em direito, muito embora tenha chegado à cidade somente no final do século XIX e passando nela algum tempo, não exercera sua profissão, mas a de comerciante se envolvendo com grupos sociais aqui existentes e fundando o Almanaque que vai trazer em suas duas edições (1900-1901) a colaboração de pessoas do "não-lugar", ou seja, de forma pejorativa, o Almanaque pertence à cidade, mas não tem a sua cara, pois não podemos reconhecê-la nas escritas, salvo em alguns pontos que se seguem escritos por pessoas que nela moravam e comercializavam e que, mais a frente, depois de ser "trabalhado" todo um sentimento de pertencimento à mesma por parte de alguns correligionários, esta aparece como centro principal nas produções que se seguem, principalmente nos jornais que passarão a circular posteriormente.

Neste sentido, podemos perceber os almanaques que tiveram início com Herculano como um embrião deste sentimento de "intelectualidade" que irá ser manifestado em seguida, e como disse, de pertencimento a esta terra.

O Almanaque serve como um divisor comum dos tempos, ou seja, antes do almanaque, depois do almanaque e que a ele pode-se colocar como força motriz a introdução da estrada de ferro, pois esta fez com que determinados setores sociais da cidade que estavam distantes ou não, para cá viessem para desempenhar suas atividades econômicas ou sociais que vão surtir um reflexo na produção intelectual do lugar e também na manifestação maior de determinados segmentos em pertencer a estes grupos.

---

[42] O último exemplar do Almanaque conhecido hoje, é curado pelo Professor Francisco de Assis Martins, que fora restaurado por coincidência por este autor quando remexia em suas fontes, herdadas de seu genitor João Anastácio Martins, homem de confiança de Joaquim Lima e a quem fora confiado a guarda de referida documentação. Estava em estado deplorável e sem condições de leitura no momento. Não se conhecia o conteúdo do Almanaque nem sabia-se se o era realmente.

[43] RODRIGUES, Herculano José. Pedra do Sino. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900. pp. 72-74. Este poema foi produzido em 1899, como está escrito no final da página.

Na análise dos almanaques de 1900 e 1901, a maior parte dos registros são baseados em oferecimentos a pessoas que até então têm destaque social na cidade principalmente como comerciantes, mas não no meio da intelectualidade, pois a esta manifestação não percebemos maneiras de como elas fossem apresentadas.

O que se pode destacar seria o direcionamento familiar, ou seja, menções às classes sociais de prestígio econômico. Exemplificando, encontramos, entre outros, oferecimentos à pessoa de *Joaquim F. da S. Correia* através do qual fizemos então uma relação de parentesco com a família Correia da cidade de Ipu, onde percebemos a influência que a mesma tinha sobre esta terra. Eles detinham naquele momento, prestígio em todas as esferas sociais da cidade consideradas representativas e, não obstante, neste almanaque encontramos seu pensamento registrado em um dos poemas que se segue:

> Em lucta insana passa noite e dia
> O avaro, da ambição acorrentado;
> Come mal, peior veste, o desgraçado,
> Não tem um só instante de alegria.
>
> Riquezas acumular – eis seu cuidado,
> A usura elle chama economia
> Os nobres sentimentos repudia,
> A' furtar passa a vida o renegado!
>
> Enganar, extorquir a humanidade,
> Com lábias de fingida piedade,
> E' do vil avarento o vil estudo.
> Mas um dia... o espírito se evóla,
> Corrompe-se a material – Que graçola –
> E os bens ficam na terra! – Que canudo[44].

Ao homem se for aceito a hipótese de que ele é produto de seu meio, isso se demonstrará através de seus atos, suas manifestações culturais, religiosas, mas principalmente, nas suas produções literárias, ainda mais quando esta arte surge por meio da poesia muito evidente neste almanaque.

A maior parte dele(almanaque) está estruturado nesta forma de escrita, muito embora, acreditamos ter nexo em cada uma delas pois são escritas direcionadas. Acreditamos que as mesmas contêm em sua essência o que o autor acredita como sendo importante de ser relacionado e mostrado para a posteridade. Neste almanaque, vamos perceber a profunda influência católica, pois além da relação anual dos santos da Igreja Católica encontramos

[44] CORRÊA, Thomaz de Aquino.. O Avaro. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900. pp. 48-49.

também poemas para a igreja e alguns manuscritos feitos por padres da região ou extraídos de outros livros da época.

No caso de Corrêa percebemos esta característica pois observando atentamente seus poemas neste instante, não encontramos outra relevância que não seja o caráter religioso de sua escrita, o que vai deixar transparecer o seu pensamento católico, como diz Geertz, quando:

> O que o homem é pode estar tão envolvido com onde ele está, quem ele é e no que ele acredita, que é inseparável deles. É precisamente o levar em conta, tal possibilidade que deu deter margem ao surgimento do conceito de cultura e ao declínio da perspectiva uniforme do homem (...) não existem de fato homens não-modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e, o que é mais importante, não poderiam pela própria natureza do caso[45].

Esta assertiva vai ratificar nosso pensamento, pois como trabalhamos, o homem produz imagens de seu eu que passa a ser demonstrada como sendo imagens coletivas para a posteridade, como entendemos ainda quando "qualquer grupo social fabrica imagens que exaltam o seu papel histórico e a sua posição social, não se definindo senão através dessas representações"[46].

A representação que Corrêa deixa transparecer é a de um grupo preocupado com a "salvação da alma", pois a usura, o lucro, nesta perspectiva, seria muito condenada pela igreja, e ele como religioso que era não fugia a esta discriminação da busca pela riqueza, muito embora o mesmo fosse além de manipulador de medicamentos (trabalhava com ervas naturais) proprietário de uma farmácia, ainda de propriedade da família nos dias atuais, com inauguração em 1896, ou seja, dois anos depois da inauguração da estrada de ferro Ipu - Sobral (04/10/1894).

A família Correa, nas décadas que se seguem, vai ter profunda participação nos meios sociais e religiosos e também vai tentar combater determinadas práticas consideradas pervertidas, embora encontremos relatos nas fontes de "supostas visitas" de representantes desta família em pontos da cidade considerados "malditos".

Outro quesito que podemos perceber no almanaque seria o direcionamento que os escritos tomam, uma vez que quem escreve, direciona os leitores explicitamente, ora homenageando determinada personalidade, ora também lançando perguntas (charadas) para outro, como se o público fosse bem seleto. Quem escreve e para quem escreve.

Numa sociedade em que poucos dominavam a leitura podemos ter uma idéia de quem recebia os trabalhos publicados na cidade. Pequeno grupo que vai se formando no decorrer do

---

[45] GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 26
[46] BACZKO, Bronislaw. Op. Cit. P. 305

tempo, no espaço da cidade, grupo este que adquire uma forma de vida diferente criando novos valores para a população, se colocando como guardiã desses valores como observamos no decorrer do trabalho.

Quem lia este Almanaque, ou os escritos da época, sendo pessoas selecionadas, eram vistos com olhar diferente na cidade. Uma espécie de olhar elitista, como vemos em mais um poema do almanaque, que vai ilustrar o grau de posicionamento que eles davam para aqueles que se manifestavam na arte da educação. Vejamos a seguir:

> Hoje são quinze do meu mez de aulista,
> Ando com a crista para o chão cahida;
> Em os meus bolsos de estudante pobre
> Dez réis em cobre já não tem guarida.
>
> Aonde pára a infeliz mesada
> A mim mandada pela mãe querida?
> Talvez na bolsa de qualquer jurista
> Esta hora exista bem e bem cosida. (...)
>
> Fica sem crédito, perde o anno, a amante,
> Dá em vagante – o que quer que faça?
> Começa então a freqüentar orgias,
> E vai seus dias terminar na praça[47].

O estudante é mostrado como "vagabundo" no decorrer do poema, pois não tem dinheiro e vive a expensas de sua família. A maioria dos que compunham o álbum ou eram comerciantes na cidade de Ipu e adjacências ou eram profissionais já qualificados como padres, médicos, professores, entre outros, mas que já tinham passado pelo estágio de "pobreza" que regia a vida do estudante, como vemos nos versos acima.

A cidade de Ipu era composta, em sua grande maioria, por pecuaristas e agricultores que não davam muito crédito ao estudo mas ao trabalho na terra, e daí, percebemos isto mais explicitamente quando observamos a preocupação que os mesmos tinham com os períodos entre invernos, períodos estes considerados escassos no que concerne ao pasto e às bonanças que os tempos chuvosos deixam para o homem do sertão. A educação, neste ponto, se tornava prioridade secundária mas o prestígio estava em primeiro plano na maioria das vezes adquirido com o dinheiro que o comércio ou a renda nas terras proporcionava.

Para concretizar este questionamento acredito ser pertinente a observação de que quem organizou este almanaque não fora um ipuense enraizado mas, Herculano José Rodrigues que

[47] M. P. F. J. O Estudante. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900. pp. 111-112.

passara a pertencer aos quadros considerados elitistas na sociedade ipuense. Sua chegada se deu a partir de 1894, ou seja, depois da chegada da estrada de ferro.

A idéia de produzir um almanaque se deu por sua iniciativa mas,vale salientar que, a grande maioria de seus colaboradores não pertenciam à cidade de Ipu,no entanto, já faziam parte de seu convívio anteriormente. Assim, podemos perceber as novas formas de sociabilidade se formando.

Observa-se,portanto, toda uma conjuntura demonstrada como inovadora e, paralela a ela, no jogo de interesses que rege toda uma sociedade, vão aparecer as meretrizes da cidade que,embora em menor escala já existiam, mas não se envolvendo nos espaços de sociabilidade elitistas, principalmente nos que agora estavam se formando. Estas estavam chegando principalmente de trem e na estação ferroviária se firmando utilizando-a como espaço de trabalho.

A cidade começa a se articular no intuito (inconsciente?) de formar os seus grupos sociais e intelectuais e nesta formação o que se percebe é que para o imaginário de quem produzia os almanaques dinheiro, prestigio e intelectualidade estavam inseridas no mesmo patamar e assim, as agremiações vão surgindo com o passar dos tempos.

O primeiro Almanaque Ipuense data de 1900 mas foi produzido em 1899 como vimos e, antes de fecharmos nosso raciocínio, sendo o Ipu uma cidade de origem indígena e colonizada pela coroa portuguesa[48] como dizem os memorialistas da cidade, no almanaque inteiro vamos encontrar um único ponto onde se tem referência a existência da tribo tabajara nestas terras, e vejamos, pouco mais de três gerações apenas havia se constituído, se levarmos em consideração esta informação como verdadeira, o que já está sendo questionado por alguns historiadores recentes na cidade.

> A taba dos Tabayares
> Já nem um guerreiro tem;
> Não existe mais ninguém
> Desses tempos seculares.

[48] Segundo os livros de memorialistas da cidade, em 1694, a coroa portuguesa doou vinte léguas de terras a Joana Paula Vieira Mimosa, terras estas que onde se ergueu a cidade de Ipu. Estas informações foram retiradas pelos memorialistas, da Revista do Instituto do Ceará do ano de 1915, escrito por Euzébio de Souza. Segundo ele, em 1740, vieram para a aldeia uma comissão de padres da Ordem dos Jesuítas. Nesse sentido, segundo os mesmos memorialistas, baseados em Euzébio, os índios foram sendo "pacificados" e colocados no convívio social da cidade, sendo extintos em pouco tempo, sendo que no final do século já não se tinha notícias da existência dos mesmos nas terras ipuenses, como fica explícito no poema referendado. Sobre o assunto, VER: Revista do Instituto Histórico para o ano de 1915. SILVA, João Mozart da. **Ipu do meu xodó**: Memórias. Fortaleza: Nacional, 2005. MELLO, Maria Valdemira Coelho. **O Ipu em Três Épocas.** Fortaleza: Popular Editora LTDA, 1986. Estas informações, porém, são questionadas por estudantes de graduação, especialização e mestrado em História, pois hoje, não encontram sustentação nas fontes que são mostradas pelos memorialistas.

E os feitos singulares
Já não os recorda alguém;
Não há vestígios também
Da Taba dos Tabayares.

A trombeta dos guerreiros
Já não echôa nos ares
Nesses tempos derradeiros.

São hoje estranhos folgares...
Nem mais resôam pandeiros
Na Taba dos Tabayares.[49]

Interessante perceber que somente neste instante seja feito referência à descendência indígena da população ipuense. Vamos observar que a partir do início do século XX esta população vai tentar produzir para si uma imagem de pessoas evoluídas, principalmente no que se refere à intelectualidade, e que assim, ao menos neste momento, as raízes são esquecidas.

Não é proposição nossa fazer este tipo de análise, ao menos neste instante, pois o que estamos tentando demonstrar é que a cidade de Ipu estava vivenciando um processo de transformação em seus espaços e que estas transformações, principalmente com a chegada da estrada de ferro, vão ocasionar uma modificação no imaginário de uma parcela da população, e ainda, que a isso se somam as transformações dos espaços geográficos e também os de sociabilidade que vão acarretar na observação da existência de novas formas de viver em espaços reservados para determinados fins, como veremos.

A construção de determinadas agremiações como percebemos tem como finalidade principal, a construção de uma demarcação de espaços que, a eles, somam-se fatores que fogem a própria percepção da intenção, ou seja, determinadas formas de vida se dão por iniciativa de uma "força superior" e no caso de Ipu, todas as transformações espaciais e econômicas que a cidade estava vivenciando refletiam na própria manifestação cultural desta , mesmo que de forma inconsciente da sociedade.

Junto a estes fatores internos ou externos, acarretou a construção ou delimitação de espaços, fatos justificados na observação de Vieira, quando diz que devemos "conceber a realidade, situada em qualquer plano, como uma construção (...) À idéia de construção, está associada à noção de classificação que, por sua vez, assegura a demarcação de 'realidades' local, regional e nacional"[50].

---

[49] NEROMO. A Taba dos Tabayares. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900. pp. 50-51.
[50] VIEIRA, Sulamita. **O sertão em movimento:** a dinâmica da produção cultural. São Paulo: Annablume, 2000. p. 146.

A introdução de um Almanaque na cidade pode ser concebida como influência da própria introdução de pessoas já condicionadas à arte da escrita na cidade, com o advento da estrada de ferro. Herculano José Rodrigues contribuiu de certa forma com este questionamento a partir de sua influência na organização dos almanaques, utilizando para isto a introdução de autores extra ipuenses como vemos a seguir, quando:

> Herculano José Rodrigues
> F, Bricio Magalhães (Ipú)
> José Affonso P. Moreno (Ipú)
> Izabel O. Gondim (Sobral)
> Padre Furtado (Pacoty)
> José Bezerra Sobrinho (Fortaleza)
> Club Myosotis (Camocim)
> Datan Guaramiranga (Baturité)
> João Catunda (São Benedicto)
> Uma Matuta (Campo-Grande)
> Mimim (S. Benedicto)
> J. R. dos Santos (Entre-Rios)
> Entre outros pseudônimos, sem identificação nominal[51].

Em 1901 o almanaque vem se mostrar um pouco mais "regional", se tivermos como parâmetro os colaboradores que trabalharam na sua elaboração.

No que se diferencia do primeiro que tem como base principal a transcrição, entre outros pontos, de poemas, bibliografias de pessoas consagradas nacionalmente e a nível de Estado e pelo próprio corpo geográfico que compõe a escrita, vamos perceber que uma unidade estava sendo desenvolvida na cidade, com uma relação entre determinadas áreas interligadas intelectualmente e economicamente pela estrada de ferro, ou seja, observamos colaboradores da capital cearense outros do litoral(como Camocim), já ligado diretamente pela estrada de ferro; como também o Club Myosotis, e a própria Serra da Ibiapaba com dois representantes de São Benedito e Sobral.

A partir daí, já caracterizaremos nas próximas publicações da cidade, uma referência a uma nova ordem imaginária, com a introdução de um novo grupo que se colocará como intelectuais na arte da escrita, filhos da cidade ou absorvidos por ela, pela pseudo- idéia de "progresso", que a mesma estava vivenciando, como veremos. A idéia da seca ainda é muito presente, dos retirantes andando a ermo, da falta de chuvas em tempos remotos e ainda a própria religiosidade, também muito presente na escrita do almanaque, com poemas e bibliografias de "vultos" religiosos e grandes heróis.

---

[51] COLABORADORES.**Almanak Ipuense.** Ipú:1901.

Mas somando ao almanaque de 1901, já vamos perceber a introdução de propaganda em página que fora preservada, o que não existia no almanaque anterior. E o que nos chama a atenção em maior plano, é o fato de onde veio a matéria, ou seja, da cidade de Camocim, quando vemos a seguir: "-1901- CAMOCIM – INSTRUCÇÃO ELEMENTAR- Julio C. Monteiro, lecciona primeiras lettras em casa de sua residência, das 7 horas ás 8 ½ da manhã. CAMOCIM"[52].

Além da preocupação em ser colocado propagandas no almanaque vemos que, até então, a mesma não é da cidade, mas do litoral camocinense, e ainda, que é uma propaganda relacionada à educação primária colocada num espaço que será lido por pequena parcela da população ipuense e adjacências demonstrando que, de certa forma, o "progresso" que a cidade estava vivenciando estava trazendo à tona uma nova preocupação numa localidade por excelência economicamente agrária.

Ainda vamos encontrar várias transcrições de matérias de outros jornais, porém, uma delas vai nos chamar a atenção, quando tem em sua essência a preocupação com o mito de Iracema, até então não mencionada nos escritos dos almanaques. A preocupação com esta tradição pelos integrantes da sociedade, como veremos, vem surgir já no século XX a partir das transformações que a cidade estava vivenciando. Então, vejamos:

> Dorme Iracema, a bella moça indiana,
> Na perfumada rede, semi-nua,
> E, a vacillar, na plácida cabana
> Entra-lhe um raio pallido da lua.
>
> Além na sombra enorme da floresta,
> Descansa a tribu heróica e valorosa;
> Só o insomne Pagé ouvidos presta
> Aos mysterios da noite tenebrosa.
>
> Entretanto, Iracema, extasiada,
> Co'o o seio em fogo e alma apaixonada,
> Sente o lábio tremer-lhe em riso franco:
>
> E' que ella sonha e vê neste momento
> Vir baixando do azul do firmamento
> O vulto amado do Guerreiro Branco[53].

[52] **Almanak Ipuense.** Ipú:1901. P. 109

[53] MARIMAR. Sonho de Iracema. **Almanak Ipuense.** Ipú:1901. pp. 110-111. Ao nome da autora (ou autor), somamos o que se encontra abaixo da publicação, entre parênteses "D' A Republica", que não podemos colocar o número da transcrição do jornal, por conta da mesma (o) não tê-lo feito.

Diferente do poema do Almanaque do ano de 1900, escrito em 1899, a alusão que é feita à tribo tabajara, e aí não podemos correr o risco de sermos anacrônicos, é que o poema Sonho de Iracema é romanceado, colocando em evidência o enlace amoroso que porventura teria existido entre a índia nativa e o guerreiro branco.

O outro, A Taba dos Tabayares, já está preocupado com a extinção da tribo, "preservando" aquilo que um dia possivelmente existiu, a partir dos relatos memoriais repassados por seus antecessores.

O que pode ser considerado verdade ou mito nesta história seria o fato de que uma nova ordem estava se desencadeando na cidade, a partir da introdução de um novo imaginário acerca da narrativa sobre os primeiros habitantes desta e a construção de um mito fundador europeu, se tivermos como pressuposto a figura de Iracema, a virgem dos lábios de mel escrita por Alencar, dando um berço para a mesma na cidade de Ipu ou Joana Paula Vieira Mimosa, trabalhada por Eusébio de Souza e posteriormente adaptada por memorialistas.

Se a cidade estava vivenciando o "progresso"[54], uma nova visão de sua fundação também deveria ser criada ou lançada como verdade para a posteridade. Entra o mito de Iracema, sendo trabalhada toda uma nova ordem e, junto a este mito, vai ser confundido as intencionalidades pois vão aparecer outras mulheres que disputarão os espaços, mas nesta situação, eram mulheres públicas- as meretrizes- e elas não eram bem vindas.

1.3. A busca de um imaginário "iracemista" em Ipu

E a cidade vai se adaptando a uma nova ordem social ou alguns grupos percebem assim. O trem trazia o "progresso" e a sociedade se achava no dever de se adaptar a ele. Novas formas de viver deveriam ser desenvolvidas como também uma nova sociabilidade. A chegada do trem marcava o divisor temporal entre o velho e o novo tempo, pois como disse Le Goff,

[54] FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **O Trem e a Cidade:** as transformações Urbanas em Ipu-Ceará (1894-1935). Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria e Metodologia da História, para obtenção do título de especialista em Teoria e Metodologia da História, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, 2007. Em seu trabalho, Farias Filho vem perceber que existiu toda uma trama da "elite" ipuense em apresentar a cidade de Ipu como progressista, tendo este acontecimento surgido com a introdução da estrada de ferro que liga Ipu a Sobral, e ainda a introdução na cidade de vários estabelecimentos considerados frutos do "progresso", como Gabinete de Leituras, Grêmio Recreativo Sociedade Dançante, entre outros que veremos no decorrer do trabalho, sendo este progresso personificado na figura de Eusébio de Souza, Leonardo Mota, Abílio Martins, entre outros, que figuraram no cenário intelectual, jurídico e político da cidade e em âmbito estadual no início do século XX.

> ‘O progresso deve ser também intelectual e moral’ e revela-se de dois sintomas: o desenvolvimento da atividade social e o da atividade individual, o progresso da sociedade e o progresso da humanidade.[55]

Na conclusão da análise de Le Goff, salienta-se que não existe progresso geral mas um progresso setorial, onde não se pode esquecer que para cada tipo de progresso existe a necessidade de uma complementação social, ou seja, tudo está interligado inclusive a forma como as pessoas percebem o mundo e nele também se vêem.

Para a sociedade ipuense agremiada que trazia para si a condição de “guardiões do progresso”, a representação deste seria a construção de espaços reservados para a apresentação em público da *melhor sociedade*, ou ainda, espaços reservados para a leitura de escritores já consagrados internacionalmente, principalmente os franceses.

Daí, a implantação efetiva do Gabinete de Leitura e a “quase obrigatoriedade” de frequência de todos os componentes da sociedade ipuense neste espaço, ou seja, aqueles que detinham em seu poder os melhores cargos públicos na cidade sejam eles o de prefeito,o de juiz, o de altos comerciantes, enfim, de todos aqueles que de certa forma mantinham o poder de controle sobre algum órgão ou poder “*coronelístico”,* política esta muito utilizada no início do século e perpetuada através de novas formas de manifestação de controle da sociedade e que em Ipu não teria sido diferente. Para destacar a existência deste ponto na cidade, vejamos o que diz Leal:

> Arranjar emprego; emprestar dinheiro; avaliar títulos; obter crédito em casas comerciais; contratar advogado; influenciar jurados; estimular e ‘preparar’ testemunhas; providenciar médico ou hospitalização nas situações mais urgente; ceder animais para viagens; conseguir passes na estrada de ferro; dar pousada e refeições; impedir que a polícia tome as armas de seus protegidos, ou lograr que as restitua; batizar filhos ou apadrinhar casamento; redigir cartas, recibos e contratos, ou mandar que o filho, o caixeiro, o guarda-livros, o administrador ou o advogado o façam; receber correspondência; colaborar na legislação de terras; compor desavenças; forçar casamento em caso de descaminho de menores, enfim uma infinidade de préstimos de ordem pessoal, que dependem dele ou de seus serviçais, agregados, amigos ou chefes .[56]

Não é nosso objetivo fazer análise desse *sistema político* na cidade de Ipu, porém, estes coronéis mostrados por Leal eram uma realidade na referida cidade e transitavam

---

[55] LE GOFF, Jacques. Progresso / Reação. IN.: **História e Memória.** 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 258.

[56] LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo,** enxada **e voto: o Município no regime representativo no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1997. p. 56.

também pelos grupos que assumiam a condição de elitista, sendo eles mesmos referenciados em manchetes de jornais locais como tais.

Vários dos coronéis davam suporte financeiro para a aquisição de espaços de sociabilidade da intelectualidade muito embora se saiba, como veremos, que muitos deles (ou a maioria) não dominavam a arte da leitura, mas que detinham um poder aquisitivo considerável e prestigio político na cidade.

Vejamos como estes espaços elitizados eram constituídos, de certa forma, demonstrando como se davam as relações sociais e de poder na cidade, onde neste sentido, não existe um marco divisor de fronteiras, ou mesmo, o fato de estas não serem intransponíveis, mas entrelaçadas por questões de parentesco, de religiosidade, políticas ou até mesmo por interesses próprios, que envolvem setores diferentes do quadro que forma o corpo deste centro urbano, evidenciando neste sentido a "teia" de sustentação de um determinado sistema de poder e perpetuação deste.

Vejamos :

> No dia 1º de janeiro o gabinete de Leituras festejou, com uma sessão litteraria, o primmeiro aniversario da sua fundação.
>
> As 19 ½ horas, no salão principal do Gabinete, foi aberta a sessão pelo presidente Dr. Chagas Pinto, estando presentes os seguintes sócios e convidados:
>
> Dr. Chagas pinto
> Dr. Souto Maior
> Dr. Leite de Albuquerque
> Dr. Abílio Martins
> Dr. Thompsom Bulcão
> Acadêmico Francisco Peres
> Cel. Manoel Dias Martins
> Cel. João Bessa Guimarães
> Cel. Thomaz Correa
> Cel. Adulpho Carvalho
> Cel. Leocádio Ximenes
> Cel. Manoel Rufino
> Cel. Emygdio Barbosa
> Cel. Gonçalo Soares
> Cel. Francisco Correa[57]

[57] CORREIO DO NORTE. **O Gabinete de Leitura Ipuense festejou o seu 1º anniversario.** Ipu – Ceará, Anno III, nº 102. 08/01/1920. p. 1. A estes citados, seguem-se mais 32 homens, acompanhados com suas respectivas esposas, todos com visível projeção financeira na cidade, onde nas manchetes do mesmo jornal, em outras ocasiões, são referidos como coronéis, sendo que a partir do ano de 1926, data onde foi eleito o primeiro prefeito da cidade com eleição direta, várias das pessoas que freqüentavam o Gabinete de Leituras, foram eleitos para o executivo municipal, principalmente a partir de 1930, quando Getúlio Vargas deu o golpe de Estado e na cidade figurou como intendente municipal Joaquim de Oliveira Lima, abastardo comerciante, que freqüentava todas as agremiações criadas, e coincidência ou não, ocupava sempre o cargo de tesoureiro, inclusive do Gabinete.

Importante perceber que são passados vinte anos da apresentação dos dois primeiros almanaques (1900-1901) e desse modo, a cidade já havia sido demarcada em seus espaços de poder intelectual, a partir de figuras que até então não versavam na construção imaginária de uma nova ordem.

Neste grupo, com exceção de Thomaz Corrêa, ipuense que contribuiu com a elaboração dos primeiros almanaques, nenhum outro vai aparecer anteriormente como protagonista do processo de construção social e intelectual, e principalmente, se lançar como mediador desta construção como os integrantes do Gabinete de Leituras, que por sinal, serão quase que na totalidade os responsáveis pelo Jornal Correio do Norte.

Na lista que se segue, a grande maioria dos nomes são de pessoas da cidade, nesta citação com exceção de Dr. Thompsom Bulcão, que tinha chegado à cidade como responsável pela construção da estrada de rodagem que ligaria Ipu a São Benedito, todo o restante será de pessoas de projeção ou representação no meio social e que vão tentar tomar pra si a responsabilidade pelos rumos da cidade, como veremos adiante, principalmente nos meios políticos.

Nas reuniões destas pessoas, que aconteciam principalmente nas agremiações criadas para este fim "intelectual", no Gabinete de Leituras principal espaço onde se encontravam as maiores lideranças da cidade, eram deliberados assuntos que se diziam de interesse comum de todos os ipuenses, ou seja, as decisões partiam de uma pequena parcela da população que se estendiam para os demais.

O jornal Correio do Norte funcionava como um tentáculo do Gabinete, uma vez que, as decisões tomadas em reuniões fechadas do grupo eram lançadas nas manchetes do jornal na edição seguinte, ou seja, os mesmos integrantes do Gabinete de Leituras eram os do jornal Correio do Norte, como também do Grêmio Ipuense Sociedade Dançante, do Theatro da Cidade, todos ligados aos coronéis e aos grupos políticos que regiam os interesses da comunidade.

No jornal, o que era considerado moderno era reivindicado nas principais páginas e para este grupo modernidade era, além das manifestações culturais (para eles) já expostas, a construção de um mito fundador, neste sentido a índia Iracema ou Joana Paula Vieira Mimosa, e que para isto deveria ser trabalhado todo um processo de construção e aceitação por parte da sociedade para com este mito fundador que se configurará na construção e representação da cidade para este fim.

Vemos a demonstração por parte destes, da necessidade de construção de grandes prédios, de avenidas, de *hygienização* da cidade, ou seja, daquilo que eles absorviam como

princípios da modernidade oriundos principalmente das formas de vida herdadas da Europa, que eram repassados através dos jornais, revistas, folhetins etc.e que vinham para o Gabinete de Leituras chegando principalmente nos vagões dos trens que aqui aportavam e também das principais manchetes dos jornais da região Sul (hoje região Sudeste, onde percebemos uma divisão de regiões mais explicitas a partir da primeira década de século XX) e da capital do Estado, como vemos no discurso a seguir:

> Discurso do Dr. Chagas Pinto, no dia 1 de janeiro de 1920, pala comemoração do primeiro aniversário do Gabinete de Leituras: "Para proporcionar aos sócios a leitura de jornaes e revistas pedida a assignatura anunual do 'jornal do Commercio', do 'Correio da Manhã', Estado de São Paulo, 'Eu sei Tuto' e 'Fon Fon', assignaturas estas que já mandei reproduzir para este anno.
>
> "Alem destes jornaes cujas assignaturas custeamos pelos fundos do Gabinete, recebemos com regularidade quase todos os jornaes de Fortaleza e alguns da zona gentilmente remmetidos pelas respectivas redacções" (...) Nossa instituição, apezer (sic) de modesta, esta fadada a prestar relevantes serviços em prol da instrucção, e porque não dizer, DA MORAL DE NOSSOS FILHOS"[58].

O jornal Correio do Norte, além de se lançar como defensor do progresso e da moral, se manifestava publicamente perante assuntos que diziam respeito também à estética da cidade. A sua circulação era regional abrangendo toda região noroeste (atual) do Estado e sendo distribuído para as cidades de Sobral e Camocim principais baluarte do pseudo-progresso que a cidade estava vivenciando.

Os correspondentes mais frequentes e principalmente os anunciantes, neste momento, eram destas duas cidades tendo, também, correspondentes da cidade de São Benedito que representavam os leitores da "Serra Grande", ou seja, da serra da Ibiapaba. Com muita freqüência é feito referência ao jornal *A Lucta*, de Sobral, jornal político de propriedade de Deolindo Barreto. Nas manchetes são trocadas manifestações amistosas entre os redatores o que demonstra também o caráter político do Jornal Correio do Norte[59].

Nesse sentido, embora os proprietários do jornal fossem bem relacionados politicamente na cidade[60], sendo alguns mais adiante eleitos representantes no executivo e

---

[58] Idem. p. 01.

[59] Em várias páginas, é feito referência à visita de Deolindo Barreto a edição do jornal, bem como da recepção deste feita na cidade de Sobral, quando os editores para aquela cidade de dirigiam. Também é feito referência a jornais da cidade de Camocim, e de Granja, com a manifestação de boa sorte para os jornais que são lançados naquelas cidades, principalmente para o jornal "Coreahu", da cidade de Granja.

[60] Abílio Martins, um dos fundadores do jornal e editor, era Deputado Estadual, sendo considerado por muito tempo o principal representante político da cidade em Fortaleza, e a quem é dirigido no Jornal Correio do Norte a responsabilidade por melhorias na cidade, principalmente na aquisição de grandes obras, como a construção do

legislativo municipal, vamos perceber as cobranças que eram feitas aos dirigentes políticos e, ainda, a conclamação para a união da população em prol do desenvolvimento da cidade.

Segundo a edição do jornal, a responsabilidade pelo embelezamento e formosura da cidade, não era somente de responsabilidade do prefeito, mas de todos os filhos abastados que realmente "amavam a cidade". Amar a cidade era ter zelo, responsabilidade e competência para o gerenciamento da coisa pública e principalmente reconhecerem-se nela.

Daí a percepção de que em vários momentos vão ser dirigidos manifestos em defesa da cidade e da sua ordem, bem como a demonstração de como ela deveria ser percebida por outros segmentos sociais, principalmente de outras cidades.

As meretrizes vão surgir como a contra-mão desta intencionalidade e a expulsão delas do centro da cidade vai ser reivindicada periodicamente, às vezes, nas entrelinhas das manchetes, como vamos perceber mais adiante.

Neste sentido, torna-se mais transparente a preocupação para com a imagem da cidade ligada à de Iracema e as cobranças para que fossem desenvolvidas obras nesta perspectiva vão ser mais visíveis. Segundo o editorial do Jornal Correio do Norte (e aí vamos perceber que estas cobranças vão se tornar bem mais freqüentes), a cidade estava passando por grandes transformações, bem como o Ceará e a cidade de Ipu não poderia deixar passar este momento de crescimento que estava acontecendo no país.

Segundo os editores,uma nova estrutura estava se concretizando e o Ipu deveria se preparar para absorver este momento da melhor maneira e se alocar dentro deste processo de transformação "nos gostos" que tomara conta das principais lideranças das cidades que se avizinhavam de Ipu e também da capital cearense.

Nesse sentido é lançada toda uma campanha para fazer valer este propósito de "demonstração do progresso" nas páginas do jornal, como vemos no exemplo a seguir:

> Voltamos mais uma vez a bater na velha tecla do remodelamento de nossa cidade.
>
> O Ipú, que em verdadeira justiça é um oásis nestes sertões ressequidos, deve bater-se pelo soerguimento de seo progresso e valosisação do seo feracíssimo solo, riqueza imcommensuravel.
>
> Não será um crime deixar-no no *dulce formente,(sic)* de olhos fechados ao movimento de impulso que toma todo o paiz? Porque ficamos de braços cruzados deante da marcha ascendente de outras cidades da zona, quando podemos acompanhal as? Camocim, Sobral em feliz evolução, progridem para honra de nosso paiz.

Açude Bonito, na zona rural da cidade, e a abertura da estrada carroçável que liga Ipu à cidade de São Benedito. Morreu quando era secretário de polícia do Estado, aos 39 anos, no dia 26/09/1923.

> Um dos melhoramentos que muito valorisaria a nossa cidade, que levantaria o nosso nome, ao mesmo tempo que emprestaria um novo aspecto ao Ipú seria a construcção da Avenida, em tão boa hora começada.
>
> Não podemos esperar dos minguados recursos financeiros da Municipalidade, o acabamento da valiosa obra. É aos filhos do Ipú, aos que se acham afastados de torrão patreo como aos que aqui residem, e todos que tem por um laço qualquer, preso o coração a essa linda terra de Iracema, que enviamos o nosso brado em prol de seo desenvolvimento.
>
> Fundemos um comitê para angariar contribuições, trabalhemos, façamos alguma coisa pela nossa cidade, à qual ficará ligada o nosso nome de filhos que muito souberam amal-a.
>
> Avante![61]

Este pedido de cooperação estava sendo desenvolvido paralelamente à construção da Avenida, que já estava iniciada, porém, ao que nos parece, estava paralisada por falta de verbas. Esta avenida seria parte da representação maior do progresso que a cidade estava vivenciando, sendo alavancada por um pseudo-progresso existente em todo o país.

Vejamos que Ipu tinha que acompanhar cidades como *Camocim, Sobral, em feliz evolução, (que) progridem para honra de nosso paiz.* O progresso era "visível" nestas cidades, como o era em São Benedito, pois lá, já existia um mercado público feito com armação de ferro, símbolo da presença deste progresso.

> É DEVER de consciência nosso, como de todos que sinceramente amam o Ipú batermo-nos pelo progresso local e sobretudo pela esthetica da cidade. Bem sabemos como lucta o poder municipal com a exigüidade de verba orçamentária para acudir a todos os serviços a seo cargo, entretanto, não podemos esquecer im instante que a bos esthetica da cidade influi demasiado para o progresso local attrahindo sempre novos elementos e demonsyrando o zelo de seos administradores, a marcha ascendente de seo desenvolvimento.
>
> A Avenida, ora em construcção, verdadeiro jardim posto aos olhos dos que vêm de fora, quando estiver prompta, não será somente o encanto dos que aqui habitam, attrahirá, convidara ao viajente que passa e n'elle fará um amigo de nossa cidade, um admirador de nossa civilização.
>
> Quando porém o olhar prescutador e curioso do recem-vindo, penetrar mais longe, lastimará que não se tenha tomado providencias para fazer de nosso Mercado Publico, um visinho digno da nossa magestosa Avenida. É que o nosso Mercado confessamol-o com pezar, ainda obedece aos velhos planos rotineiros. Aqui muito perto, em S. Benedicto, a boa vontade de uma municipalidade pobre, levantou aquele collosso de ferro, aceiado, confortável, bonito mesmo, que é o Mercado Sambenadictense. Aquellas toneladas de ferro, relativamente caras, foram, penosamente transportadas ladeira acima, em costas de animaes e hoje levanta-se em um edifício que é o attestado vivo de quanto vale o Querer[62].

[61]CORREIO DO NORTE. **Avenida Ipuense.** Ipu Ceará. 15/09/1921. Ano IV, nº 188. p. 01.
[62] CORREIO DO NORTE. **A Nossa Cidade.** Ipu Ceará. 24/03/1921. Ano IV, nº 163. p. 01.

Percebe-se que toda esta manifestação pela adoção de providências para o término da construção da avenida obedecia uma tendência externa. A cidade estava sendo orientada pelo desenvolvimento de outras cidades, numa comparação de quem pode ou não se desenvolver, crescer em suas edificações e afinal, nesta fase do processo de amadurecimento da idéia de término da construção da praça, como vemos, *vale o Querer* e este querer soa como um ultimato para a população que *ama a cidade.*

O *gosto pela avenida* é lançado como uma palavra de ordem nas páginas do jornal, como uma "febre nacional" e sendo o Ipu uma cidade em efervescente crescimento, como eles acreditavam, não poderia estar atrás das suas co-irmãs vizinhas, nem tampouco da rede nacional. Vejamos:

> Esta se desenvolvendo no interior d'este Estado o gosto pelas Avenidas. Rara á a cidade, a villa que já não possua uma avenida e em algumas localidades a avenida constitue uma dependência da Igreja Matriz. Mas nem todas essas avenidas merecem tal nome; são passeios, alguns em quadrangulo, oval, etc. Avenida é um caminho direito ordinariamente orlado de arvores (...).
>
> Falta somente que os ipuenses tomem gosto por este melhoramento de sua terra. Com boa vontade e pequeno esforço, brevemente estará concluída a nossa avenida, que já tem nome de "Avenida Sá Roriz"[63].

Com estas cobranças em público, o "gosto pela avenida" vai se formando (ao menos esta fora a justificativa) e a mesma vai tomando projeção, muito embora, paralela a ela, várias intenções sejam ocultadas. "Avenida Sá Roriz", seria o nome defendido pelo autor da matéria, não sendo identificada a autoria da mesma, porém, poderia abrir um parêntese neste sentido, demonstrando que este nome não teria a aceitação daqueles que faziam a construção editorial do jornal, pois é bem explícito a vontade de homenagear e criar a imagem de Iracema como centro da representação da cidade.

Além da construção da praça, que estaria dentro do processo de "progresso" evidenciado em outras cidades, esta também deveria ser a complementação de um projeto de construção de um imaginário mitológico de fundação da cidade.

Enquanto parte da população estava preocupada com estas transformações do espaço, com o embelezamento, com a estética e com a forma de demonstração do progresso, a cidade vai sofrendo suas variações. A avenida já tinha intenção de concretização, os recursos

[63] CORREIO DO NORTE. **A Nossa Cidade.** Ipu Ceará. 12/10/1921. Ano IV, nº 192. p. 01.

estavam sendo canalizados e a população restante, ficando a mercê das intenções da classe dirigente.

O jornal Correio do Norte era feito pela alta sociedade ipuense, para deleite dela própria, pois em páginas aleatórias do jornal fica demonstrado por eles que grande era o grau de analfabetismo da população ipuense, sendo incluído aí também, parte dos coronéis que apoiavam determinados empreendimentos que eram lançados por esta mesma sociedade.

> EM torno do movimento, que actualmente se consolida em prol do melhoramento do Ipú, já hoje podemos com grande prazer, noticiar alguns factos.
>
> Reuniu-se a 13 do andante, em casa de residência do Dr. Apollônio de Barros , D. juiz de Direito da comarca, a comissão inicial da futura Cooperativa Ipuense (...)
>
> A commissão composta dos Drs. Appolonio de Barros, João Esberard Beltrão, Chagas Pinto, Cels. José Aragão, Prefeito Municipal, Thomaz Correa e Joaquim Lima ficou logo incubida da confeccção dos Estatutos.
>
> Todo o elemento representativo local esta interessado no êxito da tentativa, que tem portanto a máxima probabilidade de triumpho.
>
> Sobre a construcção da Avenida já podemos adiantar que esta quase completa a sua arborização composta de Mongubeiras, Mangueiras e Fícus, Benjamin, para o que se tem disvelado o nosso querido companheiro Cel. Thomaz Correa. O illustre ipuense Auton Aragão, da firma Barbosa, Aragão & Cia, prometteo um donativo de alto valor para o embellesamento da Avenida, constando-no que será, o coreto central de cimento armado[64].

"Atendendo a chamado", Auton Aragão promete grande cifra em dinheiro para a construção da avenida, sendo o mesmo, genro de Thomaz Correa e comerciante na cidade de Crateús, lá chegando ao comando do poder executivo. O Dr. Appolônio de Barros, além de juiz de direito na cidade era maestro da Euterpe Ipuense, ou seja, da banda de música que fora adquirida em contraponto pelos integrantes do Gabinete de Leituras.

Paralelo a estas pressões nos jornais, Abílio Martins, deputado estadual, lança um poema aos seus pares, pressionando aqueles colegas que não acreditavam na construção da avenida, que como veremos, não receberá o nome de Sá Roriz, mas Avenida da Iracema, fruto de um imaginário que vai ser trabalhado na população elitista, como observamos.

> Caríssimo Thomaz
> Acabo de saber
> Com extranho (sic) desprazer
> Que o Chagas e o João Bessa (...)
> Afirmaram que a Avenida

[64] CORREIO DO NORTE. Ipu Ceará. 21/04/1921. Ano IV, nº 166. p. 01.

Por você sugerida
Coitada, não se faz.
Mas, na verdade eu lhe digo:
Pode contar comigo (...)

O prefeito, a mim me disse
Que avenida era tolice
Que estava morta a Avenida
Quando eu penso que o Prefeito
Se quisesse dava um jeito...

O Auton seu genro, me disse
Que ninguém mais lhe pedisse
Concurso pra coisas tais
E que a Avenida não ia...
Ah. Thomaz, mostre energia
Mostre que é sogro, Thomaz.

Nesta terra há muita gente,
Que vive a rir, pela frente
E faz caretas, por trás...
Na frente, cara fingida,
Por trás, pau na Avenida...
Isso é lá gente. Thomaz?...[65]

Junto a toda esta intencionalidade, a cidade vai se modelando a partir de uma nova ordem, obedecendo a uma estrutura social e de interesses. Thomaz Correa era o maior entusiasta da construção da avenida e do desejo de ver Iracema como ícone maior da representação da cidade.

Esta intencionalidade já tivera sido manifestada em 1896 quando o mesmo inaugurou sua farmácia no centro da cidade, dando à mesma o nome de *Pharmácia Iracema*. A partir deste momento, vez por outra, ele vai manifestar a sua admiração por este personagem de Alencar e lançar como verdadeiro a questão do mito.

Ao redor de Thomaz vai ser articulado todo um processo social na cidade, pois além de pertencer à família de tradicional importância nos meios políticos, comerciais e sociais, a sua prole vai se relacionar com os meios de prestigio político e comercial e assim, como vemos na cobrança feita pelo deputado Abílio Martins, o parentesco deve ser posto em primeira medida e não seria admitido que um genro se colocasse contrário a um interesse que de certa forma seria particular a ele, Thomaz.

Não podemos esquecer que o mesmo Auton Aragão, em reunião fechada no espaço do Gabinete de Leituras, tinha se disposto a doar *um donativo de alto valor para o*

[65] MARTINS, Abílio. A Avenida do Ipu. Apud, MELLO, Maria Valdemira Coelho. **O Ipu em Três Épocas.** Fortaleza: Popular Editora LTDA, 1986. p.49-50

embellesamento da Avenid, e que esta intenção tinha sido veiculada no jornal Correio do Norte, expressão maior dos interesses da população ipuense, como diziam os seus proprietários.

Uma afronta dessas seria de causar estranheza a todos os interessados na construção da avenida e assim, como era de costume existirem pilherias no que concerne aos interesses da sociedade ipuense, que utilizava de todas as formas possíveis para alcançar seus objetivos, lançar um poema afrontando um dos "patrocinadores" da construção da avenida e ainda, em contrapartida, chamando o "líder maior" para tomar uma atitude perante esta afronta, seria uma maneira de ver concretizada a construção de tão grandioso empreendimento local, que seria a representação maior do progresso que a cidade estava vivenciando.

"Afirmaram que a Avenida / Por você sugerida / Coitada, não se faz. / Mas, na verdade eu lhe digo: / Pode contar comigo". Como vemos, não fica a dúvida de quem seria o protagonista maior da construção da avenida, ou seja, Thomaz Correa. Abílio Martins já nesta época era deputado estadual e tinha toda uma conjuntura política e econômica favorável para ajudar na construção da referida praça.

Ao mesmo tempo em que faz uma cobrança por "respeito" à família e ao sogro, se coloca também à disposição para ajudar na efetivação da praça de Iracema. Como já dissemos, Thomas tinha uma admiração por Iracema e não media esforços para elevar seu nome e colocá-la(Iracema), juntamente com seu grupo, em local de representação da/na cidade.

Em todos os momentos pertinentes, o mesmo não deixava de cantar a "doçura" de Iracema, ou o seu poder de sedução e a sua própria paixão por aquela que deveria ser o ícone maior da cidade, a representação de seu povo, aquela que "misturou seu sangue com o europeu branco e deu origem à nossa população ipuense".

Como podemos perceber, Thomaz não aceitava de certa forma a maneira como os ipuenses tratavam suas origens e ele, autodidata, poliglota, conhecedor da manipulação das ervas, enfim, um sujeito à frente de seu tempo, com um ciclo de amizades bem definido e ainda, com parentesco de prestígio e renome, fazendo assim circular em sua volta a "*melhor sociedade"* da terra, não desperdiçava em momento algum a oportunidade de manifestar seu encantamento pela Índia. Vejamos:

Da canela gentil
Roubaste a bela cor
P'ra teu colo grácil,
Oh! Minha linda flor.

> Teus lábios de coral
> De volúpia e amor,
> Formam puros ideais,
> Verdadeiro primor.
>
> Que beleza pôs Deus
> Nos meigos risos teus,
> Nos olhos tão gentis.
>
> Na boca de carmim
> Um beijo, ai de mim!
> Far-me-ia ser feliz[66].

Ponto que merece destaque na configuração do grupo que formava os panteões da sociedade ipuense, seria a explícita manifestação de romper com o passado, ou seja, com a forma como a cidade era mostrada nos jornais e revistas anteriores à introdução das agremiações na cidade.

Segundo a visão de parte da sociedade, era hora de modificar este "imaginário", pois a cidade de Ipu agora era formada por pessoas "cultas", formadas, com anéis nos dedos e que junto a isso, teria conseguido unir e "apaziguar" setores que até então não comungavam com esta nova forma de viver, baseada no progresso e que não aceitava determinados posicionamentos considerados "bárbaros", indignos para um povo que preservava a cultura e as raízes, e assim, o grupo se posicionava: guardião da moral e dos bons costumes, se não, da própria cidade.

A cidade era descrita no seu desenvolvimento como uma cidade sem lei e isso perturbava a nova sociedade, principalmente porque muitos daqueles que agora faziam parte da nova organização eram descendentes diretos daqueles anteriormente descritos como subversivos e nocivos para esta sociedade, ou seja, toda uma nova conjuntura deveria ser trabalhada e a índia Iracema se mostra como peça fundamental desse novo empreendimento, principalmente na visão de Thomaz Correa, como vamos percebendo. Vejamos o que nos diz Bezerra, quando relata que:

> Eram por demais turbulentos (...) [e] sanguinários os primeiros povoadores desta parte da província (área da matriz de São Gonçalo da Serra dos Côcos), (...) os homens mais influentes (...) percorriam com bandos armados da serra ao vale e do vale à serra, decidindo de tudo [na]

[66]CORRÊA, Thomaz de Aquino. Uma Ipuense Chamada Iracema. Jornal Gazeta do Sertão**.** Ipu, 13/02/1901, transcrito por Souza em: SOUZA, Eusébio de. **REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ**. (Chronica do Ipu). 1915. p. 230. Arquivo pessoal do Professor Francisco de Assis Martins (Profº Melo). Sobre Thomaz, podemos dizer que, autodidata, além de poeta, era farmacêutico (manipulador de ervas), e falava francês fluentemente, fazendo parte da instauração e desenvolvimento das principais agremiações artísticas, instituídas na cidade a partir de 1894.

> (...) lógica do bacamarte. Esses facínoras traziam em sobressalto Tamboril e (...) Príncipe Imperial (Crateús), Independência, Boa Viagem, Pedra Branca, Santa Quitéria e Ipu[67].

Bezerra fez suas anotações no final do século XIX e a imagem que lançou para os seus leitores fora a de que na região, hoje conhecida como noroeste[68] do Estado,incluíndo o Ipu, a "barbárie" dominava de forma explícita, demonstrando estes recantos como "cidades sem lei".

Macedo[69] também vem corroborar com este pensamento, o que vai tornar seu livro considerado "maldito" pela população considerada da sociedade ipuense, principalmente a partir da segunda metade do século XX.

Podemos considerar o divisor temporal da cidade entre o antes e o depois da "barbárie" na visão elitista, com a inauguração da estrada de ferro, pois os discursos que são propostos (na inauguração e no seu cinqüentenário) são direcionados neste sentido. Vejamos:

> Mais longe sobre as ruínas do tugurio, onde a penuria esconde esconde (sic) a sua vergonha, eleverr-se á casa onde o trabalho traz a lume a sua bastança; as urzes e os cardos, que vicejam ali, vão servir de estrume a novas sementeiras; o trogloyta (sic) renunciará a caverna para entrar no convívio social, o recoveiro dá lugar ao maquinista, o lavrador de enchada ao hombro, disputa ás féras o domínio das selvas, e finalmente o próprio homem renovar-se-á na corrente das idéas novas que ha de revolver o ambiente, elevando os costumes, esclaricendo os espíritos e fortificando os caractéres[70].

Como disse anteriormente, podemos perceber que é introduzido uma manifestação de separação de períodos- o antes e o depois da estrada de ferro. O homem deveria *revolver o*

---

[67] MENESES, Antonio Bezerra de. **Notas de Viagem.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 205.

[68] Regionalização proposta pelo IBGE. A região onde se localiza atualmente a cidade de Ipu está inserida na Região Administrativa 5.

[69] MACEDO, Nertan, **O Bacamarte dos Mourões.** Fortaleza, 2ª Ed. Editora Instituto do Ceará, 1966. Em seu livro, Macedo define clã, segundo Hugo Catunda, como "grande família casando quase sempre na família ou em famílias aparentadas, guardando sempre a ufania do nome", e a partir daí, o mesmo vai desenvolver o trabalho de formação dos clãs cearenses, que segundo ele, vai ser originado com Antonio da Silva Mourão, chegando ao Ceará, oriundo de Pernambuco entre os anos 1750 e 1777, no reinado de Dom José I. A partir daí, vai ser constituída toda uma trajetória de derramamento de sangue entre famílias, principalmente por conta das partilhas de terras. Estes clãs vão ser originados em Crateús (antiga Príncipe Imperial) e se espalharam por todo o Estado, chegando à cidade de Ipu, onde serão desencadeados vários confrontos entre as famílias e o aparelho repressor do Estado. Seu livro, O Bacamarte dos Mourões, por conter em um de seus artigos, o início da genealogia da família Corrêa (família tradicional da cidade, e que desde o início do século XX, participava de todas as agremiações instituídas), descendentes direto do Padre Corrêa, foi considerado "perigoso" para a cidade, e a primeira edição, comprada pela família e eliminada das prateleiras. Na segunda edição, alguns foram excluídos da destruição, chegando à cidade de Ipu, alguns poucos exemplares a pouco mais de seis anos, encontrados empoeirados num sebo na cidade do Rio de Janeiro, passaram a ter domínio público. Os poucos existentes à venda, tornaram-se "obras raras", vendidos a preços exorbitantes.

[70] Discurso proferido por ocasião da inauguração da Estação ferroviária de Ipu, pelo Dr. Antonio Ibiapina (administrador da estrada de ferro) em 10 de outubro 1894; pertencente ao acervo particular da senhora Socorro Paz.

ambiente introduzindo novos costumes, novas formas de vida, manifestações estas que seriam reguladas pelo próprio vai e vem do trem, ou seja, o horário, os costumes, os espaços ou delimitação destes e o próprio tempo seriam uma representação da forma de vida a partir da existência do trem na cidade de Ipu.

Como se deu todo este processo?

1.4. Vivendo em sociedade. Conflitos e interesses

No dia 04/10/1894 é inaugurada a estação ferroviária da cidade de Ipu, imponente, se diferenciando em sua arquitetura de todas as cidades vizinhas, com aparência apenas para a de Sobral, Camocim e Crateús, coincidência ou não, as principais cidades em potencial econômico da região, no início do século XX. Assim, passa a circular o discurso explorado pela sociedade, demonstrando uma cidade "progressiva", que não poderia mais aceitar determinados procedimentos existentes, enfim, uma "nova era" deveria ser inaugurada, juntamente com a estação ferroviária. Vejamos:

> No dia em que se inaugura a estação de Ipú, vós, oh cidadãos ipuenses, deveis empenhar ao progresso a vossa atividade de tal sorte que (...) o sibilo da locomotiva lembrando-vos que não tendes direito a ociosidade, e sim obrigação ao trabalho (...)[71]

O não direito à ociosidade, mas a obrigação ao trabalho pode ser traduzida também como uma "nova ordem a ser estabelecida". Os valores da cidade deveriam ser, a partir dali, modificados juntamente com a transformação que a chegada do trem proporcionava.

Este discurso, proferido pelo Dr. Ibiapina, vai ser entendido pela sociedade da cidade como uma palavra de ordem a ser cumprida, como veremos nos jornais que passarão a circular já em 1913, como o Gazeta do Sertão e demais a partir de 1917, como o Jornal Correio do Norte, que circulou semanalmente entre 1917 e 1924; Jornal O Bezouro do ano 1919; Jornal O Barbicacho de 1919 a 1920; Jornal A Espora, de 1919; Jornal O Chicote de 1919; Jornal A Futrica de 1921; ainda o livreto de cordel intitulado: Suplemento, ou adenda

[71] Parte do discurso proferido por ocasião da inauguração da Estação ferroviária de Ipu, pelo Dr. Antonio Ibiapina (administrador da estrada de ferro) em 10 de outubro 1894, e relido no cinqüentenário da mesma, em 10 de outubro de 1944, pelo então prefeito de Ipu Humberto Aragão; pertencente ao acervo particular da senhora Socorro Paz.

aos excertos sobre a História do Ipu, de autoria do advogado (rábula) Augusto Passos, publicado em 1951, que faz uma pequena análise da cidade a partir do ano de 1894[72].

Iracema, esta cantada em versos nos jornais daria uma nova "identidade" ao povo ipuense, pois conferia na sua "existência" a fusão entre o nativo, e a raça européia, o que de certa forma, também dava simbologia européia aos habitantes da cidade ipuense, "título de nobreza", como bem vem dizer Ribeiro:

> A busca das raízes obedece a interesses e anseios nitidamente distintos daqueles que presidem à caça do exemplo inspirador. (...) A legitimidade é, em última análise, um dos traços quase essenciais de todo pensamento voltado para as raízes, e aí está seu problema, porque, com raras exceções (a legitimação pelo povo), o pensamento da legitimidade é conservador (...).
>
> A índia tem os traços que habitualmente se conferem à mulher, no pensamento que distingue os valores conforme os sexos (ou gêneros), é fecunda, é espontânea, é verdadeira, é doce.[73]

A índia Iracema se torna então o marco perfeito para a identidade de Ipu, na visão da sociedade que começa a apregoar a sua existência como real nas matas da cidade. A praça, vários poemas e estabelecimentos comerciais, passam a receber o seu nome dando visibilidade aos que não conheciam a "história da virgem dos lábios de mel", que andava nos quatro cantos da cidade. A mulher doce se contrapunha com o homem bruto, com armas na mão, pronto para desferir golpes violentos naqueles que se opusessem aos seus interesses.

Juntamente com a estrada de ferro, vamos ver aparecer na cidade várias agremiações e formas de vida até então desconhecidas do povo do início do século na cidade de Ipu. Juristas e escritores já consagrados em nível estadual e nacional, como Leonardo Mota e Eusébio de Souza, em Ipu passam a desempenhar suas atividades, dando novo enfoque cultural para a sociedade aqui existente, ciclo ao qual passam a pertencer rapidamente como já foi dito anteriormente.

A fundação dos jornais da cidade tem as suas influências e direção, como o Gazeta do Sertão (1913) com direção de Leonardo Mota e o Correio do Norte (1917) com organização de Leonardo Mota e Eusébio de Souza. As agremiações criadas passam por seus crivos, introduzindo aí a pessoa do influente político ipuense, Abílio Martins; todos se unindo a

---

[72] Teremos maior análise destes jornais no decorrer da pesquisa.

[73] RIBEIRO, Renato Janine. Iracema ou a Fundação do Brasil IN.: FREITAS, Marcos Cezar (org), **Historiografia brasileira em perspectiva.** 3º ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 408

Joaquim Lima[74], entre outros, começam a "manipular" os principais segmentos e a política da cidade.

> Leonardo Mota, filho de Pedra Branca (...) após deixar o seminário (...) funda um pequeno mas movimentado colégio na cidade do Ipu, e cujo nome de batismo foi José de Alencar. Ensinando francês, o jovem Leonardo Mota de logo conquistou as simpatias de uma geração de ilustres ipuenses, ávidos de saber e presos às delícias do mundo literário.
>
> Dia vai, dia vem, formou-se definitivamente um grupo de jovens. Fizeram assinaturas de boas revistas e de bons jornais, impressos no Rio, que vinham ter no ipu três e quatro meses depois de editados. (...) desse grupo faziam parte, entre outros, Abílio Martins, e Euzébio de Souza[75].

Este grupo a que se refere "seu" Mozinho, onde de certa forma já fizemos alusão percebe determinados costumes na cidade que os mesmos consideram impróprios para a nova ordem estabelecida.

Que a cidade estava em transformação era público e notório, mas o que não se pode deixar de perceber, era que ainda tínhamos uma economia quase que exclusivamente agrária e a maior parte da população, ou seja, cerca de ¾ dela, se situavam na zona rural da cidade e, aqueles que trabalhavam atividades comerciais, na sua grande maioria, eram os que se agrupavam em agremiações, se unindo a juristas ou altos funcionários públicos da época que acreditavam serem os responsáveis pelo comando político, social e econômico de toda a cidade.

Esta cidade, com uma zona urbana constituída em torno de cinco mil pessoas, estas,por sinal,mal distribuídas em quatro bairros segundo os escritores da época, já vai contar

---

[74] Joaquim de Oliveira Lima, era irmão do pároco da cidade, Monsenhor Gonçalo de Oliveira Lima, sendo importante comerciante do ramo de ferragens, que assume a presidência das principais agremiações criadas, como O Grêmio Recreativo Sociedade Dançante, o Gabinete de Leitura Ipuense (1918), a Associação Commercial de Ipu (1922), mais tarde (1926) O Jardim Iracema, O Banco Rural de Ipu (1929), entre outras e a partir de 1930, passa a ser o Interventor municipal da cidade, com o golpe de Estado de Getúlio Vargas, indicado por Menezes Pimentel, deixando o cargo em 1934, acusado de desvios de verbas do Campo de Concentração de Ipu, criado para aglomerar em um único local, retirantes da seca de 1932, chegando este campo a deter cerca de 20 000 pessoas, segundo alguns escritores, muito embora este número não seja preciso e que não raro, eram utilizadas nos serviços públicos da cidade, construindo a cadeia pública, calçamentos, barragens, entre outras coisas. Sobre esta questão, VER: ARAÚJO, Raimundo Alves de. O campo de concentração de Ipu, 1932. Monografia de graduação pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, UEVA, Sobral, 2003. Mimeo.

[75] SILVA, João Mozart da. **Ipu do meu xodó**: Memórias. Fortaleza: Nacional, 2005. p. 29. João Mozart, nasceu em 29/08/1901 e faleceu em 27 de agosto de 1990. Em 1926, seu "Mouzinho" inaugurou a primeira tipografia da cidade de Ipu, chamada "Tipografia Ipu", onde eram confeccionados os trabalhos e jornais para a cidade. Fez parte dos ciclos da "elite", conhecendo pessoalmente todos os citados aqui. Depois de sua morte, em 1990, seus filhos, hoje proprietários da Editora Nacional em Fortaleza, remexendo em seus arquivos, encontraram várias anotações feitas à mão pelo pai, onde no final, pedia que seus filhos publicassem após a sua morte, o que aconteceu. Segundo Luciano de Paiva, prefaciador do livro, nenhuma alteração fora feita nos escritos, sendo respeitado a originalidade de Mouzinho, onde o mesmo deixava claro, a necessidade desta observância, pois o livro era de memórias, e como tal deveria ser respeitado.

com uma farmácia, uma avenida, uma projeção de praça, entre outras coisas, todas com o nome da índia Iracema e ainda, um colégio nos moldes "progressistas", onde se ensinava inclusive a língua francesa, com o nome de José de Alencar, ou seja, toda uma formação imaginária em torno de um "mito", criado ou não, conforme as declarações da época e que todo este "progresso", vai ter como ponto central e originário a estação ferroviária.

E como vamos observar, discorrendo sobre este ponto nos capítulos seguintes, esta estação ferroviária vai ser o ponto de encontro das "classes marginalizadas" com a sociedade e isso não poderia ser concebido dentro de uma sociedade dita moderna.

> Muito temos louvado o gesto nobre do digno Te. Pinheiro fazendo retirar as cotrovias do nosso mercado, pois aquillo constituía o que ha de mais vergonhoso para nossa terra.
>
> Acreditamos, porem, que o distincto official não é tá informado que na Estação a freqüência d'ellas na hora de chegada e partida do trem é ainda maior que no mercado.
>
> Muitas vezes ellas sem conhecerem o lugar que merecem vem colocar-se juncto as famílias que alli esperam a alguém.
>
> Se o ilustre oficial achar que temos razão ahí fica a informação.[76]

Desse modo,faz-se necessário voltar uma atenção mais especifica para a condição deste jornal. Ora, quem o fazia e quem o lia, eram as mesmas pessoas que desenvolviam o processo de editoração, distribuição e fechamento do Jornal Correio do Norte, mas que neste caso era produzido de forma anônima, como paralelo do jornal oficial Correio do Norte. Inclusive a própria gráfica era a mesma e numa cidade de poucos leitores, este jornal circulava internamente diferente do Correio do Norte que abrangia toda esta zona.

Assim, temos a convicção de que, a questão moralidade da cidade ou guarda desta, defendida pelo Correio do Norte em vários de seus editoriais, vai ser trabalhada da melhor forma por estes paralelos, jornais pilhéricos que mesmo defendendo a ordem e a moral chegavam a atacar diretamente pessoas que freqüentavam os ciclos sociais da "melhor qualidade" e que eram denominados a *melhor sociedade.*

Retirar as meretrizes do centro da cidade era considerado um ato digno de referência em um jornal, ato de responsabilidade pública por parte de um oficial, chefe maior da Força Pública, que mantinha contato direto também com esta mesma sociedade que o estava elogiando. Mas fazendo um paralelo entre os jornais, vejamos o que o Jornal Correio do Norte vai discorrer sobre o mesmo fato:

---

[76] O BARBICACHO, Anno I, 15/02/1920. Nº IV. P. 02

> Dentre as accertadas medidas policiaes que há tomado o nosso distincto delegado especial Tenente Raymundo Pinheiro, nenhuma mereceu tantos louvores como a que ultimamente poz em pratica, prohibindo reuniões de prostitutas em o nosso mercado (...) O modo de agir ao Tenente Pinheiro neste particular **é digno de app'ausos de todos os ipuenses** visto com extinguia um foco de imundices que constituía uma nodoa para a nossa civilização e até um insulto á nossa dignidade[77].

Podemos perceber claramente que o que distancia a publicação de uma matéria em relação à outra são apenas três dias e que a do Jornal Correio do Norte é uma matéria mais de louvor à atitude do oficial. Já a do paralelo Barbicacho além de fazê-lo vai dar uma clara manifestação de cobrança, demonstrando ao mesmo oficial que as mesmas estão fugindo as regras da sua determinação e saindo para o lado considerado de maior fineza para a cidade, no caso a estação ferroviária.

Interessante perceber que esta mesma sociedade deixa transparecer explicitamente que o mercado público de Ipu também é considerado um local "sujo", que precisa ser higienizado pelo poder público, o que vai fazer com que haja toda uma cobrança por parte dos mesmos para com as autoridades, para que o local fosse reformado e existisse ainda, um processo de conscientização para com aqueles que freqüentavam este espaço da cidade, principalmente para a sociedade.

Retirar as meretrizes do mercado poderia ser considerado o primeiro passo para esta *higienização* e o oficial estava servindo de canal para a concretização deste empreendimento.

> Fazer uma Ipú irreprehonsivelmente bella e indiscutivelmente sadia é não somente trabalhar pelo engrandecimento de nossa cidade, mas principalmente valorisar o nosso próprio patrimônio e justificar a verdade dos que habitam neste Jardim do Nortecearense.
>
> Transferir o caduco e desconchavado predio municipal onde estão a Cadeia e a Câmara, erigir um templo mo
>
> derno e magestoso, concertar o Velho Mercado Ipuense, applicando-lhe os processos de hygiene consentâneos, são três marcos que iniciarão a nova phase de prosperidade de nossa cidade, onde já existem bellos prédios e bonitos largos**[78].**

Assim, para concluir o raciocínio, lançamos o olhar para a preocupação que esta sociedade fechada estava lançando no que se refere à estética da cidade e como o jornal ou os integrantes dele, que como já disse, freqüentavam todas as agremiações, se mostravam como defensores dos rumos que a cidade vai tomar.

---

[77] **CORREIO DO NORTE** 12/02/1920. Ano III. Nº 107. p. 01 (Editorial).
[78] **CORREIO DO NORTE.** 31/03/1921. Ano IV, nº 164. p. 01

Podemos dizer com propriedade, que a partir da formação destes grupos a representação política que vai se configurar na cidade, vai ser retirada destes membros, em maior escala, principalmente depois dos anos 30, como veremos na análise das transformações dos espaços da cidade com uma visão a partir do meretrício ipuense.

O que poderia ser considerado belo era o que estava dentro dos moldes progressista, principalmente com a influência francesa. Daí surgir na cidade já neste período e a partir dele, principalmente no Gabinete de Leituras, livros nesta língua e personagens elitistas da cidade que falavam fluentemente o francês, como no caso de Thomaz Correa e o surgimento de uma avenida no maior bairro da cidade - a *Boulevard Sebastião Carlos*, no Alto dos Quatorze - muito embora neste momento não fosse o mais importante..

Tirar as meretrizes do mercado público que já era considerado anti-higiênico e antiestético, mas central como demonstramos, e ainda, evidentemente, não aceitar que as mesmas freqüentassem as partes mais nobres da cidade, que seria a estação e a Praça de Iracema, faria com que de certa forma, uma nova ordem espacial fosse estabelecida, pois vejamos, a cidade era propícia para o desenvolvimento das práticas sexuais consideradas marginalizadas, pois na praça da estação havia um contingente inesgotável de transeuntes temporários, principalmente aqueles que tinham a cidade de Ipu como um lugar de passagem. Não se pode deixar de mencionar a própria masculinidade que para lá também seguia ou chegava nos vagões dos trens e a sociedade já teria classificado estas práticas (sexuais) como tal, pois trabalhava uma sociedade perfeita.

Assim, mais uma vez vai entrar em choque o jogo de intenções: a população (ou parte dela) querendo expulsar as meretrizes do centro da cidade e estas,por sua vez, querendo desempenhar o seu oficio na cidade, utilizando as necessidades que os homens desta gleba (ou não) tinham, que seria o prazer sexual, se colocarmos por esta vertente.

Vejamos o que diz Foucault:

> Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar em outro lugar, que incomodem lá onde possam ser reinscritas senão nos circuitos de produção, pelo menos nos do lucro[79].

Assim, vamos perceber entrar em cena na zona urbana de Ipu a formação de um novo bairro diferente dos demais e que vai ter a peculiaridade de ser formado a partir da expulsão das meretrizes do centro da cidade as quais se alocariam na parte mais distante do centro, em

[79] FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal. 16° Ed. 1988, p. 10.

direção à cidade de Sobral, nas proximidades do matadouro público, ou seja, para longe da sociedade central, onde os marginalizados se achariam na parte "suja" da referida cidade, local este que se confundiria com a própria forma de vida das meretrizes e estas assim, mesmo que de forma forçada e controlada, poderiam desempenhar seus ofícios, muito embora tendo que se refugiar em um espaço formal, reservado, o que dificultaria o processo de sedução delas para com seus clientes.

As meretrizes não poderiam mais seduzir na praça da estação, mas apenas esperar por aqueles que se dispusessem a se deslocar para onde as mesmas se achavam. As tramas começam a ser desenvolvidas de ambas as partes, tanto da sociedade como das meretrizes. Eles querendo controlar, elas querendo existir. A "guerra" estava declarada.

CAPÍTULO 2

A mulher pública e o controle dos usos e (des)usos sexuais: Ipu, uma cidade vigiada

> A indignação moral que a "boa sociedade" manifesta em relação à prostituição é, sob muitos aspectos, matéria de ceticismo. Como se a prostituição não fosse a conseqüência inaceitável de um estado de coisas que essa 'boa sociedade', justamente impõe ao conjunto da população! Como se fosse a vontade absolutamente livre das mulheres prostituir-se, como se fosse diversão para ela[80].

Levando-se em consideração a formação de um meretrício ou a existência das devidas práticas do sexo considerado "não sadio", em um determinado local pré-concebido ou aceito, nas imediações ou dentro de uma cidade, em nosso caso a "progressista Ipu"[81], ingenuidade seria acreditar que este espaço não passasse a ser guarnecido, observado, vigiado, enfim, que não houvesse a existência de uma intencionalidade de fazer deste local, a representação da manifestação do controle dos modos e da vida em sociedade, por parte de grupos "controladores", que circulavam por diferentes segmentos sociais, principalmente aqueles aos quais se davam condição de mando sejam nos campos econômicos, políticos, ou mesmo religiosos.

Assim, por que a "aceitação" de um meretrício em Ipu, como vemos, mesmo que observado, se esta sociedade não concebia com "bons olhos" esta prática por parte de alguns integrantes da comunidade? Se nos ativermos à concepção de Simmel, a ênfase maior seria a manifestação de uma culpa social, ou seja, o meretrício ou as meretrizes seriam nada mais que a complementação de uma vida em sociedade, pois a "boa sociedade" seria a formadora desta condição social por parte de algumas mulheres.

Embora fosse considerada subversiva, a sociedade necessitava da existência destes espaços e destas mulheres, uma vez que o "exercício do dever" das meretrizes fazia com que a sociedade considerada das "mulheres puras" e que pertenciam aos "quadros de famílias socialmente organizadas", continuassem nestas condições até o casamento[82] e mais ainda, como frisa Simmel, muitas destas mulheres carregavam na sua história a angústia de terem sido molestadas sexualmente em sua infância ou adolescência, por integrantes desta sociedade "conservadora dos costumes", principalmente pelos filhos destes, que utilizavam da promessa

---

[80] SIMMEL, George. **Filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 01

[81] Esta concepção de progresso vai demarcar os conceitos trabalhados nos jornais do início do século XX, principalmente o Correio do Norte, manifestando o pensamento daqueles que o editavam, como fica explícito na maioria dos editoriais, quando os mesmos se intitulam "guardiões da moral e do progresso da cidade.

[82] Sobre este ponto, aprofundaremos mais no terceiro capítulo.

de um casamento futuro e que a partir do ato sexual se distanciavam destas “infelizes” que passavam então a pertencer a outro quadro na sociedade, o das “mulheres perdidas”.

Assim, podemos perceber que,nestas condições, esta sociedade também teria consciência desta sua situação de vilã e daí ter mais um motivo para tolerar estes atos na cidade, uma vez que ela também fora geradora desta situação de vida pela qual as meretrizes estavam trilhando,quando adentravam no ambiente do meretrício passando a figurar como “mulheres do prazer”. Estas novas iniciadas, na maioria das vezes procuravam outras cidades para desempenhar seus ofícios, o que gerava grande procura dos homens para com as mulheres novas naquele ambiente.

Neste sentido, justificar-se-á a intensa rotatividade de mulheres nos meretrícios da cidade, pois aquelas que já pertenciam a muito tempo aos quadros de um determinado cabaré, passavam a não ser mais tão procuradas pelos homens, perdendo espaço para as “novas que chegavam” e assim, estas passavam a desempenhar suas atividades em outras localidades, onde lá chegando, retornariam à mesma condição de novidade para aqueles homens que lá também as procuravam.

A estrada de ferro possibilitava este intercâmbio entre as meretrizes que mudavam de cidade de acordo com as ligações férreas e as paradas estacionais[83].Neste sentido, é interessante observar que vários fatores são necessários para a procura, indo desde a apresentação física até as artes de sedução por elas desempenhadas.

Assim, a cidade de Ipu não vai ser muito diferente das demais, pois vai ter em seu cotidiano a presença de pessoas que passam a figurar como não permanentes no seio da sociedade, mas passageiras, permanecendo por algum tempo, desempenhando algum oficio trabalhista ou na busca de algo que lhes dessem sustentação e depois indo embora, como também seriam as meretrizes e os frequentadores do meretrício, salvo alguns que figuravam como proprietários na cidade ou assíduos frequentadores desta que entretanto tinham a sua permanência limitada.

A cidade, assim como o meretrício, é volátil tendo como característica própria esta rotatividade de pessoas, sendo que todas elas são intencionadas e passam a ser de certa forma, vigiadas por aqueles que têm a cidade como um complemento seu, existindo este sentimento de pertencimento a ela e se sentindo na obrigação de velar pelo seu desempenho social.

---

[83] Ver: SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha:** a militância comunista em Camocim-CE (1927-1950). Na apresentação do livro o autor faz referência à relação onde existiam estações ferroviárias, partindo desde a estrada de ferro de Baturité em 1870, ligando-a à Fortaleza e consequentemente a construção da estrada ligando a Sobral, Camocim, Ipu e Crateús, posteriormente.

Ora, mas o nosso recorte temporal vai ter como base o início do século XX e dentro de uma concepção de sociedade patriarcal com família regular onde os preceitos da moral eram tidos como base de exemplo para a formação e união familiar, como explicar a culpa desta "boa sociedade"?

Simmel também atenta para esta questão quando diz *"por que, então, não sacrificar alguns milhares de moças para possibilitar aos homens não casados uma vida sexual normal e proteger assim a castidade das outras mulheres?*[84]

De certa forma, há uma troca de valores ou mesmo inversão, pois ao mesmo tempo que a sociedade não aceitava a existência das meretrizes em um determinado local, ela também utilizava de seus "ofícios" para manter a castidade de um grupo de moças, que assim, continuariam "puras" para o casamento, enquanto os homens também provavam a sua masculinidade, satisfazendo seus instintos sexuais no meretrício da cidade.

Importante perceber que não só frequentavam o meretrício ipuense aqueles que vinham no trem de passageiros de outras cidades, mas também os moços que aqui residiam, inclusive aqueles que mais adiante passariam a pertencer a uma escola social "elitizada", sendo herdeiros dos costumes implantados por seus familiares e pares e ainda pela própria classe social a que passariam a pertencer.

Certo e sabido, que a arte do sexo no meretrício ou a prostituição já vem bem antes do nosso recorte em Ipu e daí a percepção de que, apoiando-nos na citação de Simmel, esta sociedade "controladora" também conhecia as artimanhas das meretrizes para continuar existindo em seus espaços.

Canalizando estes questionamentos para o início do século XX, mesmo antes da estrada de ferro chegar em Ipu em outubro de 1894, já existiam na cidade algumas "moças" que prestavam estes serviços para os rapazes, mas o que se percebe em nossas fontes é que a percepção delas, por parte da sociedade, era em menor escala mesmo que estas utilizassem como espaço uma pequena ruela do centro da cidade para estes fins.

O que se percebe é que não existia ainda esta preocupação em tentar demonstrar uma cidade ipuense representada com "certidão de nascimento" que seria a chegada do europeu Guerreiro Branco e a sua aproximação com a índia Iracema, ou mesmo, com a aquisição das terras ipuenses por Joana Paula Vieira Mimosa também européia - de Portugal, que não tiraria o mérito do nascimento da cidade, fato este tão propagado pelos memorialistas da cidade a partir da Revista dos Municípios de 1915 editada por Eusébio de Souza.

---

[84] SIMMEL, George. **Filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.p. 09.

Neste momento, ou seja, antes de 1894, a cidade vai aparecer apenas como mais uma em formação e que tinha a possibilidade de crescer mais que as outras que, também, se encontravam em processo de desenvolvimento e progresso, como disse Bezerra[85] e a existência de um local onde os "moços se divertiam" não chamaria tanto a atenção da população, ao menos como forma de repreensão naquele momento, o que vai se configurar com maior intensidade a partir da chegada da linha férrea e a formação de uma sociedade "letrada", principalmente aqueles homens de formação intelectual e jurídica, e junto a isso, a introdução da cidade como marco referencial do "progresso incipiente" na região Norte do Estado.

Mas vejamos o que Silva retrata em seu livro de memórias, com relação à existência destas mulheres e onde elas eram afixadas:

> O Beco do Progresso (...) era estreito, porém pavimentado. (...) Era composto de quinze quartos (...) todos num só estilo, construídos pelo então major Quixadá. Essa construção data de muitos anos atrás.
>
> Era ali que moravam as prostitutas, as "mulheres de vida fácil", no tempo em que a cidadezinha atrasada e sem vida, oferecia oportunidades para que homens casados tivessem momentos de amor fora de casa. Esses tetos, entretanto, estavam sempre superlotados, porque recebiam visitas de outras "quengas", que vinham dos municípios vizinhos, e até mesmo de outros Estados, para ganhar dinheiro dos ipuenses.
>
> (...) A cidade vivia às escuras. (...) A rapaziada tinha que recorrer ao Beco do Progresso, pois ali fazia hora, antes do recolhimento às suas casas. A vida noturna, para aqueles jovens, não tinha o sabor que tem hoje. Ocorriam desordens, havia embriagados e arruaceiros procurando briga. Às vezes, jovens da cidade se envolviam, e seus pais somente no dia seguinte tomavam conhecimento das histórias deturpadas ao sabor dos interesses de quem as ditava, as quais tomavam conta da cidade.
>
> Com o passar do tempo, as mariposas deixavam o centro da cidade.[86]

Esta descrição do meretrício feita por Silva, dá como contribuição em primeiro plano, como já dissemos, da existência de um meretrício no centro da cidade, mais precisamente nas proximidades da Igreja Matriz da época - no quadro da igrejinha - e ainda paralelo ao prédio das Escolas Reunidas, hoje a escola central Auton Aragão.

O que percebemos é a forma como ele romanceia a existência deste espaço,um local livre para as traições dos homens casados e ainda, para deleite dos moços jovens à procura da sua iniciação sexual.

---

[85] Rever: MENESES, Antonio Bezerra de. **Notas de Viagem.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
[86] SILVA, João Mozart. **Ipu do meu xodó.** Fortaleza: Nacional, 2005. pp. 99-100.

Numa hipótese mais aberta, o meretrício ipuense servia como espaço de sociabilidade, de convívio eram só das meretrizes com os homens que as procuravam, mas também observando-se a frequência para um "bate-papo", colocando as "conversas em dia", discutindo assuntos de interesses diversos.

Nesta perspectiva, o meretrício ipuense se tornava um lugar plural, pois os espaços eram configurados a partir das intencionalidades daqueles que os frequentavam ou lhe davam forma, vivendo este espaço e o tempo de acordo com o que acreditavam ser pertinente para o momento, para a sua condição como ser social.

Sobre o depoimento de Silva, atentando para a sua condição de escritor, que declarara ser interesse deixar escrito suas memórias no que diz respeito à cidade de Ipu, para a posteridade, "tal como aconteceu", é interessante perceber que neste primeiro momento escreve sempre na terceira pessoa, haja vista que, fala dos homens casados, dos filhos de pessoas da cidade, mas não se coloca na discussão.

Mais à frente em seu livro, quando continua a falar sobre o "cabaré", parece que se sente mais à vontade para se colocar também como um assíduo frequentador e utilitário dos prazeres oferecidos pelas "damas da noite", quando diz que:

> cada um dos rapazes da época possuía sua lanterna a pilha. Todas as noites, infalivelmente, saíamos do bilhar e padaria do Zé Padeiro (...) no rumo do que se chamava de 'zona'. (...) a ronda era geral, principalmente nas terças e sextas-feiras, os dias dos trens de Camocim[87].

As terças e sextas-feiras,a partir do que foi relatado, podemos afirmar que a cidade era "invadida" por diferentes pessoas das mais variadas cidades e Estados.

Assim, no meretrício, existia esta mistura de personagens, culturalmente diferentes, uma vez que na cidade de Ipu a maioria das pessoas, inclusive Silva, naquele momento pertencia a famílias de agricultores e aqueles que vinham no trem de outras cidades, na sua grande maioria, pertenciam à classe de comerciantes, das mais diversas mercadorias, vindo desde caixeiros viajantes até vendedores de gêneros alimentícios ou representantes destes.

No meretrício existia esta miscigenação cultural, o que pode caracterizá-lo, desde a sua formação, como este espaço de sociabilidade que antes já nos referimos. Vejamos:

> Ao dr. Edmundo Monte, M. D. Director da Estrada de Ferro de Sobral

[87] Idem, p. 101.

> Reconhecendo ser o Dr. Edmundo Monte um adminstrador recto e cumpridor de seus deveres, observador do regulamento da via férrea, em cuja frente, há longos dias, vem desempenhando o cargo de chefe, vimos fazer publico para conhecimento dessa digna auctoridade o abuso que reina por parte de alguns empregados da Estrada de Ferro. Sem nos referir a todos, sabemos de fonte insuspeita que empregados da Estrada effectuam vendas de gêneros, estivas e "tuttiquanti", nesta cidade, sem pagarem imposto de nenhuma espécie e lesando as leis do regulamento ferroviário em vigor. E não é tão revoltante ver se taes senhores commerciarem ilegalmente, como é admirável a facilidade com que arrumam praça para o transporte de suas mercadorias que são, na maior parte, compradas em Camocim, e por via das duvidas feito o despacho em nome dos compradores.
>
> O resultado é que os commerciantes d'esta cidade que pagam pontualmente impostos e requisitam carro com antecedencia de dois, três meses, nao se satisfaz, ao que justifica pela falta d'agua e de material rodante; mas , os srs empregados, não sabemos se por milagre, em todos os horários trazem feijão, milho, etc. que aqui vendem a negociantes não menos "escrupulosos", em prejuiso do commercio honrado e legal. Pelo exposto vê o digno administrador que os seus subalternos estão fora das normas do direito, estão abusando do lugar que lhes é confiado, erguido, assim a sua intervenção e chefe apelando para os bons sentimentos do Dr. Edmundo, pelgan (sic) os ter desempenhado um dever velando pelos interesses desta terra como nos cumpre e é de nossa restricta obrigação.
>
> UM COMERCIANTE[88]

Estes mesmos trabalhadores da linha férrea, fazendo às vezes de comerciantes, mantinham um relacionamento social e comercial na cidade, pois como bem é comentado na manchete do jornal, "atravessam" as mercadorias e revendem em Ipu, ferindo inclusive o código da empresa a qual pertenciam.

E os comerciantes da cidade se sentiam lesados, reivindicando nas páginas do mesmo jornal esta condição de zelo pelos códigos comerciais, embora percebamos que o que estava em vigor era a defesa de seus lucros, de seu comércio e de suas operações financeiras.

Estes trabalhadores comerciantes eram assíduos frequentadores do meretrício, unindo-se à população ipuense, embora, de forma permanente ou não, pertencessem aos quadros efetivos da população, pois tinham residência na cidade (embora não permanente), principalmente em grandes galpões construídos para alojamento dos trabalhadores braçais da estrada de ferro. Trabalhadores que agora se confundiam com os comerciantes.

Se tivermos como base o conceito de que toda fala é carregada de intenções, ou seja, pode valer muito do que foi dito, porém, o não-dito pode ser bem mais aproveitável, voltemos

[88] **CORREIO DO NORTE 08/01/1920. Ano III, nº 102**

à análise sobre o depoimento de Silva quando enfatiza sobre “os rapazes da época” que saíam - inclusive ele - para o meretrício.

Não eram casados ainda neste instante, e segundo ele, as turmas saiam em “comboio” em direção ao cabaré. Uns cantando, outros sorrindo, outros conversando principalmente sobre assuntos pertinentes às suas aventuras amorosas durante a noite anterior, ou depois do acontecido no retorno para a casa.

Neste recinto de “prazer”, aconteciam brigas, discussões, mortes,mas o que se procurava acima de tudo era o ato sexual.

De acordo com Silva,quando chegava uma meretriz nova, vinda de outra cidade ou Estado,era uma revolução entre os homens à procura de quem seria o primeiro a manter relações sexuais com ela, o que deixa margem de entendimento de que, a prova da masculinidade por parte dos rapazes da época era uma constante e assim, de certa forma, não seria mais somente a busca do prazer, mas toda uma demonstração simbólica do sentimento de machismo da sociedade ipuense que buscava se firmar no grupo dos homens que computavam a maior quantidade de mulheres, no caso, as meretrizes com que tinham mantido relações sexuais, ou mesmo, as vezes que tinham conseguido ser o primeiro na cidade a pegar determinadas mulheres a partir da chegada desta.

Vejamos que toda esta trama se desenrolava no centro da cidade, sob os olhares da sociedade que de certa forma aceitava os fatos. Somente com o passar dos tempos, estas práticas não iriam mais ser toleradas naquele centro urbano, como sabemos, o que fará com que se forme outro local para o desenvolvimento das relações sociais e consequentemente o surgimento de um novo bairro.

Silva, com o passar dos tempos, vai trabalhar na primeira gráfica do Ipu, posteriormente montando a sua própria e, também, passará a pertencer aos quadros daqueles que tomavam para si a responsabilidade de conduzir a moral da cidade,uma vez que fazia parte do conselho editorial do jornal.

Silva é o homem, que antes de sua morte em 1990, vai demonstrar o meretrício ipuense como um lugar de aventuras e de certa forma,como relata em sua fala, necessário para a época.

Como disse, em primeiro plano, ou seja,quando começa a escrever, ele não se coloca como usuário daquele espaço, mas posteriormente, deixa sua fala fluir naturalmente e até faz galanteios para com as peripécias cometidas por ele e seus amigos juntamente com as “mulheres de vida fácil”, como ele denomina as meretrizes daquela época.

Outro ponto pertinente nesta relação entre as mulheres do meretrício e a sociedade seria esta fusão existente entre o choque de interesses, pois existindo uma manifestação cultural em todas as relações, o que se percebe entre as necessidades dos homens frequentadores, poderia ser confundido com as reais intenções das meretrizes, pois estas já eram taxadas como desvirtuadas do modo de vida moralizado, muito embora utilizadas como "bode expiatórios" a partir da negação sistemática por parte da sociedade.

Segundo Simmel, *"a sociedade (...) faz exatamente assim, as prostitutas são os bodes expiatórios que se punem pelos pecados cometidos pelos homens da boa sociedade"*[89], e esta sociedade participa de todos os espaços da cidade, como também as meretrizes, seja das mais diferentes formas, pois credita em si esta responsabilidade de controle e assim, ter o poder de taxar determinados seguimentos sociais como desvirtuados ou moralizados de acordo com a sua convicção ou pelo menos por parte daqueles que detêm os meios de controle desta mesma sociedade, sejam das mais variadas formas de manifestação de poder, pois, seguindo o ideal de desvio, o que pode ser considerado como tal, equivale a:

> A idéia de desvio, de um modo ou de outro, implica a existência de um comportamento "médio" ou "ideal", que expressaria uma harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social. (...) No entanto, permaneceu a preocupação de delimitar, um tanto rigidamente, comportamentos "normais", embora numa perspectiva etnocêntrica. A idéia de que uma sociedade ou cultura estabelece um modelo rígido (em certos casos mesmo único) para os seus membros e que tal fenômeno é essencial para a *continuidade da vida social* permaneceu vigorosa. A pluralidade de comportamentos dentro de uma cultura é vista dentro de limites bem marcados[90].

Com relação ao meretrício ipuense, o modelo rígido de controle estabelecido por parte da sociedade, pôde ser percebido a partir das manchetes nos jornais que circulavam na cidade, principalmente naqueles considerados paralelos, pois tinham como meta principal observar o modo de vida regrado das pessoas.

Não podemos desconsiderar também a ação da Igreja Católica neste sentido, porém, neste quesito, veremos maior análise também no terceiro capítulo.

Nos jornais, podemos observar não raro matérias do tipo:

---

[89] SIMMEL, op. cit. p. 13.

[90] VELHO, Gilberto. O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social. IN.: VELHO, Gilberto (Org). **Desvio e Divergência:** uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. pp. 18-19.

> Avisamos a uma amiga nossa, que os passeios de um senhor (...) na Rua Chico Novato já esta muito comentado, e isto não fica bem a um senhor que se presa...[91]

Esta rua seria o cognome do local onde se achavam as meretrizes da cidade, já pertencendo a um local exclusivo para as práticas sexuais. A ida de um determinado personagem, que de certa forma poderia ser um representante dos interesses morais da cidade a um local "reservado e vigiado", poderia ser considerado um ato desvirtuante e a ação do jornal, ou de seus representantes, nada mais seria que a demonstração de uma tentativa de controle desta sociedade para com seus pares, pois como observamos, dentro de uma determinada cultura existem manifestações pessoais que são contrárias, pois é a demonstração de interesses e estes são caracterizados por particularidades mesmo que não apareçam explicitamente.

Para a sociedade a qual tal personagem pertencia, seus atos refletiam os interesses do coletivo, de sua classe e assim, os desvios não poderiam ser tolerados, mas controlados, devendo existir a intenção de uniformidade nas ações e pensamentos, não podendo permanecer no seu seio ramificações contrárias e a partir da existência destas, este membro passaria a ser considerado um "traidor" e por consequência, passaria a figurar no quadro dos membros dissidentes do grupo.

Para estes denominados dissidentes, várias seriam as formas de demonstração de força repressiva perante seus atos, partindo desde a publicação de seus nomes nos jornais, oficiais ou pilhéricos, já existentes na cidade ou até mesmo a utilização da força de repressão a que o Estado "lhes dava direito" nos moldes tradicionais.

Já verificamos que a força policial, objeto de controle oficial do Estado, agiu com relação às práticas sexuais meretrícias no centro da cidade,tendo um olhar mais direcionado a formação deste espaço que o determinado cidadão estava frequentando com maior assiduidade.

Assim, o controle ficava direcionado em várias vertentes, ou seja, controle do espaço, da moral e da própria sociedade que se tornava refém destas manifestações de vigilância dos atos de seus integrantes e daqueles que para a cidade se deslocavam, como as meretrizes oriundas de outras freguesias e ainda, dos transeuntes que utilizavam a linha férrea como meio de transporte ou trabalho, passando determinado tempo na cidade de Ipu, aguardando o desfecho de seus negócios e ainda, utilizando este tempo, para desfrutar aquilo que a cidade

[91] **O BARBICACHO**. Anno I, 11/01/1920, Número III. P. 3

tinha a oferecer como diversão, e neste sentido, a existência de um meretrício seria a demonstração de que as práticas sexuais libertinas eram uma realidade latente na cidade.

> O cavalheiro de que nos vamos occupar, é o prototypo da indecencia e deslealdade.
> É casado e não se envergonha de andar mettido em aventuras amorosas (...) ocupa um cargo federal esse bandalho[92].

Fazendo um paralelo entre as duas últimas citações, vamos perceber que o que separa uma publicação da outra é o intervalo de aproximadamente seis meses e que as edições são de jornais diferentes.

Neste sentido, é relevante salientar que os editores, muito embora anônimos em ambos os jornais, são os mesmos, como os mesmos são aqueles que editam todos os jornais paralelos da cidade no intervalo dos anos de 1918 a 1921.

O título dos jornais paralelos é geralmente direcionado a narrativas que dão a intencionalidade de vigilância,punição e controle, ou seja, Chicote, Espora, Futrica, Barbicacho;e todos eles faziam referência a algum tipo de observância da sociedade.

Na última demonstração citada, vamos perceber claramente, diferente da anterior, que o jornal vai dar a característica principal do frequentador dos espaços, ou seja, o mesmo ocupava um *cargo federal* o que naquele momento era restrito a poucos na cidade.

O que podemos ter como certeza é que este mesmo frequentador vai fazer parte dos ciclos sociais considerados elitizados por parte dos que protagonizavam a formação de determinadas agremiações na cidade, como as já citadas no capítulo anterior, e que assim, a estes a vigilância deveria ser mais acentuada,uma vez que se intitulavam um espelho para restante da sociedade, ou melhor, assim se achavam no dever de o serem.

Como o ato do servidor federal era considerado um desvio, deveria ser o mesmo "punido" e a excreção de seu nome em um jornal com as características de O Chicote, conhecido por delatar supostas quebras de regras sociais, seria a punição considerada mais cruel por parte dos pares daquele que formavam o grupo com o qual mantinham o convívio, porém "cada grupo cria suas regras especificas e se, por uma questão de poder, são impostas a seus membros, então o desvio é uma criação da própria sociedade"[93].

---

[92] **O Chicote**. Jornal crítico e noticioso. Anno I, 13/07/1919. Número Único. p. 1.
[93] CHINELLI, Filipina. Acusação e Desvio em uma Minoria. IN.: VELHO, Gilberto (Org). **Desvio e Divergência:** uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 131.

> ... um único ato de adultério por parte de uma esposa era 'uma violação imperdoável da lei da propriedade e da idéia da descendência hereditária' (...). O adultério por parte dos maridos, ao contrário, era amplamente 'encarado como uma fraqueza lamentável, mas compreensível .[94]

O ato do servidor poderia até ser encarado como uma fraqueza, porém não poderia passar despercebido.

O fato seria perdoado se passasse a fazer parte do "passado" do transgressor, assim como o do *cavalheiro que fora ocupado* anteriormente, ou seja, quando os editores dizem que *senão deixar, se não parar, etc.*, então é que a punição seria mais direta, ou seja, seus atos seriam denunciados ao seu cônjugue e isso traria consequências bem mais complexas para aqueles que fossem delatados.

A situação da mulher seria bem mais complexa, uma vez que como bem disse Giddens, seria uma violação imperdoável.

A estas mulheres o infortúnio seria bem mais direcionado, não podendo analisar nesta perspectiva, por não ser nossa intenção na pesquisa, mas sabendo que o futuro destas estava condicionado a uma não aceitação social e assim, numa hipótese recorrente às mulheres que entravam nesta condição, se tornariam anti-sociais e poderiam até mesmo adentrar no mundo da prostituição, chegando a frequentar os meretrícios.

Não raro isto acontecia e a própria sociedade acatava esta situação, pois fazia parte de uma *cultura* já implantada, ou seja, vários foram os casos de meretrizes que chegaram ao cabaré de Ipu depois de terem sido molestadas sexualmente, perdendo assim a sua "virgindade" em um ato não planejado e posteriormente, expulsas de casa pelos pais se aventuravam no mundo das práticas sexuais pelos bordéis das cidades.

A estas, podemos recorrer à memória de Silva[95], quando ele fala sobre as meretrizes que vinham de cidades diferentes chegando a ser, muitas delas, ainda pouco experientes na arte sexual meretrícia.

A elas, podem ser agrupadas algumas mulheres que antes tinham constituído família e que por uma desventura no relacionamento ou ainda uma traição (por parte delas) foram direcionadas à condição de "mulher pública" e a sociedade aceitava neste sentido, pois assim, estas passavam também a entrar no rol daquelas que utilizariam seu corpo para o deleite de um grupo de homens e dessa forma, manifestariam o seu papel na sociedade, pois para esta

---

[94] GIDDENS, Anthony.**A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e herotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993. p. 16.

[95] Rever: SILVA, João Mozart. **Ipu do meu xodó.** Fortaleza: Nacional, 2005. pp. 99-100.

não seria complexo "sacrificar algumas milhares de moças, para possibilitar aos homens não casados uma vida sexual normal, e proteger assim a castidade das outras mulheres"[96].

2.1. Os prazeres do amor. A satisfação sexual e a convivência em sociedade

O mundo da arte meretrícia, unido ao espaço e ao tempo em que ocorrem ou ocorreram, é demonstrado apenas em fragmentos do que era considerado real, principalmente na questão de nossa análise, uma vez que estamos trabalhando em cima dos mesmos fragmentos que a sociedade ipuense da época, considerada elitista, evidenciou em seus relatos nos jornais, tanto nos oficiais como nos paralelos ou pasquins.

A memória vai sendo "construída" também a partir destes filtros e assim a cidade vai aparecendo exposta nos acontecimentos dos espaços num determinado tempo e as relações entre estes três pólos: espaço, tempo e acontecimento, estão ligados um ao outro, não havendo dissociação.

Com as argumentações expostas, chegamos à convicção de que o homem, enquanto ser social, sente a necessidade de controlar o tempo e o espaço onde vive e assim, manter certo conhecimento dos fatos e modos de vida que o rodeia.

Assim o meretrício ipuense, na sua forma de existência passa por estes estágios, ou seja, na sua formação, desenvolvimento e controle por parte daqueles que detêm o poder temporal, político, espiritual, e por último, o poder social, que pode ser observado em diferentes proporções e formas, muito embora possamos perceber no decorrer dos tempos, que os conceitos criados em determinadas épocas, a partir de diferentes situações, vão perder relevância quando se confrontam com o real, pelo simples fato de ser uma coisa imposta por um grupo que tenta se firmar por sua condição social.

Este grupo espera assimilação dos demais membros da sociedade na condição de imposição e, posteriormente vai cedendo à fragilidade conceitual, quando novas formas de percepção do real vão sendo adquiridas por grupos paralelos considerados subalternos, pois a estes foram unindo-se diferentes manifestações culturais que vão se confrontar com conceitos, pois como disse Velho:

> ...a Cultura não é, em nenhum momento, uma entidade acabada, mas sim uma linguagem permanentemente acionada e modificada por

[96] SIMMEL, George. Op. cit. p. 9.

> pessoas que não só desempenham 'papéis' específicos, mas que têm experiências existenciais particulares[97].

Em pouquíssimos momentos, nossas fontes vão trazer a público a questão do dinheiro, ou melhor, este como ponto principal do reconhecimento, do prestígio social, da condição de cada um em sociedade ou como esta sociedade percebia cada um dentro ela.

O dinheiro seria o princípio da formação social, como conquistar este dinheiro era outro ponto. Entretanto, a partir desta conquista,seja por meio do latifúndio,da pecuária, do comércio,ou ainda , dos estudos a nível superior, principalmente no campo da medicina ou da advocacia, as "portas" sociais se abriam e a aceitação por meio da sociedade estava formalizada.

Assim acontecendo, as regras sociais deveriam ser obedecidas e a participação dos "agora pares" em locais considerados libertinos, provocativos e denegrentes da sociedade procurada e trabalhada como perfeita, como exemplo o meretrício, não poderia ser aceita e este "homens bons" deveriam ser punidos a rigor.

As mulheres e o espaço meretrício continuariam existindo. Pessoas com determinados propósitos também "poderiam utilizar este espaço", mas não todos. A uns, o que caberia seria a vigilância, o controle e a observância, mas não o uso nem a permanência.

Os jornais oficiais ou não teriam como finalidade esta condição de estampa social. Ser puro e honesto para com os preceitos sociais seria uma virtude que com certeza seria apresentada nos periódicos, porém, a quebra ou desvio de conduta também seria, mesmo que nos jornais ou pasquins informais.

O meretrício e o desvio são relacionados ao prazer e a vergonha também numa relação de controle da moral. Comprar o prazer e ao mesmo tempo ser submetido aos olhares de uma sociedade que tudo vê e tudo controla se tornaria um jogo em social.

A meretriz não "trabalhava" de graça. Seu ofício também era pago. Se sujeitar aos falares e ainda ter que pagar por isso era uma condição e esta situação muitas vezes trazia consequências que se tornavam perniciosas para o convívio, pois o "homem bom" se entranhar com a sujeira ou escore da sociedade seria uma manifestação condicional da tentativa de contaminação impura para esta sociedade, mesmo que inconsciente, mas existente.

---

[97] VELHO, Gilberto. O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social. IN.: VELHO, Gilberto (Org). **Desvio e Divergência:** uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 21.

Desse modo, não existiria, se assim se concretizasse, a confirmação de uma sociedade perfeita, ariana, com descendência propriamente européia, galgada definitivamente no ancestralismo de Soares Moreno ou Joana Paula Mimosa, mas numa meretriz, impura, vendida, entregue ao bel prazer de quem quisesse pagar.

Neste contexto, a própria sociedade também se tornaria um produto à venda, como quem passasse a representá-la agora fosse não só à meretriz, mas o homem que também se vendeu, pois como representante desta, não poderia se comportar como tal, ou seja, visitando e utilizando de espaços que não deveriam ser seus, mas combatidos a todo custo, limpando o nome e apresentando a cidade como pura, limpa e boa.

Se a meretriz tinha consciência de sua condição, não vamos adentrar neste campo, contudo, ela também tinha seus interesses.

Além de "comerciante do corpo", também tinha sua própria vida e neste sentido, tinha que conviver entre dois pólos: o de ser objeto e o de ser também às vezes senhora.

A maioria destas meretrizes tinha prole e munido a este ponto, deveriam acomodar o sentimento de maternidade,pois mesmo tendo uma vida desregrada, em determinado momento poderiam igualar-se às outras mulheres no que se refere ao amor materno, de possuidora da qualidade de transmissão de seu gene para a posteridade.

Faz-se necessário salientar ainda, que viviam um paradoxo: ter a vida desregrada sexualmente e ao mesmo tempo ter que apresentar ou representar perante os seus uma condição de controle sobre sua própria vida, sobre seu destino e sua "família".

Até que ponto pode ser percebido como perdição os atos das mulheres perante a sociedade? No espaço meretrício, qualquer ato já passava a ser considerado em desfavor destas mulheres. O fato de ter família ou não, não as condicionavam como puras, mas se tornavam ainda mais um agravantes, pois esta situação representava a falta de condições de segurança e de planejamento familiar. As tornavam como partícipes desse processo de uso e desuso social aceito, porém passivo de punição. Observado e controlado. Regrado dentro dos padrões sociais previamente estabelecidos pela sociedade.

A sociedade elitizada não aceitava estas práticas em público, e por isso, reservara um local para estas situações: o meretrício, local de desregra e libertinagem, usado também por pessoas com estas mesmas características. Pessoas estas que compunham a "elite" e também a escória social. A sociedade que se tinha e a que se queria apresentar. De certa forma, era um dilema que deveria ser vivido, para continuar existindo.

As sociedades de todas as épocas têm conflitos que podem ser contrastados com as relações que vivenciam. Não podemos perder de vista estas relações.

> Na medida em que o soberano {sociedade} legítimo tem menos motivos e menor necessidade de ofender seus súditos, é natural que seja por estes mais queridos; e, se não tem defeitos extraordinários que o tornem odiado, é perfeitamente normal que o povo lhe queira bem; qualquer alteração na ordem das coisas prepara sempre o caminho para outras mudanças, mas num longo reinado os motivos e as lembranças das inovações vão sendo esquecidos.[98]

Porque colocar a sociedade em ênfase nesta situação? Ora, de certa forma, antes de estarmos adentrando no mundo do meretrício ou sua formação, estamos inseridos num contexto de sociedade e como viemos tratando desde o princípio, como parte desta sociedade se percebe na condução dos rumos da cidade de Ipu, tratando do nosso recorte.

Os representantes dos jornais, das entidades sociais, grêmios, sociedades dançantes, políticos, etc., se viam soberanos neste emaranhado populacional. Como já vimos se colocavam como representantes diretos da própria sociedade, pois partilhavam todos ou a maioria, dos melhores campos de comando da sociedade.

Se percebiam como soberanos mesmos e os demais, como súditos, que deveriam reverenciar não suas pessoas, mas suas atitudes, seus mandos, seus posicionamentos. A cidade estava crescendo,assim como eles também estavam. Nada era por acaso, mas era por conta de suas vontades.

A cidade de Ipu, passava por um processo de "civilidade", não só por conta de seus agentes próximos, mas também por conta de uma política estadual, refletindo assim nos atos de quem dirigia política, social e economicamente esta cidade interiorana.

A década de 10, dos anos 1900 vem carregada de profundas transformações políticas em nível estadual e nacional.Muitos atos acontecidos em Ipu fazem parte de tramas planejadas na própria capital. Todo um projeto de lá fora canalizado para o interior do Estado, principalmente no que concerne à civilidade dos povos. Vejamos:

> Teófilo (...) era um dos agentes sociais que acreditavam que a cidade precisava civilizar-se para que povo pudesse sair da ignorância, ociosidade, debilidade e barbarismo em que se encontrava[99].

O Ipu se apresentava dentro destes contextos relatados. A escrita de Martins retrata episódios sociais acontecidos em Ipu. Como a sociedade vivenciava as transformações

---

[98] MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**, Ed Martin Claret, 2004. p. 31

[99] MARTINS, Francisco Magalhães. **O Coronel João Martins da Jaçanã**. Separado da Revista 'Aspectos' N 11- Ano 1977 da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. Editora Henriqueta Galeno, 2 Edição, Fortaleza, 1977. pp. 05-06.

acontecidas no ano de 1914, dentro de uma estrutura de observância e controle em todos os parâmetros.

A sociedade ipuense acreditava que ignorância seria viver fora dos novos padrões sociais, vivenciando ainda conceitos que naquele momento não condiziam com a realidade buscada ou vivida. Ociosidade seria não se manifestar com indignação perante as estruturas ainda arcaicas, na visão deles, por conta do modo de vida das pessoas ou de parte dos integrantes da sociedade ou dos considerados homens bons.

Debilidade seria não entender como certas práticas de vida, percebidas no cotidiano da cidade de Ipu, no nosso objeto de estudo, o uso e desuso do meretrício, seriam perniciosas para a condução de uma sociedade pura e ariana, nos moldes europeus, como já frisamos.

E por último, o barbarismo que se manifestava na cidade, no que se refere à questão sexual, as outras falas, o que não se entendia, ou vice-versa, mas que não se queria entender, porém vivenciar. Que sociedade seria esta? Sociedade viciada, galgada ainda nos padrões de uma colonização e formação a partir das mais diferentes formas de manifestação sexual, ou uso do sexo ou prazer.

Como bem disse Freyre, *"O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual"*[100]. Atentando de forma mais abrangente e nos apoiando na problemática da micro-história, Freyre fala de forma generalizada, mas não podemos esquecer que a sociedade ipuense também vivenciava estas necessidades sexuais e na falta de condições propícias para a satisfação do desejo e vontade, e o meretrício não acessível a todos, por conta das barreiras sociais e mesmo econômica, outras práticas eram desenvolvidas, como também disse Freyre:

> ...procuram satisfazer o furor com que o instinto sexual madruga neles servindo-se de vacas, de cabras, de ovelhas, de galinhas, de outros bichos caseiros; ou de plantas e frutas – da bananeira, da melancia, da fruta do mandacaru. São práticas que para o sertanejo suprem até a adolescência, às vezes até o casamento, a falta ou escassez de prostituição doméstica ou pública – as amas, as mulatas, os moleques de casa, as mulheres públicas – de que tão cedo se contaminam os meninos nos engenhos e nas cidades do litoral[101].

Assim, podemos concluir este ponto, reforçando a tese que lançamos de que o meretrício ipuense se desenvolveu junto com as transformações econômicas e sociais da

[100] FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49° ed. São Paulo: Global, 2004, p. 161
[101] Idem, p. 212

cidade, e ainda, que essas práticas sexuais se consolidaram a partir do próprio envolvimento da cidade buscando o "progresso", ou seja, toda transformação traz consequências nem sempre desejadas, que posteriormente irão ser trabalhadas de acordo com o processo que os órgãos sociais desejam.

Assim, entra em cena um outro contexto, que é o controle, dado de diferentes formas, por diferentes classes sociais, sejam políticas, eclesiásticas ou da própria sociedade, que utiliza de artifícios para manter tudo de acordo com suas vontades, principalmente quando se trata da "moral", tão trabalhada na formação de nossa sociedade.

Muitas práticas, muitas formas, muitos desejos. A vontade do homem deveria ser satisfeita de alguma maneira e o meio social vivido em Ipu naquele momento, não poderia ser diferente. A história oficial ipuense começa em 1694, com a doação das vinte léguas de terras feitas a D. Joanna Paula Vieira Mimosa pelas cortes de Portugal[102], ou seja, menos de dois séculos depois da colonização brasileira. Assim, as colocações de Freyre podem ser atribuídas também para a sociedade ipuense.

Na história oficial ipuense, a Igreja Católica tem participação desde a doação das léguas de terras no que se refere às catequizações indígenas e daí por diante. Porém, com relação ao meretrício, na sua formação vamos perceber algumas nuances que merecem destaque.

Em Ipu, não encontramos em nossas fontes referência da intervenção da Igreja Católica no período de formação do meretrício de uma forma direta, muito embora percebamos sua preocupação com a referida moral em todos os processos da formação de nossa sociedade.

Na formação da nação brasileira, temos a clareza dessa intervenção católica, muito embora os motivos sejam outros, quando vemos serem explícitas as intenções de povoamento do território brasileiro e a limpeza moral dos lusos metropolitanos.

Também recorremos a Freyre para essa afirmação, quando diz:

> A nossa verdadeira formação social se processa de 1532 em diante, tendo a família rural ou semi-rural por unidade, quer através de gente casada vinda do reino, quer das famílias aqui constituídas pela união de colonos com, mulheres à-toa, mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros[103].

[102] SOUZA, Eusébio de. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. **Um pouco de historia** (Chronica do Ipu). 1915. p. 153.
[103] FREYRE, Gilberto, p. 85.

A “mulher à toa” de Portugal aqui no Brasil seria vista por uma nova óptica. A visão do casamento, servia como purificação da alma, do corpo e ainda, sendo esta mulher de origem européia e pele branca, principalmente, serviria como modelo de sociedade embranquecida nas relações entre nativos e europeus.

A meretriz portuguesa seria no Brasil uma senhora do lar, com família preconcebida, formalizada nos padrões da sociedade “civilizada”, comprometida com os modelos sociais vigentes.

O meretrício ipuense já seria diferente. Era um lugar plural, da busca do prazer, da conversa de amigos, da provação da masculinidade;diferentes intencionalidades eram vivenciadas neste espaço de socialização.

2.2. A venda do corpo e o corpo à venda. O meretrício e a cidade

O jornal Correio do Norte deixara em suas páginas várias manifestações de como a mulher do meretrício era vista e também como os homens que lá frequentavam eram percebidos pela sociedade. A questão dos valores: o que seria bom para se ter boa representação na sociedade.

Tão somente frequentar o meretrício, manter relações sexuais e utilizar os espaços, não era o suficiente para que o homem fosse considerado aquém da sociedade, ou melhor, desvirtuado socialmente. Deveria também obedecer a regras que transpunham os limites do próprio meretrício. Regras sociais, mas também regras comerciais como vemos no seguinte poema:

AMOR VENAL

“Não tem valor o oferecido”! Intriga
O velho adágio. E eu me sinto e vejo triste,
Quanta verdade de verdade existe,
Neste provérbio que ninguém abriga.

Disseste: A ti somente o amor me liga
E eu fui um crente louco e cego. Viste,
Vinte dias depois tu me traíste,
Por dinheiro somente, falsa amiga.

Quanta vaidade tens, mulher barata...
Tu não possues o predicado raro
Que se chama pudor. E’s insensata.

Caro que foi! Que dinheirão perdido!

Por 50$000! ... Compraram caro
O teu discreto amor, tão bem fingido[104].
Abdegard Brazil Corrêa.

O "oferecido", no caso a prostituta, que era a mulher romanceada por Abdegard, não pode ser compreendido desta forma. Diferentes eram as táticas de sedução utilizadas no meretrício, menos o oferecimento direto. O corpo era vendido, negociado e, neste caso, por um tempo de 20 dias.

Passados os 20 dias, o corpo era vendido a outro, negociado pela quantia de 50$000 (cinqüenta mil réis), quantia esta demasiadamente pequena para quem entregava o amor a uma prostituta. O valor da compra seria apenas a do momento e não do próprio amor. Inocência seria acreditar na verdadeira manifestação do amor, nos braços de uma prostituta e assim o "romântico" percebeu e difundiu o poema..

O corpo seria negociável, o amor não. "Quanta vaidade tens, mulher barata...Tu não possues (sic) o predicado raro. Que se chama pudor. E's insensata." "Mulher barata" e "insensata". Barata porque vendeste o corpo por uma quantia ínfima e insensata por não dar espaço para o próprio amor. Sentimento este que fora manifestado nas entrelinhas do poema, como forma de não aceitação pela "traição" acontecida por uma mulher de meretrício.

Podemos também perceber que quem escreveu não era "qualquer um", mas uma pessoa que percorria todos os espaços da cidade, principalmente os de sociabilidades, como os gabinetes de leituras, espaços gremistas, entre outros, inclusive nas escritas dos próprios jornais, como o Correio do Norte e não fez questão do anonimato.

Assinou com o próprio nome e percebamos que o escritor é de família representativa na cidade, com prestígio social reconhecido e como seria de praxe, nas próximas páginas do mesmo jornal, retaliações seriam postadas, de forma suscinta, no entanto, direcionadas. Vejamos:

> São fructos da carestia da vida... e depois 50$ já não é pouco, principalmente depois de supportar este poeta por 20 dias.
> Livra!![105]

A venda do corpo unida à venda do amor em local pré-estabelecido, como o meretrício, passaram a servir como segundo plano na escrita do "anônimo". A forma de escrita do poema se tornara mais importante.

---

[104] CORREIO DO NORTE 06/05/1920. Ano III, nº 119. p. 03
[105] Idem, p. 03.

Se não, para os pares acadêmicos o que ficou como representação fora a escrita, suprimindo o conteúdo dos fatos, que fora uma relação de certa forma proibida socialmente.

Seria uma tática para camuflagem intencional? Ora, a sociedade estava ou deveria ser controlada. Os compatriotas estes mais diretamente. Mas todos vivenciavam o mesmo espaço social, a cidade Ipu. Lembremos, como já trabalhamos no primeiro capítulo, quem eram as pessoas que tramitavam por estes espaços, principalmente os de formação.

> Ao analisar a importância da 'classe média' emblematizada na figura do bacharel em Direito, grau de instrução majoritário entre os românticos (...) por desenvolverem suas atividades nos principais centros urbanos e, portanto, estarem mais expostos à influência européia (...) 'escrevendo em jornais ou revistas, publicando livros que se destinavam a um público leitor cujos limites não ultrapassavam muito os das oligarquias ou dos grupos urbanos que compunham sua clientela'[106]

Na cidade de Ipu, esta "regra" não se diferenciava muito. Como já percebemos e trabalhamos no primeiro capítulo. Toda esta problemática, do ser, pertencer, vivenciar e principalmente compartilhar os espaços, se esbarrava nessa trajetória intelectual. Uma gama de projetos era desenvolvido a partir dos conhecimentos adquiridos principalmente através da literatura que chegava à cidade nos vagões dos trens.

Assim o adultério, a frequente investida ao meretrício e principalmente a manifestação de uma paixão a uma prostituta, com direito a versos publicados e ainda, com a decepção de um abandono por ela, manifestando o preço cobrado pelo amor momentaneamente dispensado, comprometera a estrutura social de quem escrevera, principalmente por este pertencer aos altos escalões da sociedade.

Fator interessante de ser percebido também, como já dissemos, são estas entrelinhas que intrigam a nossa análise. Como bem citado, os intelectuais, principalmente os românticos poetas, tinham um público alvo seleto, não perpassando uma contingência de amantes das letras e o Jornal Correio do Norte não possuía uma grande margem de leitores, mas somente os assinantes da cidade de Ipu e região que detinham certa autonomia econômica e prestigio social. Os espaços são determinados como já vimos e, unindo-nos a Albuquerque Junior, quando diz que:

> Os espaços servem para localizar, em seu duplo sentido, de fixar ou delimitar ou mesmo inteirar-se do paradeiro de um dado objeto ou sujeito

[106] MARQUES, José Wilton. O poeta e o poder: favores e afrontas. In.: **Estudos Históricos.** Intelectuais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, nº 32, 2003. p. 36

> no sentido de que esta localização atribui um valor ou descreve um lugar dado numa determinada hierarquia de poder. Saber qual o seu lugar, se colocar em seu lugar ou se por em seu lugar são expressões que em nossa língua remetem a esta noção do espaço, que supõe a observância de lugares e de uma hierarquia de poder e valores que os distribui socialmente[107].

Abdegard Brazil Corrêa tinha o seu espaço, como a meretriz que ele "amara" também tinha o dela e ambos não poderiam "ser misturados", ainda mais quando esta miscigenação territorial escondia entre suas intenções um amor proibido socialmente, por parte daqueles que freqüentavam as mesmas agremiações que Corrêa , ou seja, onde as aventuras amorosas eram inaceitáveis para os componentes do ciclo e por outro lado, a meretriz que ele tanto amara, não poderia se entregar a um único amor, pois a esta, mais precisamente, a força amorosa estava na questão de quem pagara mais, no caso, os 50$000 mil réis.

Os espaços se tornam delimitados de acordo com as intenções. Podem até ser ocasionalmente ou não utilizados, mas com a demarcação social que deve ser obedecida. A quebra desta regra é observada inclusive por quem transita pelos mesmos espaços, ou seja, a presença de um "corpo estranho" se torna motivo de preocupação e observação, não podendo o sistema ser quebrado de forma direta, mas transformado a partir dos conflitos que se formam a partir das relações, como percebe também Albuquerque Júnior quando diz que:

> O espaço deixa de ser localização e extensão para ser relação, pertencimento a uma trama, elemento que participa dos diversos afrontamentos e acontecimentos que se dão no social. Cada atividade humana carrega em si uma dimensão espacial que a ela pertence e por ela é definida. As fronteiras, as identidades espaciais, os territórios, os lugares passam a ser pensados como tendo sido definidos a partir de contendas, de conflitos, sendo frutos de relações que se estabeleceram entre diferentes agentes e agências em um dado momento histórico, sendo, portanto, passiveis de dissolução, desconstrução, sempre que as relações sociais que os engendraram sejam modificadas, que os saberes que os puseram de pé sejam desmontados e que as relações de poder que os sustentam sofram deslocamentos[108].

Podemos concluir então que estas relações conflituosas existentes entre as meretrizes ipuenses e a própria sociedade, representada na sua grande maioria por aqueles agremiados, que como vimos, chamavam para si a condução da cidade em todos os aspectos e assim acreditavam ter este poder, fizeram com que a cidade de Ipu fosse tomando formas e acolhendo valores que perpassavam a própria intencionalidade almejada.

---

[107] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008. p. 68

[108] Idem, p. 72

2.3. No meretrício, na cidade, nas agremiações. O jornal, os "doutores" e as meretrizes.

Existia a sociedade desejada, ao menos no imaginário social de alguns membros da sociedade e também a sociedade real, que era esta sociedade galgada nos conflitos existentes e que de certa forma dera uma representação do que era a cidade, ou seja, dividida entre os grupos dirigentes e os considerados à margem social no caso em estudo, as meretrizes.

> Em quanto possuirmos homens de critério e patrícios de dignidade, havemos de palmilhar a senda do progresso, collocando o bem geral acima do egoísmo, arcando embora contra as pretenções injustas de espíritos mesquinhos, ridículos.
> Com nosco estão os commerciantes honrados, o Sr. Prefeito Municipal e a maioria do povo ipuense, para, unidos, repelirmos em esta idea torpe gerada nos cérebros avariados de certa gente, que longe de ver as cousas pelos verdadeiros prismas, se hombreiam com os suínos, charturdam-se na lama do atraso, da ignorância[109].

Tudo que não estivesse nos conformes sociais, visto como bom pra "toda cidade" pelos olhos dos que direcionavam os movimentos sociais, políticos e econômicos, era tachados aquém da sociedade, como porcos que não queriam sair da lama, sendo esta representada pelo atraso, pela ignorância, pelo desprezo pelo progresso.

A família organizada (patriarcal) era a representação maior desta sociedade. A cidade organizada era a complementação desta família. Uma deveria complementar a outra. A existência de um meretrício e das meretrizes circulando, poderia ser considerado o contraste dessas intenções organizacionais. Isso trabalharemos com maior intensidade no próximo capítulo.

Tudo deveria ser percebido, tudo deveria ser controlado. O jornal era a válvula de escape para estas retaliações. Não obstante, vez por outra vamos perceber as relações existentes entre quem escrevia as matérias e quem era citado, sejam estes os "maus comerciantes", as meretrizes, os policiais truculentos, os jogadores compulsivos, enfim, todos os que estavam ou se colocavam à margem da sociedade.

Mas como sabemos que são as relações que definem as representações da sociedade e a população ipuense do inicio do século XX era compacta, pelo menos a urbana, em torno de 4000 habitantes,como já dissemos, tudo ou todos poderiam ser relacionados no que se refere ao próprio convívio, sejam as relações trabalhistas, políticas, econômicas ou mesmo sociais,

---

[109] **CORREIO DO NORTE** 03/06/1920. Ano III, nº 123. p. 2

de parentesco, de amizade ou até mesmo de subserviência social. Porém, existiam e não se poderia furtar a esta condição.

Assim, não se tornaria tão incomum que determinados grupos penetrassem vez por outra em espaços que não lhes fossem convenientes, ao menos de forma direta, aceita e/ou chamada.

Nestes espaços delimitados de poder, tanto da sociedade como das meretrizes e de toda a cidade, para que existissem as condições propicias de sustentação de uma determinada ordem, o uso das meretrizes para as práticas sexuais, fazia com que mandos e desmandos acontecesse, como disse Foucault que, para o poder existir, ele também tem que ceder em determinados momentos. Vejamos:

> O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente porque ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir[110].

Os "homens bons" não aceitavam o meretrício, mas utilizavam as meretrizes. Era um mal necessário, mas combatido. Era uma situação de "amor, ódio e insatisfação" que os jornais da cidade, principalmente os pilhéricos, tinham como função demonstrar.

Já percebemos que várias foram as vezes que nas manchetes dos jornais apareceram reclamações para com determinadas situações existentes na cidade, situações estas que aconteciam de forma direta ou indireta.

Ora, o jogo, a prostituição no mercado publico e no meretrício, a sujeira na cidade, todas estes itens citados apareciam corriqueiramente nas manchetes dos jornais. Porém, como conseguir uma meretriz afrontar diretamente os poderes da cidade, e principalmente, os homens desta, num jornal de circulação conhecida?

> D. Mariana Cururu, Tauhaense, solteira, (...) vem pela columna de O Barbicacho protestar contra a sua, prisão efectuada pela policia que não lhe soube receber os carinhos de "mamãe", generosa (...).
>
> Apesar de tanto captivar os moços d'esta terra tem recebido d'estes a maior desconsideração pessoal"[111].

---

[110]FOUCAULT, Michel**: Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 08

[111] O BARCICACHO. Anno I, 15/02/1920, Nº IV. p. 04

Percebemos que a condição de vida que a meretriz no município de Ipu estava exposta, era de submissão, estranhamento, porém, de relações, tendo que se submeter a uma condição com dúbio significado, ou seja, viver numa sociedade extremamente conservadora tendo seus "passos" controlados e vigiados e, ao mesmo tempo, servir como elo de transição no período de iniciação sexual dos rapazes de "boa" família que na necessidade de provar sua virilidade utilizavam dos "serviços" das meretrizes para se firmarem como homens em potencial na sociedade.

Nesse sentido, as meretrizes desempenhavam sua "função social", em servir como espécie de "conservadoras da inocência das moças", pois os rapazes não necessitariam "forçar" relações sexuais antes do casamento contrariando assim todo um sistema também de controle, que seria o da castidade, tão trabalhado pela Igreja.

Assim, em determinado momento, percebemos uma "trégua" no controle deste espaço e das meretrizes, pois de certa forma, estavam fazendo um "bem à sociedade".

Já temos a convicção da separação das camadas sociais existente na sociedade principalmente das meretrizes, porém, Mariana pode ser considerada uma exceção nesse momento por ter a possibilidade de participar de outro campo social que não era o seu.

Como poder adentrar na redação (utilizaremos este termo, muito embora saibamos que as matérias eram feitas - ou entregues - nas dependências das casas ou em locais privados, por conta da natureza clandestina do jornal) de um jornal e ter a possibilidade de anunciar maus tratos contra a sua pessoa, ainda mais fazendo alusão dos "carinhos" que dispensara nesta sociedade?

Junto com o poder vem à resistência a este. Qual a relação que Mariana possuía dentro desta cidade, com quais pessoas manteve contato e o porquê da tamanha insatisfação de uma "forasteira" em Ipu, em não aceitar as manifestações de insatisfação da sociedade para com sua conduta?

Sobre Mariana não temos maiores informações, pois ao que tudo indica, a partir desta manifestação de repúdio, se ausentou da cidade, procurando novos caminhos para continuar seu ofício. Porém, a partir de seu depoimento e do silêncio que acompanhou os jornais seguintes, com relação a sua pessoa, tiramos a conclusão de que a sociedade ipuense tomou providências para a sua saída da cidade, ainda mais porque ela fez relação a duas classes de peso na manchete: a polícia e a própria sociedade.

Entendemos então que quando a sociedade aceita determinada situação, mesmo que a contra gosto, ela está maquinando inconscientemente uma forma de manipular e extirpar de seu convívio determinadas características a que está submetida.

Mariana Cururu, neste momento foi uma exceção. Muitas foram as investidas das meretrizes nos jornais, mas nenhuma delas as fizeram de "cara limpa", utilizando o próprio nome, atacando instituições e grupos, reclamando da forma como era vista ou tratada pelos homens desta urbe.

O seu peso social poderia estar condicionado às suas relações com pessoas de dentro das edições. Diferente das outras manchetes, em todos os sentidos, não houve comentário a respeito do assunto no referido jornal, nem nos outros como o Correio do Norte, que como sabemos , era editado por pessoas que transitavam em todos os parâmetros sociais e escreviam em todos os jornais.

Os jornais serviam como discurso e estes eram a produção ou reprodução do que se queria ou aceitava na cidade de Ipu. O meretrício era real, as agremiações também e os conflitos existentes davam uma demonstração de descontentamento por ambas as partes.

> Cada sociedade tem o seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros[112].

Nem as meretrizes estavam erradas neste sentido e menos ainda a sociedade. Era o jogo de interesses e valores que se configurava e dava a potencialidade verdadeira na cidade. Cada um se percebia de uma forma diferente, com suas convicções e intenções.

Era uma divisão. A chegada da estrada de ferro trouxera consigo novas formas de ver a vida e de manifestar novas tendências, principalmente econômicas, e o sexo ou a mulher prostituta, com seu espaço de relações seriam também conseqüências dessa nova ordem.

> A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista (...) as práticas do amor venal ganhavam toda topografia da cidade, possibilitando a constituição de saberes especializados[113].

Rago é bem ampla neste ponto, na medida em que vem identificar uma transformação da conjuntura espacial da cidade, em nosso caso, com a formação de novas ruas ou bairros.

Identificamos que fora introduzida na cidade uma das maiores representações do sistema capitalista no período - no caso a ferrovia - e também percebemos que uma parcela da

---

[112] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979. p 12.
[113] RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 20

população “se via” num processo de transformação intelectual e progressiva com esta instalação ferroviária. Daí, como já percebemos, a moral desta sociedade deveria ser guarnecida e controlada, sendo trabalhado assim, nas manchetes moralistas dos jornais e pasquins do inicio do século XX.

Assim, como tentamos demonstrar por todo o capítulo, várias foram as formas de uso dos espaços da cidade, sejam territoriais, institucionais ou de relações.

No entanto, ficamos direcionados neste âmbito da escrita, apenas à sociedade, porém, uma instituição maior existente não só em Ipu mas a nível mundial também estaria preocupada com estas práticas sexuais utilizadas em espaços reservados e aceitos e toda uma ordem nova seria manifestada por esta instituição chamada Igreja Católica e que iremos trabalhar com maior afinco no próximo capítulo.

Ora, a importância que a Igreja Católica desempenhou sobre as famílias ipuenses fora de tal forma que livretos condicionando as maneiras como os fiéis deveriam se portar diante das facilidades consideradas mundanas foram introduzidos na cidade, com um trabalho mais direcionado às esposas, supostamente as que mais sofreriam com as traições por parte dos maridos.

Portanto, neste processo, não nos admiramos quando encontramos referências diretas as práticas meretrícias nestes livros. O cabaré existia na cidade e isto era um fato, e em vista disso, percebemos que parte considerada representacional nesta urbe frequentava estes meios. Daí ser uma das preocupações da religiosidade em nossa cidade para com estes costumes proclamados como “malditos”.

CAPÍTULO 3

Meretrício, Igreja e Família

> Do édito para regulamentar a prostituição de 14 de abril de 1830: "Art. 1) ... Igualmente fica-lhes proibido aparecer a qualquer hora e por qualquer pretexto nas galerias, nos jardins públicos e bulevares. Art. 2) As mulheres públicas só poderão se dedicar à prostituição nas casas de tolerância. Art. 3) As mulheres autônomas, isto é, aquelas que não habitam as casas de tolerância, só poderão ir a estas casas após acesos os lampiões de rua. Elas deverão se dirigir diretamente a essas casas vestidas com simplicidade e decência ... Art. 4) Elas não poderão, em uma mesma noite, deixar uma casa de tolerância para ir a outra. Art. 5) As mulheres autônomas deverão ter deixado as casas de tolerância e voltado às suas próprias casas às onze horas da noite... Art. 7) As casas de tolerância poderão ser indicadas por um lampião, e, nos primeiros tempos, por uma mulher idosa, que se manterá à porta... Assinado: Mangin."[114]

Tanto a prostituição em si como quem a praticava sempre foram motivos de preocupação por parte dos poderes constituídos e pela sociedade. Não obstante, existiam códigos de conduta e observação geral para com as atitudes e espaços existentes na cidade.

Em Ipu, não raro, vamos perceber relatos de pessoas que trabalharam no quesito controle destas mulheres, principalmente nas repartições da Força Pública, como era chamada a Polícia da época em estudo.

Ficar na rua, transitar entre as "senhoras de respeito" e utilizar vestimentas que as confundissem com "pessoas de bem", tudo isto era motivo para que retaliações fossem provocadas. No próprio meretrício, a luz, o modo como o balcão do bar era colocado, as bebidas servidas, as músicas, os frequentadores, tudo tinha um padrão que deveria ser seguido.

Já percebemos que não só os usuários do meretrício com poder aquisitivo e social mais elevado frequentavam o espaço.Havia também os useiros frequentes. Aqueles que faziam do meretrício sua morada e a junção de todos estes parâmetros davam forma peculiar ao espaço meretrício. O lugar se confunde com quem o utiliza, se faz dele e com ele, principalmente.

Entretanto, existem as forças externas, que provocam modificações espaciais que nem sempre condizem com as reais intenções de quem vivencia determinados espaços. Uma força que não só se manifesta em forma institucional, mas temporal, não percebida na sua plenitude, mas existente.

---

[114] F.F.A. Béraud. As mulheres Públicas de Paris e a Polícia que as controla. Paris e Leipzig, 1889, II. pp. 133-135. Apud, BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo/**Jogo e prostituição / 1ª ed. São Paulo, 1984.

Estas forças podem ser apresentadas principalmente, naquilo que se acredita, enquanto dogma, que se torna mais forte que a própria consistência racional. A família pode ser uma demonstração desta força, principalmente quando ela está respaldada pela instituição religiosa, representada no momento pela Igreja Católica.

O meretrício ipuense se formara ou fora impulsionado a se formar na parte oeste da cidade, mas precisamente na saída para a cidade de Sobral, às margens do matadouro público, ou seja, ambos os locais considerados sujos e que não poderiam ser aceitos na parte central e às vistas de todos.

Mas a cidade vai crescendo geograficamente e observando mais atentamente percebe-se que o meretrício ipuense passa a ser "sufocado" por prédios e repartições públicas de grande porte com o decorrer dos tempos, mas a primeira a ser trabalhada ou construída, é a Nova Igreja Matriz de Ipu, que tivera a benção da sua pedra primeira já no ano de 1914 com o Pe. Aureliano Mota e localizando-se a cerca de dois quarteirões do foco do meretrício.

A Igreja Matriz de São Sebastião só vai ser concretizada em 1940, entretanto, desde o período de sua construção ofícios religiosos passaram a ser ministrados no local em que a mesma seria erguida.

Intencional? Vejamos as relações. Leonardo Mota, irmão do Pe. Aureliano Mota, já comentado no primeiro capítulo, veio de Fortaleza para Ipu a chamado do irmão pároco justificando ser o Ipu uma cidade onde o progresso era corrente e para um jovem jurista a carreira seria promissora. Leonardo Mota aqui chegando, torna-se promotor de justiça e assume relação fraterna com a sociedade ipuense fazendo parte de todos os escritos em jornais da cidade.

Aureliano Mota, que deu inicio à construção da Igreja, chega no ano de 1911 e sai em 1916 e desta data até o ano de 1947, o pároco foi Gonçalo de Oliveira Lima, irmão de Joaquim Lima, alto comerciante da cidade, tido como grande intelectual da época, fazendo parte também dos jornais escritos e um dos membros fundadores do Gabinete de Leituras ipuense, assumindo alto cargo na organização deste. Em 1930 é nomeado intendente do município de Ipu, por conta do Golpe de Estado instalado por Getúlio Vargas.

Em 1914, o presidente da Câmara de Vereadores era Abílio Martins, que assumiu a função de chefe do Executivo Municipal e era também um dos organizadores do jornal Correio do Norte, ou seja, mantinha estreito laço de amizade com todos os parâmetros sociais da cidade[115].

[115] Ver. MELLO, Maria Valdemira Coelho. **O Ipu em três Épocas**. Popular editora LTDA, Fortaleza,1986.

Assim, percebemos um emaranhado de intenções que se confundiam. O poder temporal, econômico, político e eclesiástico formavam uma cadeia de ligações que poderia transpor barreiras inimagináveis se fossem colocados de maneira organizada.Pois conforme percebemos,todas as agremiações que existiam eram relacionadas.

Os juizes e promotores de justiça, quando em Ipu chegavam ou se já fossem da cidade, imediatamente eram assediados para as agremiações e jornais oficiais, sendo sempre aquelas consideradas na cidade como as melhores.

Já percebemos que todas as situações consideradas transgressivas, eram tachadas na cidade como desviantes e por natureza, necessárias de que fossem combatidas. O jogo, o comércio aberto aos domingos, dia sagrado para a Igreja e por isso proibido, as meretrizes, tudo era observado. Sobre o comércio e a Igreja católica, vejamos manchete em jornal:

> Em 1904 um grupo de commerciantes d'esta cidade, a frete dos quaes se paz, Manoel Marinho de Sousa Lima, conseguio que fosse, por um Lei municipal, fechado o nosso commercio aos domingos. Esta Lei mereceu applausos de todos os que desejavam ver o Ipú na vanguarda do progresso, emparelhando-se com as cidades civilisadas. (...)
> Passados annos, alguns dos teimosos *beneméritos*, levantaram a idéia retrograda de fazer a nossa Câmara Municipal derrogar a Lei referida, contando para isto com o appoio de alguns vereadores. Foi isto ao tempo em que por aqui passou, em visita pastoral, o Exmo. Sr. D. Manoel, o qual sabendo da exdruxula pretensão, aproveitando a occasião em que a Câmara Municipal d'esta cidade lhe fora cumprimentar, pedio encarecidamente a seus vereadores, que não cogitassem de fazer cahir uma Lei, que equiparava o Ipú às cidades adeantadas onde os domingos são consagrados ao descanso. Mostrou o Exmo. Príncipe da igreja a vantagem da Lei que se pretendia anular e as desvantagens de serviços aos domingos. Da presença do Srº Bispo sahiram os nossos Edis certos de não consentirem no desproposito projectado.
> De certo tempo para cá, alguns commerciantes, po' diversas vezes, tentaram infringir a Lei alludida; foram reprimidos. Agora, porém, estão alguns, desrespeitando ostensivamente a Lei municipal referida.
> Há alguns domingos se vê quartos da Feira, com UMA SÓ PORTA aberta, e os seus proprietários pretextando vender gêneros alimentícios aos operários da Estrada de Rodagem, vendem tudo o que se procura comprar[116].

Compreendemos então, a interrelação dos setores institucionais nos diversos pontos existentes na cidade. A intervenção do Bispo do Ceará numa situação pertinente aos políticos de Ipu, demonstra a força que esta instituição tinha nos acontecimentos que em Ipu se desencadeavam.

---

[116] CORREIO DO NORTE . **Commercio aos domingos.** 27/05/1920. Ano III, nº 122. p. 01

Interessante perceber também, que o lucro chegava a falar mais alto, pois alguns comerciantes abriam "uma só porta" numa demonstração de "meio respeito". Não acatavam por completo a decisão dos políticos e o pedido da Igreja, no entanto não escancaravam sua insatisfação por completo abrindo suas portas.

A Igreja Católica se assegurava de manter a ordem em todos os pontos e para isto contava com a colaboração de seus parceiros em todos os campos, como já dissemos. Muitas vezes, estas intenções se confundiam, pois as festas religiosas que em Ipu aconteciam, na sua grande maioria, eram financiadas pelos grandes comerciantes e por quem representava instituições públicas de alta contextualização.

Mas como a cidade é dinâmica e tem vida própria, as "cousas" aconteciam e se manifestavam. Em Ipu, mesmo existindo todo um "projeto" de modernidade, acontecimentos considerados extraordinários passavam a ser publicados e comentados com alarde, tanto nos ambientes de conversas como nos altares das Igrejas e nos jornais apareciam os resquícios dos acontecimentos comentados por grande grupo.

A população não percebia que muitos dos atos praticados e situações vividas eram frutos de uma nova ordem que estava se estabelecendo em Ipu com a chegada da estrada de ferro. Um dos fatos de maior relevância nos jornais, segue-se:

> Em noite de 27 para 28 findo, pessoas residentes nas immediações do Açude Breguedof, desta cidade ouviram vagidos de criança partindo do referido açude.
> O facto inexplicável despertou a curiosidade dos moradores de tal local, que vencendo enfim o terror supersticioso, entraram n'agua e com grande surpreza encontraram em um balseiro de matto, boiando milagrosamente uma creança do sexo masculino.
> Trazido o recém nascido às margens do Breguedof, verificou-se ter sido a poucos momentos jogado ali com o fim de ser morto afogado, naturalmente pela mãe desnaturada que procurava desta maneira occutar o fructo de um amor criminoso.
> Por vestigios inconfundíveis pela manhã foi verificado o local de nascimento da creança, mesmo ali nas areias que marginam o Açude.
> A policia tomou conhecimento do facto e procura a autora ou autores da cruel tentativa de infanticídio.
> Parece-nos que as diligencias vão em bom caminho, já estando conhecida a progenitora do recemnascido, que ágio sosinha com o fito de occultar a vergonha de seo estado clandestino.
> Trata se do caso de pessoas do povo lá mesmo residentes[117].

[117] CORREIO DO NORTE 01/08/1921. **Tentativa de Infanticídio**. Ano IV, nº 186. p.01

O Açude Bergdoff, na escrita e pronuncia correta, foi construído no ano de 1877, por conta da seca que assolava o Estado Nordestino naquele ano. Projetado pelo engenheiro alemão do mesmo nome, para homenageá-lo a população passou a chamá-lo no linguajar popular de Breguedoff.

Não obstante, com a formação do meretrício ipuense, em suas margens foram construídos casebres e pontos comerciais que serviam para as práticas meretrícias. Era de lá(do açude) onde a população do meretrício retirava a água necessária tanto para lavagem como para o consumo próprio e ao passar dos tempos, com as fortes chuvas que caíram em Ipu, suas barreiras não suportaram a força das águas e ruíram, nunca mais sendo reconstruídas, formando assim um aglutinado de casas que faziam a continuação do meretrício.

O local no ano de 1921 foi utilizado por uma meretriz como esconderijo e abandono de um filho recém-nascido, "com a finalidade de que o mesmo morresse afogado", pela mãe desnaturada que procurava desta maneira occultar o fructo de um amor criminoso".

O amor criminoso, como retratado na matéria do jornal, poderia ser decifrado de várias maneiras. Quem era o pai da criança? Geralmente as meretrizes possuíam incontáveis parceiros e não era fácil saber quem realmente era o genitor. Nos cartórios de registros ipuenses, não raro se acha registros de crianças sem o pai ou pai ignorado.

Quais eram as condições de sobrevivência desta mãe e a forma como era vista na sociedade? Ora, a meretriz, como já viemos percebendo desde o inicio, não tinha a possibilidade de ascensão social fácil. Sua vida era baseada numa constante luta pela sobrevivência, tanto como pessoa como profissional.

Ter um filho, levá-lo para as condições de vida considera desregradas, num ambiente de sexo e bebidas, recebendo homens, vivendo entre olhares e regras e ainda, ter ou não a aceitação por parte das "madames"[118] de uma criança no "ambiente de trabalho" seria demasiadamente complicado.

Ser mãe para a meretriz, diferente do que acontecia com as famílias institucionalmente organizadas, trazia sérios problemas para a sua vida enquanto mulher e profissionais do sexo..

Vejamos que a polícia fora acionada para resolver este problema e que o jornal oficial da cidade fez questão de noticiar tal fato em primeira página, demonstrando a situação para a

[118] Sobre este conceito, ver: MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa**. A cidade e o meretrício**: trilhas e memórias do mundo da cancela: Tianguá-Ceará – 1950-2002. Fortaleza: Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Ceará, 2004.

população, como forma de angústia e velo para com tal acontecimento. E quem era esta polícia?

Infelizmente, em nossas fontes, só encontramos comentários sobre ações policiais, já filtradas a partir dos interesses de quem escrevia, geralmente, "de cima para baixo", portanto, recorremos à história oral neste momento, para tentar entender um pouco de como funcionavam as relações entre a Força Pública e o meretrício, a partir do depoimento de um velho policial aposentado, não esquecendo o que nos disse Portelli, quando nos propomos a trabalhar com este tipo de fonte. Vejamos:

> A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias e sobrepostas.[119]

O policial que trataremos, chegou à cidade de Ipu na década de 50, mas frequentes eram as suas investidas no meretrício, tanto a trabalho, como nos horários de folga e recorremos a ele, no sentido de que tinha a experiência repassada por seus colegas mais antigos, como bem afirmou em várias de nossas conversas. São semelhanças "compartilhadas", nas palavras de Portelli.

Como eles tratavam as meretrizes, e sobre os temas aqui abordados, é enfático quando diz que:

> ... agente tinha que manter a ordem. Essa determinação de prender as raparigas se fossem pegas na feira partiu do delegado, um sargento muito duro, que não queria "disordi" na cidade, nem bater de frente com a população (...) mas eu nas hora de folga, também dava minhas "iscapulida". Eu gostava... [120]

Estes policiais que deveriam manter a ordem, frequentavam o meretrício. Vejam o que diz o soldado, quando narra que o "*delegado*" não queria "*bater de frente*" com a população. Mas que ele também dava as suas "iscapulidas" junto com os companheiros e que gostava desta situação. Era um jogo duplo.

---

[119] PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões Sobre a Ética na História Oral. In: **Projeto História.** São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História. Nº 15. 1997. p. 16

[120] F A E. (Identidade preservada, sendo utilizada somente as iniciais de seu nome) Policial aposentado, com mais de 40 anos de policia, aposentado com a graduação de sargento, (mora atualmente em Ipueiras-Ce, a 28 km de Ipu) que fala com muito orgulho das suas peripécias, segundo ele, quando visitava o cabaré. Conclui dizendo que, cedo ia "botar moral", depois fechava o cabaré para ficar com as "putas", com mais alguns companheiros. Trabalhou muitos anos em Ipu. Entrevista concedida em 26/05/2005

Já percebemos anteriormente que a sociedade cobrava nos jornais este controle de circulação das meretrizes na cidade. Vimos também que existiam "leis" que regimentavam este controle, muito embora não fosse aqui e num tempo diferente, porém, o meretrício, ou as práticas meretrícias deveriam ser observados de perto, e neste sentido, a polícia estava fazendo o papel que a sociedade esperava.

Mas agora era um caso excepcional. Além dos crimes cometidos para com a sociedade pelas práticas meretrícias, uma criança fora literalmente lançada às águas de um açude para que acontecesse o anonimato de uma situação ou fuga para a condição de vida em que a protagonista do ato vivia.

A policia deveria agir com a utilização da razão, esquecendo as "amizades" existentes no meretrício e os jornais, ao que se esperava também fazer suas cobranças no que se referia inclusive à questão da vida.

No entanto, o que se percebe na edição seguinte é uma observância totalmente diferente do que se esperava. A meretriz não fora colocada como "um monstro", como na primeira edição, mas como vítima da sociedade. Vamos à matéria:

> (Uma pobre moça do povo deo a luz occultamente no açude Breguedof e deixou o recém nascido em uma moita de capins. A creança foi salva milagrosamente).
>
> Ao sahir ca neste mundo
> Foi logo escapando a morte
> Sô mesmo filho... sem pai
> Pode ter tão grande sorte.
> Qualquer cria de casal
> Não terá vida tão forte.
>
> Qual Moysés salvo das águas
> Salvou-se sobre o capim
> Se Moysés fez tanta coisa
> Que não fará o Negrim?[121]
>
> J.P

A meretriz é chamada de "pobre moça", talvez por conta da sua infeliz situação de vida, mas não se esquece que ela "*é do povo"*, mundana ou à margem da sociedade. Suaviza-se a forma como era tratada. Não se faz menção à retaliação ou punição que a mulher deveria ser submetida, mas ao acontecimento em si, que passa a ser romanceado, mesmo que de forma depreciativa em alguns pontos.

[121] CORREIO DO NORTE. **Um facto cada semana**. 07/08/1921. Ano IV, nº 187. p. 01

"Só mesmo filho... sem pai", utilizando as reticências para não dizer diretamente: filho de prostituta. Se fosse filho de casal, não teria tanta sorte. O filho da prostituta já nascia com o estigma de que travaria uma batalha pela vida já no seu nascimento. Sua vida seria uma luta constante pela própria sobrevivência.

Na vida em família regular, o filho já nasceria dentro dos padrões relativamente sociais e a sua vida seria definida de acordo com as intenções dos pais. Previamente já se saberia qual o destino dos filhos e a sorte não precisaria, a certo ponto, ser conclamada, pois as condições de vida os direcionava provavelmente para o comércio ou para as faculdades de direito ou medicina, que eram as mais procuradas no momento.

É um poema que demonstra muito dos valores da época. Talvez um dos que mais nos traz reflexos de como a população que circulava entre os jornais percebia os demais integrantes da sociedade.

"Se Moysés fez tanta coisa, Que não fará o Negrim". O menino, mesmo já nascendo vencendo a própria morte, sendo aclamado como "salvo das águas", não perde a sua condição de filho de prostituta e muito menos a sua condição racial. Pouco se percebia até então estas questões nas escritas dos jornais, embora muito se achasse e se soubesse da forma como os negros ainda eram tratados nestas primeiras décadas do século XX.

E ninguém mais falou no assunto. Não nos jornais. Não nos meios oficiais de comunicação da cidade, não nos impressos. E ninguém sabe qual fora o fim tanto do menino salvo das águas e nem de sua genitora, que tentara cometer o ato de infanticídio para com o fruto de suas relações meretrícias.

Saber quem era o pai, esta seria a questão mais difícil de ser respondida. E este talvez nunca tenha sabido do que acontecera com seu filho, logo ao nascer. O que se sabe é que existiram especulações de várias maneiras, de prováveis pais para a criança, mas a história tomou o rumo do silêncio e alguém criou a criança, sem podermos dizer quem tivera tal ato de coragem.

Uma família fora buscada para o Moisés Ipuense. E Moisés não veio salvar os seus.

3.1. A mulher casada e as traições do marido. Um curso católico

> ADVERTENCIA: A leitura do presente livrinho é prohibida aos menores de 18 annos, mas muito aconselhada a maiores dessa edade e aos paes, principalmente.[122]

[122] MME. PERMOND. **Conselhos d'uma mãe a suas filhas.** Petrópolis – RJ, 2ª ed. Centro da Boa Imprensa, 1923. (Folha de advertência solta dentro do livro, datada de dezembro de 1923, com timbre da gráfica Boa Imprensa).

Por que uma advertência desta natureza em um livro escrito e impresso por órgãos religiosos e direcionados para serem trabalhados nas Igrejas Católicas? Antes desta análise, vamos ver as condições reais desta fonte[123].

Embora fosse uma prática comum as mulheres chegarem ao casamento antes dos dezoito anos de idade, entendemos que a Igreja Católica apoiava a necessidade da maioridade dos jovens para que o ato fosse executado.

O livro era um trabalho relacionado à formação de jovens mulheres católicas que estavam às vésperas do casamento, e assim, como era de costume na época (e ainda hoje), existir a necessidade de um curso para as futuras esposas antes da realização do ato cerimonial pelo padre.

Este curso não dispensava outro, que era a reunião pré-nupcial[124], onde aí sim, se encontravam os casais, homens e mulheres para receberem as instruções a respeito da vida em matrimônio e a forma como deveriam conduzir suas famílias que a partir daquele instante passaria a ser formada.

Que situações preocupavam tanto a Igreja e o porquê desta preocupação? Entendemos que, se existia a preocupação era porque existia o problema e de certa forma de maneira bem acentuada. Um problema a ser trabalhado de forma direta pois assim acontecendo, poderia ser extirpado do seio da sociedade ipuense.

Adentrando no conteúdo do livro, relacionando o que ele tinha a ver com as práticas meretrícias por parte dos maridos e a vivência das esposas, vamos esclarecer primeiramente as condições em que ele se achava no momento de nossa primeira abordagem.

O encontramos numa caixa grande, entre várias outras, que continham livros e documentos, a maioria relacionados a formações religiosas como se fossem espécies de cruzadas a serem realizadas por integrantes de grupos da Igreja.

Eram documentos de todas as espécies, desde cânticos e louvores, orientações dos bispos e padres e até mesmo determinações transcritas oriundas do Vaticano. Todos os documentos estavam organizados e selecionados por categoria, demonstrando a preocupação em não misturar o direcionamento dos trabalhos religiosos; e cada setor religioso divido em grupos de voluntários ficava responsável por um segmento a ser trabalhado na comunidade religiosa.

---

[123] Este paradoxo entre livro/fonte escrito no parágrafo, ocorre devido às condições em que fora utilizado o livro/documento na cidade de Ipu. O manejo e as intenções pelo qual ele aqui chegara. Quem trouxe e quem trabalhou os cursos, era pessoas diretamente ligadas aos serviços religiosos, daí existir a relação neste caso que não podemos nos furtar entre ele ser realmente uma referência bibliográfica e/ou uma fonte a ser trabalhada.

[124] Estas reuniões com pessoas da Igreja Católica, por muito tempo ficaram conhecidas como “banhos”. Sem elas o ato cerimonial não poderia acontecer.

Estes documentos estavam na casa da falecida Valderez Soares, que dedicou sua vida às práticas religiosas, sendo catequista missionária da Igreja Católica de Ipu, e assim, entre os livros adquiridos no decorrer de sua vida, encontravam-se vários outros que herdara de sua família conhecida pela tradição religiosa que dispuseram ao longo de sua existência.

Sendo assim, por que a intenção da editora religiosa em manter o máximo de resguardo para com um livro que, necessariamente, seria utilizado num curso para recém esposas?

É um livro escrito em forma de cartas direcionadas, com assuntos específicos, que serviam como "conselhos", como bem dita o título e que entre as vinte cartas nele contidas, formando um total de 160 páginas, nos chama maior atenção 06, pela sua relevância para com nossa pesquisa.

> Carta I: A Simplicidade
> Carta III: Cautelas que a mulher deve ter (página 16)
> Carta IV: Os primeiros tempos do casamento (página 21)
> Carta VI: A importância de agradar o marido (página 40)
> Carta VIII: Reflexões sobre distracções mundanas (página 56)
> Carta XIII: Procedimentos da mulher chistan nas infidelidades do marido (página 94)[125]

Não esqueçamos que o curso, com estas prerrogativas era direcionado para todas as mulheres que ficavam noivas, no entanto, quem ministrava eram pessoas ligadas aos convívios de sociabilidade direcionados à "boa gente" ou "melhor sociedade" de Ipu, principalmente as mulheres, esposas dos integrantes das agremiações que já nos reportamos.

A mulher casada deveria ser simples, honrada e acima de tudo, virtuosa, sabendo conviver com as situações que porventura o casamento propiciasse e, além disso, manter o distanciamento de pessoas consideradas aquém da sociedade, inclusive nocivas a ela, no caso, as mulheres consideradas públicas.

A cidade vigiada, os costumes controlados e a Igreja, como os homens da cidade atentos aos novos acontecimentos quando pensavam que:

> Na épocha em que vivemos, têm as meninas tantas liberdade que nunca será demais repetir-lhes, que tenham todo o cuidado nos seus propósitos e palavras, pois que, pela sua leviandade e falta de reflexão, poderão chegar a commeter faltas irreparáveis[126].

---

[125] MME. PERMOND. **Conselhos d'uma mãe a suas filhas.** Petrópolis – RJ, 2ª ed. Centro da Boa Imprensa, 1923. pp. 159-160.
[126] Idem, p. 14.

A mulher era controlada neste sentido, as meretrizes vigiadas e os "senhores" também. Embora as formas como se davam estes olhares acontecessem de formas diferenciadas, o fim real seria o mesmo,a manutenção de uma boa sociedade. A moral social que serviria de parâmetro para a ostentação de uma sociedade caracterizada pelo respeito e pela ordem.

A união dos homens e mulheres deveria ser galgada pelos preceitos religiosos, pela ordem divina, pelo controle social. A família deveria ser respeitada, como a mulher também. Neste sentido, podemos ainda justificar o porquê de o meretrício ser fechado, reservado, pois nestas características não poderia ser confundido com um lugar familiar, mas um ambiente de busca de prazer e orgias, de conversas as escondidas, de debates que poderiam transformar os rumos da sociedade.

Homens e mulheres deveriam ser os responsáveis sociais por estas situações de manutenção da ordem, do zelo pela convivência pacífica, ordeira, mas acima de tudo, familiar. E os jornais, oficiais ou não, estavam prontos para agir quando esta ordem fosse inobservada.

As cidades em suas transformações, trazem situações que nem sempre agradam a todos ou parte dela. As modificações existentes em hemisférios diferentes são conduzidas para as cidades numa manifestação de ligação, pois como já vimos, nos trilhos da linha férrea ipuense, muitos jornais, revistas e pasquins chegaram e eram tidos como verdadeiras relíquias por aqueles que os recebiam.

O namoro ou um determinado namoro, se exposto e não oficializado, passaria a ser observado.

> Grande revolução no inferno, por causa das danças. Schottis, ch e mazurk triumpham – o namoro dos dois casados. O que diz a mãe Nogueira (...) Peço mandar repórter syndicar namoro do F. Frota (viúvo) se é mesmo p'ra cazar ... do contrario...
>
> Valeriano[127]

Percebemos que a Igreja tinha a intenção de preparar a mulher para o casamento e o homem deveria ter também a preocupação do zelo pelas mulheres da cidade. Aparecer num jornal no estilo de A Futrica era o presságio da vigilância, da observação.

Os integrantes e "editores" deste jornal eram os mesmos que escreviam e editavam no Correio do Norte. Este, porém, de circulação local. Em todas as suas edições, que não chegou

[127] **A FUTRICA**. ORGAM CRITICO DE UMA SOCIEDADE ANONYMA. Anno I, Ipu, 05 de junho de 1921. NUM. 3. p. 01.

a dez, direcionava as pessoas que deveriam ler as manchetes, ou seja, apenas aqueles que pertenciam ao quadro que integrava a sociedade.

Não se discute, entretanto, se as mulheres dos envolvidos tinham acesso aos conteúdos escritos nestes jornais, porém, fica difícil acreditar que diferente acontecesse.

Numa sociedade de "futricas", "fuxicos" e observações, e não obscuras as intenções, fácil se achariam exemplares destes jornais nas residências locais. Não raras às vezes, matérias publicadas chegaram a ser discutidas nas reuniões acadêmicas e gremistas da sociedade. Sensações de desagravo aconteceram várias vezes por esses motivos, pela exposição de nomes que "certamente" não deveriam ser apresentados em público. Relembremos que a função de alguns jornais era mesmo esta e não existia interesse de esconder estas intenções.

> COM LICENÇA. Esporando o seu corcel, fugindo as carícias da "Bailarina" e frostrações (sic) eil-a que chega sorridente "A Espora".
>
> Este nosso jornalzinho vem prehencher uma lacuna de nossa critica local, mas critica não immoral como muita gente boa suppõe que critica é immoralidade.
>
> O nosso programma será defender a moral e corregir as proezas de nossos "moços bonitos" e demais assumptos que interessam a collectividade. Esperamos anciosos o melhor acolhimento e não irritem-se com nossas palestras e aconselhamos andarem bem direitinho para não desmantelarem a rozêta d' "A Espora"[128].

Portanto, vemos que não só a Igreja, mas todo um corpo organizado se aprontara no intuito de talhar a boa ordem da sociedade. A mulher e os "moços bonitos" de Ipu se achavam entre olhares tanto temporal como religioso e neste sentido, fazia-se necessário que toda uma trama se desenrolasse entre estes olhares.

Esta sociedade não acatava deslizes de homens nem de mulheres, porém, estas eram bem mais vigiadas, se não as consequências para com elas seriam das mais severas, principalmente no quesito social, pois:

> Quando um ser humano se equivoca na sua escolha, principalmente se o ser que vacila e se perde na busca do ideal é uma mulher, a sociedade, tão exigente e deformada pela moral contemporânea, não o acode. Pouco importa à sociedade que a alma e o coração de uma mulher que se equivoca, se destrocem no fragor das decepções. Não a ajudará, mas, ao contrário, a perseguirá com fúria vingativa para, inexoravelmente, condena-la[129].

---

[128] **A ESPORA.** ORGÃO CIVILISTA CRITIC, LITTERARIO E NOTICIOSO. Redactor Dr. MATTA BICHO. Anno I. Ipu, 19 de janeiro de 1919. NUM. 01

[129] KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo: Expressão Popular. 2008. p. 32

Embora Kolontai trabalhe sobre a mulher contemporânea, esta é a do inicio do século XX, sobre o qual baseamos nossa pesquisa. O homem errava e a mulher também. O homem participava da família, da sociedade, entretanto, vivenciava também o meretrício. Viver entre estas questões, estes pontos, tornava-os ambíguos nas intenções. Os olhos que vigiavam estavam em todas as partes e estas questões eram resolvidas nos padrões que a época ostentava como correta e aceita."Esporar" os homens e as mulheres que se desvirtuavam na sociedade, dar-lhes a devida punição que deveriam receber e execrar seus nomes nos jornais para que toda a sociedade tomasse conhecimento.

Muitos foram os casos em que pessoas do rol social considerado elitista foram colocadas "entre aspas" ou com cognome, como já vimos, porém, não raras às vezes, apareceram também toda a nomenclatura de quem se queria apresentar, inclusive com as situações pela qual foram apontados como infratores no jornal.

Os olhos que tudo via não deixava "escapar nada", como bem frisavam em suas manchetes e como vimos na apresentação que se seguiu, o que interessava eram os homens tidos como importantes entre todos, o que dava a eles um lugar de destaque nas manchetes e, portanto, um maior interesse em se ler o que se escrevia nas páginas dos jornais.

> Esta rua do Chico Novato está digna de nota.
> Uma noite destas um grupo de moças brincava a prenda e o redactor d' "O Barbicacho" achegou-se e conseguio presenciar tudo; quando aponta lá no canto da rua o Campos e o Aderbal, uma moça brada! "lá vem os redactores d' 'O Barbicacho" !.. Te esconde Vicente!!.. e Vicente não achando lugar acocou-se juncto a ella e ella cobriu elle com a saia de sorte que passaram os dois sem Vicente ser visto.
> Ora tamanha indecência não se pode tolerar. Que moça!... e "O Barbicacho" tudo vê e tudo ouve, depois quando foge uma noiva de lá...[130]

Com certeza estas moças e estes rapazes que estavam na Rua do Chico Novato, que já conhecemos do Capítulo II, passaram despercebido pelos ensinamentos da Igreja, entretanto, não passaram pelos olhares e escritos do jornal. Lembremos que era nesta rua que funcionava o meretrício e assim, vai acontecer à fusão entre as "moças" que habitavam aquele local, os rapazes que frequentavam e os "olhos" que procuravam os erros da sociedade.

Um dos fatores que nos chamou a atenção foi o contato que as meretrizes tiveram com os redatores do jornal O Barbicacho. Saber que a exposição de determinadas pessoas poderia acarretar consequências negativas para si, tendo a preocupação de escondê-los inclusive em

[130] **O BARBICACHO.** VIDA NOVA E NOVA VIDA. ANNO I. NUM. 03. Ipu, 11 de janeiro de 1920. p. 03.

suas saias, para protegê-los das falácias ou das escritas nos jornais ou mais precisamente no Barbicacho.

Estas "moças fugidas" do meretrício eram aquelas que saiam do espaço reservado a suas atividades e transitavam pelo centro da cidade, sem a preocupação de serem importunadas pelas autoridades competentes e pela própria sociedade, que não acatava suas investidas nestes espaços centrais.

Um determinado cidadão ou mais, que adentrava no meretrício e fazia uso das mulheres, dando a elas a liberdade de convívio, mesmo que reservado, poderia servir como canal de ligação entre a cidade em si, representada pelos homens agremiados e selecionados em instituições com suas famílias e o meretrício, local impuro e renegado, exposto as mazelas de vidas desregradas.

Os jornais, como a Igreja, tinham essa relação de controle. E vejamos que do ano de 1918 em diante, até meados de 1922, esporadicamente, pilhéricos são lançados na cidade, com nomes fictícios e autores anônimos. Sabemos que os redatores são os mesmos, então, pressupõe-se da necessidade que estes homens tinham de também vivenciar o lado cômico nos jornais, mesmo que observando a cidade.

> Quando "A Futrica" apparece, muitos mocinhos que estão alto descem.
> E é o caso.
> O jornal critico é uma arma do abuso e intolerancia deste pessoal que sem cabresto quer viver a uma exploração que damnificam a moral.
> E não tenham queixa.
> Quem não quer ser bobo não lhe veste a pelle[131].

Viver sem cabresto, numa sociedade que possuía ou deveria possuir regras de convivência, de respeito às leis, tanto temporais como espirituais e principalmente respeito à ordem, e transgredir estas regras, aparecia como uma afronta social.

O padre, a sociedade, as famílias, enfim, todos os segmentos deveriam se unir para combater estas intransigências e por fim as atitudes que se apresentavam como perniciosas para o convívio em sociedade, principalmente a ipuense que se mostrava, cheia de tendências futuristas, na visão de alguns.

> Praça da Matriz 4. Chamo vossa attenção para o namoro de dois gajos nos corredores da Igreja, durante a novena.
> Deó.

[131] **A FUTRICA**. ORGAM CRITICO DE UMA SOCIEDADE ANONYMA. Anno I, Ipu, 05 de junho de 1921. NUM. 3. p. 02.

> N. da R. Queixe-se ao seu pai ou então ao sr. vigário. Não somos nem sineiro meu bem...[132]

Conforme nos é a apresentado nas ultimas fontes, é frequente no mesmo período uma interrelação entre os poderes sociais "constituídos" e a Igreja. Ambos preocupados com a forma como a sociedade e a família se moldavam, se configuravam e se desenvolviam.

No namoro dos dois "gajos", percebemos a transcendência do acontecimento. Deixa de ser particular, na vida a dois para tornar-se público, passivo de chegar às páginas do jornal e ainda, quando se refere à possibilidade de retaliação para com o ato, o pai ou o padre é quem deveria tomar as providências, entretanto, não deixa de ser veiculado a manchete no referido jornal.

A moral ou busca de manutenção desta é uma constante. A mulher deveria ser família, e o homem, perpassando todos os pontos de crescimento enquanto ser, deveria manter ou ajudar manter o bom condicionamento da família e da sociedade.

Violar os preceitos sagrados, com namoros na presença do órgão dirigente maior da fé cristã, ou seja, da Igreja Católica da época, seria a caracterização de desrespeito maior, de inconstância religiosa e, sobretudo, de menosprezo pelos ensinamentos religiosos, deixando-se a necessidade carnal sobrepor-se sobre a moral, principalmente religiosa.

3.2. Entre o lar e o meretrício. Ser casada e ser traída.

> As prostitutas, cuja 'condição é vergonhosa', e 'não aquilo que elas obtêm' (...) encontram-se, pois em grandes ou pequenos bordeis comunais ou privados, banhos públicos e outros lupanares, vidas dos arredores da cidade, onde exercem 'o mais antigo oficio do mundo', frequentemente após terem sido violadas por grupos de jovens que buscam, por sua vez, exercer e aguçar sua virilidade. Relegadas, mas igualmente reguladoras da sociedade, as prostitutas vivem em seus corpos as tensões da sociedade (...)[133].

Relegadas e reguladoras da sociedade. A condição da prostituta descrita por Le Goff em sua análise não se diferencia muito da descrição desta feita em nossa pesquisa. A vida em sociedade com todos os seus conflitos, mostram essas diferenciações intencionais. Essas práticas existenciais.

A mulher não escolheu ser meretriz por simplesmente querer. Toda uma estrutura foi desencadeada para esta prática como percebemos ao longo da pesquisa, principalmente no

---

[132] Idem, p. 02.
[133] LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 55

capítulo II. Mas a esta vida adentrando, sua condição social a lançaria para outra estrutura: a de reguladora.Consciente ou não, a meretriz agia como se o meretrício fosse além do seu lar a extensão de outros lares dos homens que lá frequentavam.

Ter uma família também era um desejo seu. Constituir uma vida regrada, claro que não funcionando em sua totalidade esta assertiva, era também uma intenção das mulheres que viviam no meretrício. Deixar a vida "à toa" e constituir um lar, com um marido somente seu e uma casa com filhos para serem cuidados com decência e até dentro dos moldes que a sociedade acatasse.

Estas mulheres eram frutos do seu destino, da sua vida condicionada logo na infância ou adolescência, tiradas de uma determinada vida social e colocadas num parâmetro de observação e controle, num ambiente confinado e explorado: num meretrício.

> "As de natureza frágil e passiva continuam fortemente vinculadas ao lar. Se as necessidades materiais as arrancam do lar para lançá-las na tormenta da vida, estas mulheres deixam-se levar pelo caminho fácil da prostituição legal ou ilegal, casam-se por conveniência ou lançam-se à rua" [134].

Nas cartas de Madame Permond, nos jornais ou mesmo na própria historiografia, percebemos que existe uma intrínseca ligação entre o lar e as práticas meretrícias quando nos referimos aos maridos. A preocupação direta destas situações contrárias a ordem social.

Kolontai trabalha a forma como as mulheres deixam de ser privadas para tornarem-se públicas. Casar por casar ou lançar-se à "vida fácil" do meretrício, da prostituição.

E o homem achava-se entre estes dois parâmetros da sociedade. Sentia a necessidade de lançar suas taras pecaminosas, seus instintos sexuais devassos e neste sentido, a meretriz desempenhava este ofício e com propriedade e a convivência no lar, com uma vida sexual nem sempre fugindo a ordem do patriarcalismo, ou seja, a mulher esposa servindo apenas como companheira e fonte de procriação, como bem determinava a passagem bíblica de Gênesis quando fala sobre a criação.

A Igreja, em determinados momentos, fazia "vista grossa" para as traições dos homens, embora as condenasse. Entretanto a família deveria ser preservada e este era o ponto de preocupação do clero: a manutenção desta ordem. No curso direcionado às mulheres noivas, este quesito era trabalhado com maior assiduidade, dada assim à possibilidade mais uma vez de termos como certeza que os homens eram usuários destas práticas meretrícias.

---

[134] KOLONTAI. op. cit. pp. 18-19.

A finalidade principal dos ensinamentos era a forma como a mulher deveria proceder no casamento, de maneira correta e convivendo (se fosse o caso), com as práticas ditas *mundanas* que o marido pudesse adquirir ao longo do matrimônio.

Se o marido usasse destas práticas, os ensinamentos religiosos davam dicas de como a mulher traída procedesse para que o mesmo se afastasse de tais práticas, ou se não conseguisse, ao menos mantivesse os filhos distantes daquela "contaminação".

Vejamos:

> Uma vez não são vezes, e, se o marido começa a teimar para um lado e a mulher para outro, elle há de espreitar a ocasião de lá ir (...) ou enganal-a, o que será ainda bem peior[135].

Quando a Igreja tentava incutir no pensamento da mulher casada que "uma vez não são vezes", podemos perceber que a ela lançava-se a base da tolerância em relação as saídas do marido, e que ela deveria agir com cautela, para que este tomasse consciência da atitude que tivera como errada e não voltasse a trair.Perceba que o texto é explícito em dizer que o homem pode incorrer no erro novamente, se a mulher começar a "teimar", ou seja, "brigar", ou cobrar explicações sobre os atos praticados pelo cônjuge.

Uma vez não são vezes, ou seja, ainda teria jeito para que o homem se conscientizasse e a Igreja reconhecia esta fraqueza do homem, assim como também reconhecia a existência do meretrício e as práticas na cidade. Estamos falando de uma instituição moralizadora, mas que de certa forma, nestas cartas, vai tentar lançar base para que a mulher utilizasse seus "dotes" para prender o marido no seio da família, mesmo que para isso, precisasse se sujeitar à tolerância da prática da traição por algumas vezes, ou seja, "vencendo o marido pelo cansaço", nas suas saídas para o meretrício.

Vejamos o que nos diz Rago a respeito disso:

> A construção da prostituição como fantasma atingia alguns alvos estratégicos precisos: instituía as fronteiras simbólicas que não deveriam ser ultrapassadas pelas moças respeitáveis, ao mesmo tempo que se organizava as relações sexuais num espaço geográfico da cidade especialmente destinado à evasão, aos encontros amorosos, à vida boêmia. O ideal de pureza de mãe, que se reforça na passagem do século (...) tornava necessária a presença imaginária da meretriz em lugares destinados para a liberação

[135] MME. PERMOND. **Conselhos d'uma mãe a suas filhas.** Petrópolis – RJ, 2ª ed. Centro da Boa Imprensa, 1923. pp.57

> das fantasias sexuais, para o desfrute do prazer, para a 'descarga' das energias libidinais masculinas, como se acreditava então.[136]

Rago também concorda com a existência do meretrício como espaço reservado às praticas sexuais e "descarrego" de fantasias por parte dos homens. Porém, percebemos relação com nosso objetivo neste instante, quando faz alusão ao *ideal de pureza de mãe*, e aí, recorremos à nossa última citação, que discorre sobre o procedimento que a mulher deveria ter a partir das "saídas" do marido para este lugar que Rago se refere como boêmio, próprio para as satisfações libidinosas que o marido porventura pudesse ter, e aí, o dever da esposa em transformar seu marido numa espécie de exemplo para com os filhos e a sociedade.

A Igreja não nega esta existência nem as práticas meretrícias, quando trabalha esta conscientização por parte das esposas. A mulher esposa deveria ser pura e capaz de purificar também o seu lar, e para isto, deveria estar preparada para as possíveis desventuras de seu casamento, a que é trabalhado nesta cartilha no momento das reuniões dos pré-casamentos.

> Confronto entre as esferas de atividade erótica hoje e em meados do século passado: o jogo social do herotismo gira hoje em torno da questão: até onde pode ir uma mulher digna sem se perder. Representar os prazeres do adultério sem provas (...) O terreno onde se decide o duelo entre o amor e a sociedade é, pois, o âmbito do amor "livre", em sentido muito amplo. [137]

Não podemos perder de vista, que estamos nos reportando ao inicio do século XX e que, não só a cidade de Ipu, mas em todo âmbito nacional, estavam existindo transformações, sejam nos campos políticos, econômicos ou sociais, principalmente depois da Proclamação da República Brasileira, em 1889.

Nos Estados também existiam diferenças e o município ipuense estava interligado aos acontecimentos, a partir das instituições que aqui se instalavam e ainda, com os livros que eram encomendados da Europa para o Gabinete de Leituras, chegando aos munícipes a partir da estação ferroviária.

Entre estes livros, se encontravam livros de poesias, contos, manchetes nacionais e internacionais através das revistas e jornais, clássicos da literatura, cartilhas religiosas e vários livros sobre a Igreja Católica e os cavaleiros templários[138], onde acreditamos que, muito

---

[136] RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 41

[137] BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**/Jogo e prostituição / 1ª ed. São Paulo, 1984. p. 241.

[138] Parte destes livros de acham na Biblioteca Francelina Martins da Escola Auton Aragão, principalmente os que se referem às categorias aqui citadas.

embora tenham chegado pelas vias da estrada de ferro, podem ter sido dirigidos pela diocese de Sobral, ou foram trazidas de forma particular pelo páraco ou agremiados.

No entanto, sabemos que aqui existiam estes materiais, que trabalhavam condutas familiares e que era de responsabilidade da Igreja Católica em repassar estes ensinamentos.

Este espaço divisório entre o lar e o meretrício, percorrido por determinados maridos, colocava a mãe de família numa situação de vigilância contínua, pois tinha que controlar seus atos, para não perder o marido, conforme percebemos anteriormente, a partir dos ensinamentos da Igreja no curso para o casamento. Vejamos outro ponto que dividia a esposa nas suas ações, perante as "escapulidas do marido".

> E por isso é necessário que uma senhora joven, depois do casamento, se fortaleça vigorosamente nas suas crenças religiosas e a sua energia moral seja tão grande que possa affrontar o perigo sem se deixar cahir nelle. Ella tem de ser sempre a sentinella vigilante da honra de seu lar.
> A mãe de família tem de mostrar sempre desgosto d'esses divertimentos pouco moraes, d'essa literatura infame, que corrompe todas as classes da sociedade; tem de pensar nos perigos a que se expõe a mocidade, principalmente os seus filhos, que nunca deve deixar contaminar.[139]

Vamos perceber o perigo paralelo que as esposas estavam inseridas, quando não "aceitassem" as saídas do marido em relação ao meretrício, não controlando de forma segura o seu casamento, a partir dos ensinamentos da igreja. "*até onde pode ir uma mulher digna sem se perder"*, utilizando as palavras de Benjamin, e corroborando com a citação supra.

A esposa não poderia se influenciar pelas escapulidas do marido, tendo que controlar o seu casamento como sentinela e vigilante do lar. A mulher estava inserida neste contexto, ainda mais emblemático, quando na carta a autora vai colocar os *divertimentos pouco moraes* (sic), como sistema impregnado na sociedade, como se a prática meretrícia não escolhesse seu público, mas fosse generalizada.

No fim da citação, outro ponto emblemático, seria a preocupação da mãe de família para com a formação de seus filhos, e aí, percebemos que as práticas meretrícias seriam lançadas para os meninos homens, dentro dos ensinamentos religiosos, como perniciosa da moral e bons costumes, práticas estas defendidas pela Igreja.

Vamos nos ater mais ao ponto em que nos é lançado esta homogeneização das traições na sociedade, muito embora as cartas fossem lançadas para diversas paróquias e escritas em caráter geral, como se em todos os locais existissem as mesmas situações.

---

[139] MME. PERMOND. op. cit. pp. 59-60

Não é, portanto, nossa intenção perceber isso de maneira geral, porém, estes ensinamentos foram escolhidos para serem trabalhados em Ipu, onde já sabemos da existência do meretrício, como trabalhamos anteriormente.

A preocupação de maneira direta para com estas práticas na cidade nos motiva a pensar nas tendências meretrícias que se instalaram em Ipu, ou seja, a partir do início do século, bem como já vimos, no controle que se lançava para com estas práticas, seja por conta da sociedade, seja pela Igreja, como estamos percebendo.

Com essa premissa, observamos que toda organização se dá sobre uma perspectiva de desequilíbrio, ou seja, para os poderes sociais e religiosos da época a existência do meretrício fazia com que se necessitasse de um planejamento familiar e uma conscientização dos fiéis, surgindo a partir da Igreja, bem como o controle da sociedade que utilizava os jornais para denunciar as andanças de seus membros "ilustres" nestes espaços reservados para a boemia e práticas sexuais "aceitas".

3.3. Nos olhares dos desvios. Igreja, família e sociedade

O público e o privado às vezes se confundem e estes dois unidos, também podem confundir-se com o poder religioso, representado pela Igreja Católica. Lembremo-nos que as pessoas que desenvolviam trabalhos em todos os segmentos da sociedade ipuense, tinham estreitos laços com o clero e assim, como já vimos, o controle era direcionado com frequência também nos arredores e interior da Igreja, representante maior da moral e da família.

Percebemos que o casamento não era apenas uma mera formalidade familiar, mas um compromisso sério que deveria ser respeitado em suas peculiaridades.Mulheres e homens tinham atribuições e relações familiares que perpassavam os interiores das casas, a comodidade do lar, o respeito enquanto casal.

O sexo familiar fazia parte do "contrato", porém de forma mais religiosa do que prazerosa e daí tantas investidas dos homens nos locais reservados para as práticas sexuais, pois o casamento:

> ... enquanto vínculo tão exclusivo quanto possível (...) para um conjunto de questões que dizem respeito à integração, ao papel, à forma e à finalidade dos atos de prazer no jogo das relações afetivas e estatutárias entre o homem e a mulher[140].

[140] FOUCAULT, Michel. **A mulher/os rapazes:** História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 51

Neste sentido, a Igreja era a formalização da integração entre homens e mulheres, da família em si. Os regimentos eclesiásticos representavam uma espécie de contrato, de estatuto que, a partir dos cursos religiosos, ou seja, dos *banhos*, deveriam ser respeitados, ao menos na forma mais explícita.

O local religioso, como os próprios representantes da Igreja, fossem estes os clérigos, os beatos ou quem quer que fosse, deveriam ser resguardados das atividades ditas "mundanas". A Igreja deveria ser respeitada e a família como parte integrante da igreja também.

Atos considerados perniciosos para a Igreja, como vimos deveriam ser atacados e assim a ordem familiar prevalecida.

Insistentemente, vamos perceber que pessoas ligadas aos considerados de "boa família" vão quebrar ou insistir em denegrir esta ordem, ao menos na visão maior daqueles que pertenciam aos quadros dos jornais, pilhéricos, pasquins ou não.

Portanto, mais uma vez vemos que o público e o privado às vezes também se confundiam com os espaços religiosos, com os locais considerados sagrados e que tinham a função de zelar pela moral da sociedade e esta,por sua vez, também deveria ter tal zelo.

> Acabaser (sic) nomeada espiã de namoroz e comportamentos na Egreja durante a festividade de S. Sebastião mesmo com todo espantalho da 'Bailarina' a celebérrima 'beta' Alexandrina M. Escolheu para base de operações o coro da matriz, local esse reservado as cantoras. Nos apreçamos em entrevistar essa nova adepta de {Bolo Pachá}e grande auxiliadora da grande firma Mexericos e Cia. Recebeu-nos amavelmente e ficou satisfeitíssima sabendo o fim de nossa missão.
> Começa a entrevista:
> - Acabamos de saber que v. excia. Foi nomeada expiã de namoros é verdade? – E certo que fui nomeada.
> - O que tem pescado ultimamente?
> - Ih!!! Muitas coisinhas feias!
> - Que quer dizer nossa beatitude com isso?
> - Quer dizer que muitas moças e rapazes olham-se com má intenção na casa de Deus.
> - Mas olharem-se não quer dizer nada.
> - Nada? Então os senhores também namoram?
> - Não senhora. Levemos a conversa por outro rumo.
> - Queira nos informar sobre o estado actual dos namoros.
> - Darei uma explicação clara aqui vae:
> -O Sr. Gonçalo Tiocádio anda conquistando uma 'miss', gordinha e chiq, mas...
> -O Sr. Edgard... noivo. Por isso não é de se estranhar seu afuncamento.
> -O Sr. Joaquim Lima idem idem.
> - Zeca Aragão triste muito triste com a falta de alguém.
> Os Srs sabem! Manoel Bessa... nada vos digo desse dengoso, esta nos braços da influenza.

> Como está perto de desbulhar meu rosário e velar com a visinha sobre a vida alheia, basta por hoje.
> Então boa noite agradecido.
> E a velha ficou retalhando nossa vida, mas sahimos consolados em saber tantas novidades. [141]

No comentário de que a sociedade é constituída por signos e estes significados são representados em todos os segmentos, numa matéria de jornal, relaciona à Igreja e aos seus frequentadores, percebemos que as intenções se misturam.

Não seria nem um pouco interessante relacionar em um jornal as "saídas" dos senhores bem familiarizados para o meretrício, entretanto, namorar nos arredores da Igreja também seria uma demonstração de desrespeito com a sociedade e a própria religião.

Com as festas religiosas da cidade de Ipu, tanto do mês de janeiro como de outubro[142], a cidade tomava outros modos de vida. Respirava-se a religiosidade, se vivia para a Igreja, entretanto, paralelo a este festejo, no meretrício ipuense, as animações também se caracterizavam mais fortemente.

Pessoas de todos os lugares (e aí não mais só os frequentadores assíduos do meretrício, mas outros senhores e personagens) passavam depois das novenas, momentos de prazer e festa no meretrício da cidade.

Todos os pontos se animavam, onde as vitrolas cantarolavam sambas, bregas e tangos dos mais diferentes autores e o contraste entre a religiosidade e as "orgias mundanas" se apresentavam em maior escala.

Junto a estes acontecimentos, podemos perceber que neste período, invariáveis vezes parte do meretrício se destacava de seu espaço, pois não raramente, vamos encontrar meretrizes que saíam do cabaré ipuense e eram vistas rondando no centro da cidade, principalmente nas ordenanças da praça da estação ferroviária.

Mas como deixar isto acontecer, assim naturalmente? Ora, nestes momentos de festas, destacamos que muitas pessoas, de vários lugares e camadas sociais para a cidade de Ipu se deslocavam.

Controlar estas pessoas, estes hábitos neste instante se tornava tarefa não muito fácil, principalmente pelo fato de que não se sabia como agir em determinadas situações, com o aparato oficial que possuíam. Os jornais que trabalhamos, neste momento, não prevaleciam

---

[141] **A ESPORA.** ORGÃO CIVILISTA CRITIC, LITTERARIO E NOTICIOSO. Redactor Dr. MATTA BICHO. Anno I. Ipu, 19 de janeiro de 1919. NUM. 01. p. 04

[142] No mês de janeiro comemora-se a festa do Padroeiro da cidade de Ipu, São Sebastião, começando dia 10 com a alvorada e terminando dia 20, com uma procissão e no mês de outubro, comemora-se a festa de São Francisco, começando já em setembro, no dia 25 e terminando dia 04 de outubro também com uma procissão pela cidade.

como instrumento de controle: não para os que da cidade de Ipu não possuíam vínculos sociais consistentes, mas passageiros.

A estes, aparecer ou não no jornal seria apenas uma mera condição, até complicada de acontecer, pois como já percebemos, a cidade pertence a quem dela faz uso constante e assim, o "vir por vir" de determinadas pessoas, não ocasionava o enraizamento social que tantos por aqui se motivaram a desenvolver, consciente ou inconsciente.

Não entra como ponto principal em nossa escrita o cotidiano do meretrício, mas o controle deste, entretanto, não podemos perder de vista esta característica que se destacava em várias das passagens dos jornais e fontes de nossa pesquisa.

O meretrício ipuense era um local onde aflorava as mais variadas emoções. Percebemos, entretanto, que não só à procura do sexo era levada em consideração, como já desenvolvemos noutro capítulo, mas as demasiadas situações eram percebidas neste espaço.

Deliberações políticas, provas de masculinidade, o simples "beber umas no cabaré", enfim, uma quantidade enorme de situações levava os homens ao meretrício, principalmente em períodos de festa, mas a "mulher fácil" ou a presença desta, fazia com que situações de disputa acontecessem e que, em determinados casos,foram levadas a situações extremas, como percebe Dias quando diz que o meretrício:

> Era um mundo furtivo, onde grassavam paixões violentas, a criminalidade era elevada, tropeiros saudosos disputavam seus ciúmes com armas de ponta[143].

Acreditamos assim, que a preocupação da sociedade em relação ao controle do meretrício não estava associada tão somente com a questão da moral, mas também pela forma como a população se comportava em sociedade, trabalhando assim a questão da vivência de um modelo de sociedade que deveria ser apresentado na forma mais complexa, ou seja, uma sociedade em desenvolvimento progressista e de costumes mais prósperos, diferentes dos que aconteciam no meretrício.

Em Ipu, um pouco mais à frente de nosso recorte entretanto, pertinente para análise, vamos perceber como se dava o cotidiano violento do meretrício. A vida humana era banalizada em relação aos costumes que a sociedade queria que fossem implantados. A masculinidade falava mais forte e como frisou Dias, a ponta da arma era utilizada.

---

[143] DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** 2° Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 204

> No baixo meretrício, quatro pessoas se engalfinharam em forte luta a faca, saindo todos feridos, dois dos quais com os intestinos à mostra, valendo salientar ter no meio dos quatro, uma mulher. Sem motivos justificáveis, Raimundo Chaves Neto, mais conhecido por Sebo, feriu o individuo Antonio Barreira, tendo o instrumento penetrante perfurado o intestino da vitima em cinco partes[144].

Motivo justificável, no meretrício, entende-se: afronta à masculinidade do homem. Não vamos encontrar nenhuma alusão à interferência do poder público neste caso, entretanto o que se pondera é a forma como se deu o acontecimento. Uma mulher no conflito e esta mulher podemos ter a certeza de que era uma meretriz e que se envolvia nas as atividades que aconteciam no meretrício.

O ciúme poderia ter ocasionado o conflito. Na maioria dos confrontos é interessante perceber, que este ciúme nem sempre partia somente dos homens, mas também das meretrizes, o que não deveria ser aceito pela comunidade meretrícia como correto, pois a meretriz não tinha dono, era uma mulher pública e esta publicidade a condicionava como matéria de uso dos homens. Mas isso nem sempre acontecia.

> Parecia tudo calmo, quando uma mundana incendeia um casebre, no bairro da Grota, com uma criança no leito, morrendo esta carbonizada. O motivo foi a loucura e ciúme. É hoje no Ipu, a fera da Grota[145].

Assim, a meretriz, a cidade, os jornais, etc., confundiam-se. O bairro da Grota era nas margens do meretrício, e sendo esta mulher considerada "mundana", não se torna difícil entender que fosse uma das mulheres pertencentes ao meretrício.

As margens reservadas para o funcionamento das práticas sexuais aceitas poderiam ser transpostas em determinados locais e sabemos que neste bairro periférico, existiam também essas atividades.

Como dissemos, nos períodos de festejos da cidade, as atividades no meretrício se desenvolviam com maior intensidade. As danças, as farras, as investidas dos homens, a chegada de novas meretrizes, enfim, tudo isso era uma constante nestes períodos e assim, a cidade se transformava juntamente com as intenções dos homens que nela viviam.

Se estivéssemos trabalhando a questão policial, poderíamos perceber que o índice de ocorrências aumentava rapidamente nos períodos de janeiro a outubro, margeando principalmente o antes e o depois das festas, mas com maior frequência na própria festa dos padroeiros.

---

[144] IPU EM JORNAL. Novembro, 1961. p. 02
[145] Idem, p. 03.

Somando-se a isto, a Igreja Católica também atentava, pois sabia destas questões existentes. Enquanto o padre estava celebrando a missa, vários homens e mulheres se prostituíam no meretrício, não se distanciando muito este da Igreja Matriz de Ipu.

E as famílias que moravam nestes arredores tinham que conviver entre estes dois parâmetros,o de servir a Deus e o de testemunhar a vida desregrada, ou na representação deste, na vista de homens que chegavam e saíam do meretrício já no limiar da noite. As famílias se preocupavam com isto e a Igreja em maior escala, como percebemos.

Neste período, chegavam mulheres diferentes e homens considerados de bem passavam também a procurar por seus "serviços", o que não era acatado assim, com tanta naturalidade pelas pessoas que os conheciam. Já percebemos que nomes foram publicados nos jornais por conta destas situações. Mas os momentos de festas na cidade traziam também esta tentação, tanto para os homens como para as mulheres.

> COISAS QUE ME ENCOMMODAM: a mania do Rochinha querer conquistar todas meninas que chegam de fora [146].

Estas meninas de fora, não são as donzelas das casas de família, mas as mulheres novas que chegavam ao meretrício e este Rochinha frequentemente aparece nas manchetes dos jornais, seja nas mais variadas situações, entretanto, ele faz jus às manchetes, ou seja, demonstrando que interage na sociedade mas que também quebra os decoros dela.

E por conta desta situação que ele vivencia, segue-se o jornal dizendo:

> Vê-se lá qualquer bestinha
> C'os olhos postos em alvo,
> Fazendo p'ra qualquer moça
> Ademanes de papalvo.
> Trajados de papangú,
> Se suppõem papafina,
> E assim, penam lá comsigo,
> Que por si morre a menina[147].

Os galanteios de determinados homens da sociedade para com as mulheres públicas acarretavam versos de repúdio nos jornais. Serviam de inspiração para os editores, muito embora não se identificassem.

---

[146] **A FUTRICA**. ORGAM CRITICO DE UMA SOCIEDADE ANONYMA. Anno I, Ipu, 05 de junho de 1921. NUM. 3. p. 04

[147] Idem, p. 04

A situação da sedução meretrícia é identificada como "bestinha", ou seja, não trazendo honraria alguma para quem conseguisse atingir este estágio do galanteio. Pelo contrário, trazia uma repugnância social, pois sendo a mulher já pública, mercadoria de consumo, o que o homem deveria fazer nada mais era que ir colher o momento que esperava receber, no momento do sexo ou mesmo do momento compartilhado e depois debandar para suas atividades comuns do dia a dia.

A mulher deveria se prestar ao senso de responsabilidade e como já percebemos neste capítulo, aprender a tratar a traição do homem como algo não natural, mas passível de ser transformado, a partir dos ensinamentos da Igreja, sendo esta atenta a todos os momentos de desenvolvimento da sociedade. Neste sentido, muitas situações se confundiam.

> A mariposa, insecto, às vezes tão bello, não conhece o perigo que o ameaça ao approximar-se do fogo.
> E então, o que succede?
> Queima as azas e assim se perde.
> O mesmo succede a tantas {moçass}. Lavadas da natural leviandade, aproximam-se do fogo de um amor extemporâneo, e se queimam... e se perdem[148].

Ora, mas o que um jornal da Bahia teria como efeito religioso na cidade de Ipu? De início nada teria, se ele não tivesse obtido ampla divulgação na cidade e mesmo já nos primórdios da chegada da estrada de ferro em 1896.

Podemos justificar este ponto, quando em determinados momentos das edições, percebemos a busca de um aumento de assinantes, pois para cada 10 novos assinantes conseguidos por uma pessoa, seus nomes eram registrados como colaboradores nos jornais e somente entre os anos de 1921 a 1923, tivemos a possibilidade de reconhecer mais de 15 nomes de pessoas de Ipu, principalmente aquelas ligadas à Igreja e as agremiações, o que dá a oportunidade de vermos que somente nestes três anos circulavam mais de 150 assinantes em Ipu[149].

O foco principal de suas atenções está intimamente ligado à moral e é interessante perceber que, as cartas que analisamos neste capítulo, muito têm a ver com o conteúdo dos jornais e ainda, que muitas das matérias trabalhadas tanto no Correio do Norte como nos jornais pilhéricos foram retirados de suas manchetes.

---

[148] MENSAGEIRO DA FÉ. Com permissão eclesiástica. ANNO XIX. BAHIA. 16 de janeiro de 1921. Nº 02. p. 09.

[149] Os jornais de 1921 a 1923 foram encadernados pelo Sr. Francisco das Chagas Paz e conservados em sua residência, sendo doados a este pesquisador por sua filha Maria do Socorro Paz e agora conservados para análise em sua residência, em perfeito estado de conservação.

A sedução dos homens, o exercício das práticas meretrícias, a maçonaria, o ateísmo, o socialismo, o jogo, tudo isso é atacado de forma pejorativa no Jornal Mensageiros da Fé, pois como ele se intitula, é um jornal para a família e estes pontos em sua concepção eram perniciosos para que a família se apresentasse de forma digna e perfeita, dentro dos moldes que a Igreja e a sociedade deveriam desenvolver.

Assim, a cidade ia vivendo entre a insistência de uns em manter a ordem e a negativa de outros em obedecer. A Rua do Chico Novato apresentava os contrastes entre estas tentativas de vivência, pois muitos não acatavam a ideia de um momento de prazer no meretrício da cidade e também, muitos eram os casos de homens viúvos ou solteiros que viveram em Ipu no inicio do século XX.

Os jornais talhavam também diretamente estes homens em algumas páginas e, não obstante, fazia-se questionamentos de o porquê deles irem ou não ao meretrício, fazendo estas arregimentações de forma jocosa, porém, com teor de cobranças.

> PENSAMENTOS DOS SOLTEIROS
> F. Corrêa – Quem? Quem vae nisso? Amarrado só boi...
> Abdoral – Não tem como se jogar em duas loterias do Natal.
> Apolônio – Quero demais... porém tenho tanto medo...
> Adherbal – É preciso se estar preparado; volto e vou pensar.
> M. Bessa – Não é tempo, quando for, eu digo.
> Edgard – Sou descidido! Inda não foi porque... 'porque o tempo esta cru.
> A. Cícero – Não posso... se pudesse era já.
> Adalberto – A primeira que se agradar de mim, faço um barulho!
> J. Maria – O seguro, parece que esta na normalidade?:
> F. Rocha – Não! Vou bem na zona[150].

Todos estes homens eram editores dos jornais oficiais e pilhéricos. Alguns participaram dos Almanaques do final do século XIX e início do século XX e posteriormente galgaram altos pontos de mando na cidade, destacando-se no comércio ou mesmo na política. Já percebemos que neste momento eram solteiros em sua grande maioria e o que pensavam em relação ao meretrício.

Mas e este último depoimento? Ir "bem na Zona" para o conhecido "Chico Rocha" era o suficiente para que ele mantivesse em dia suas necessidades de convivência no quesito feminino.

---

[150] **O BARBICACHO.** VIDA NOVA E NOVA VIDA. ANNO I. NUM. 01. Ipu, 14 de dezembro de 1919 pp. 03-04.

Satisfazia-se com as meretrizes e acatava esta ideia normalmente, publicando em jornal seu pensamento. E percebemos que o faz sem nenhuma ressalva, até mesmo com orgulho de sua característica.

Percebemos também que este seu posicionamento não vai ser atacado posteriormente e ainda, com o conhecimento de todos, não sabendo qual o grau de importância que Chico Rocha tinha dentro dos jornais, pois até fora deixado margem de zelo por seu comentário. E os outros?

O meretrício estava lá, a estação como ponto de partida e os jornais atentos. Vejamos:

> LA na Rua da Estação à coisa vae grossa e mesmo animada...
> N. R. Não sei se a coisa pega
> Pois esta muito animado
> Se o homem for viúvo
> Já deve está preparado[151].

À frente, na mesma edição, vamos perceber a alusão direta ao meretrício da cidade, mas explicitamente na Rua do Chico Novato, local popularmente conhecido como meretrício.

> Dizem que na Rua do Chico Novato, appareceu um senhor muito caridoso que as esmolas d'elle merecem sempre uma boa *recompensa*... porque são muito boas.
> Há poucos dias (...) viu uma senhora dizer: *aquelle seu*... é homem bom; pois hontem eu dizendo que não tinha nem um vintém elle meteu a mao no bolso tirou um vale e disse: *tome você me pague se quizer*
> N. R. Estas esmolas assim
> Dá p'ra se desconfiar
> Depois você nao se queixe
> Que não lhe foram avizar.
> A senhora e o caridoso sabem
> Que nós do Barbicacho vemos
> É bom que as esmolas se acabem
> Não queira que o entreguemos[152].

Portanto, percebemos que a sociedade ipuense, em determinados parâmetros vai estar condicionada à observação e à tentativa de controle dos mais variados pontos e que estes se entrelaçavam, sejam políticos, comerciais, religiosos ou familiares, em todos os padrões e que esta observação e tentativa de controle desencadeavam conflitos que dava forma à cidade de Ipu, complexa e volátil, com uma cara de sociedade meretrícia que explorava os seus frequentadores e usuários.

---

[151] **O BARBICACHO.** VIDA NOVA E NOVA VIDA. ANNO I. NUM. 03. Ipu, 21 de dezembro de 1919. p. 03.
[152] Idem, p.03

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa buscamos mostrar como a cidade de Ipu, a partir das transformações econômicas e sociais, vividas com a chegada da ferrovia, sofreu modificações na maneira como determinados grupos percebiam as relações amorosas. Ao lado do crescimento da cidade e das transformações em seus espaços urbanos, novos grupos passaram a adotar um discurso de que a sua cidade estava em processo de desenvolvimento,o progresso havia mesmo chegado. A partir daí, passaram a identificar, em algumas práticas sociais de seus habitantes, comportamentos que não condiziam com o "progresso" da cidade. Uma delas, dizia respeito à compra e venda do sexo.

A cidade, com o seu incremento econômico (crescimento do comércio, aumento da circulação de capitais, surgimento de instituições bancárias), passou a atrair pessoas de outras localidades (viajantes, vendedores, representantes de firmas nacionais e estrangeiras, pedintes, e outros indivíduos). O aumento da população local, verificado pelos censos demográficos das últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, transformou o espaço público da cidade em um local convidativo para a mercantilização do corpo feminino. Foi nesse cenário que as prostitutas de outras cidades, atraídas pela possibilidade de lucro fácil, vieram se reunir às poucas meretrizes nativas que faziam a alegria de homens vigorosos e cheios de amor.

Em um primeiro momento, as meretrizes passaram a praticar a venda do corpo nos espaços públicos da cidade, principalmente na Praça da Estação, o lugar mais movimentado da cidade, e no mercado público, local onde ficavam as vendas. Com seus corpos seminus ou usando pouca roupa, as meretrizes exerciam um chamamento para a prática do sexo aos viajantes, jovens solteiros e homens casado. A banalização de suas práticas passou a incomodar os homens e mulheres que se diziam os defensores da moral e dos bons costumes. As reclamações contra as práticas das prostitutas passaram a se avolumar nos periódicos que circulavam em Ipu nas primeiras décadas do século XX, sobretudo, nas páginas do jornal *Correio do Norte*, órgão oficial, isto é, representante dos "homens do poder", aqueles que detinham o poder político local. Da reclamação veio o controle. A força policial foi usada como meio de reprimir as "práticas imorais destas cutruvias", que se aventuraram à venda do sexo.

Dentro do ideário dos grupos incomodados com as meretrizes era preciso extinguir suas práticas, pois tais eram incompatíveis como o "momento de progresso vivido pela cidade" e atacavam os verdadeiros valores das "boas famílias ipuenses".

O Cabaré surge deste contexto. Alvo de reclamações e do controle policial, sofrendo a discriminação de praticar ações contra os valores dos defensores dos bons preceitos e dos ideais da boa família, as meretrizes, percebendo que não podiam lutar contra o poder repressor, passaram a praticar a venda do corpo em locais reservados para isso e distante dos "olhos arregalados" da "sociedade illustre ipuense". O cabaré, erguido distante dos espaços públicos da cidade, distante do centro, no meio do matagal, passou a ser tolerado,porém vigiado de perto pelo poder local. Ali, distante dos olhos das famílias destacadas do local, que no discurso, se horrorizava com a prostituição, a prática da venda do sexo passou a ser aceita, ainda que com desconfiança.

Assim, em uma sociedade em transformação, que percebia o momento vivido pela cidade como um "novo momento", as meretrizes, o outro lado da mesma moeda, eram vistas como intrusas, capazes de destruir a moral dos "verdadeiros ipuenses", isto é, das famílias ilustres do lugar, uma vez que traziam a cena o risco de corromper a moral recatada, os valores católico-cristãos, de uma sociedade percebida como saudável, mas que poderia adoecer se nada fosse feito.

O meretrício é, pois, resultado de um processo de transformação da cidade, de seus espaços urbanos e da percepção entre o que deve ser a boa moral e o que é percebido como imoral.

Os jornais do período, fruto também desse momento de transformação da cidade, escritos pelos homens do poder local, que tinham um projeto de sociedade e de cidade, foram amplamente utilizados para atacar práticas consideradas imorais, como veículos que permitiam chamar a atenção para as práticas meretrícias e como veículo, também, que permitiu criar um consenso sobre a necessidade de controlar práticas desviantes.

Através de tais veículos foi possível perceber a cidade em suas entranhas, em seus espaços e práticas cotidianas. Foi possível ainda, visualizar projetos, visões de mundo, tentativas de controlar, resistências das ações populares, enfim, as próprias prostitutas, nosso objeto central.

A partir das questões levantadas acima buscamos, em nosso trabalho, problematizar alguns pontos: como foi possível, a partir das transformações vividas pela cidade nas primeiras décadas do século XX, a formação do meretrício em Ipu; como da compra e venda do sexo no espaço público da cidade surgiu à busca do controle e criação de um discurso que condenava as práticas meretrícias como alvo que atacava a conduta e a boa moral das famílias ditas, ilustres; como do controle, veio à resistência das meretrizes; como a Igreja Católica, reduto defensor da família cristã, atacou o meretrício e sua prática na sociedade ipuense.

FONTES

1. Fontes Escritas

A ESPORA. ORGÃO CIVILISTA CRITIC, LITTERARIO E NOTICIOSO. Redactor Dr. MATTA BICHO. Anno I.l

A FUTRICA. ORGAM CRITICO DE UMA SOCIEDADE ANONYMA. Anno I, Ipu, 05 de junho de 1921. NUM. 3.

Almanak Ipuense. Ipú: 1900.

CORRÊA, Thomaz de Aquino. Uma Ipuense Chamada Iracema. Jornal Gazeta do Sertão. Ipu, 13/02/1911.

Discurso proferido por ocasião da inauguração da Estação ferroviária de Ipu, pelo Dr. Antonio Ibiapina (administrador da estrada de ferro) em 10 de outubro 1894; pertencente ao acervo particular da senhora Socorro Paz.

IPU EM JORNAL. Novembro, 1961.

JORNAL CORREIO DO NORTE – IPU/CE

MENSAGEIRO DA FÉ. Com permissão eclesiástica. ANNO XIX. BAHIA. 16 de janeiro de 1921. Nº 02.

MME. PERMOND. Conselhos d'uma mãe a suas filhas. Petrópolis – RJ, 2ª ed. Centro da Boa Imprensa, 1923. (Folha de advertência solta dentro do livro, datada de dezembro de 1923, com timbre da gráfica Boa Imprensa).

O Chicote. Jornal crítico e noticioso. Anno I, 13/07/1919. Número Único. p. 1.

O BARCICACHO, Anno I, 15/02/1920. Nº IV

SOUZA, Eusébio de. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Um pouco de historia (Chronica do Ipu). 1915. p. 157.

2. Fonte Oral

F A E. (Identidade preservada) Policial aposentado, com mais de 40 anos de profissão, aposentado com a graduação de sargento, (mora atualmente em Ipueiras-CE, a 28 km de Ipu).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Janete. **Pesquisa e História.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANDRADE, Iarê Lucas**. "Da linha do trem pra lá".** O discurso sobre a prostituição na cidade do Crato – 1940/1960. RJ: Dissertação de mestrado UFRJ/UFC, 2000.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

_____, Durval. **Palavras que calcinam, palavras que dominam:** a invenção da seca no Nordeste.IN: Revista Brasileira de História. São Paulo: 1994.

ARAÚJO, Raimundo Alves de. *Ipu: Da Ocupação do Espaço Urbano ao Campo de Concentração*. Monografia de graduação em história (UVA). Sobral, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. IN.: **Enciclopédia Ginaudi**: Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidades. In: BOUDON, Raymond (Dir). *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo/**Jogo e prostituição / 1ª ed. São Paulo, 1984.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BEZERRA, Antonio. **Notas de Viagem.** Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza: 1965.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: *Introdução à história*. 4ª ed. Lisboa: Europa-América, /s.d/, p. 25.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos. 3° ed, São Paulo. Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp: Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BURKE, Peter. **História e teoria Social.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____, Peter. **A escola dos annales** (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

_____Roger.**Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **Norma médica e ordem familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 1993.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua?** Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** 2° Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUBY, Georges. **A História Continua.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar/Editora UFRJ, 1993.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. São Paulo: Perspectivas, 2008.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores:** saber médico e prostituição no Rio de Janeiro. (1840-1890). São Paulo, Brasiliense, 1989.

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **O Trem e a Cidade:** as transformações Urbanas em Ipu-Ceará (1894-1935). Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria e Metodologia da História, para obtenção do título de especialista em Teoria e Metodologia da História, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____, Michel. **A mulher/os rapazes:** História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal. 16° Ed. 1988.

_____**:História da sexualidade II:** O uso dos prazeres Rio de Janeiro: 7° ed. Edições Graal, 1984.

_____:**História da sexualidade III:** O cuidado de si**.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____, Michel**: Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. 23ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREITAS, Marcos Cezar (org), **Historiografia brasileira em perspectiva.** 3º ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala:** Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49° ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. **História da sexualidade** I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal. 16° Ed. 1988.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony.**A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e herotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUEDES, Mardônio e Silva**. O preço da recusa:** violência e limites morais no meretrício em Fortaleza (1930-1940). São Paulo: Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo. Cia. das Letras, 1998.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo: Expressão Popular. 2008.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo,** enxada **e voto: o Município no regime representativo no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____, Jacques. Progresso / Reação. IN.: **História e Memória.** 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Francisco Petrónio Peres. **"Iracema": trilhas e memórias de um mito.** Da literatura ao espaço urbano de Ipu. Monografia de Graduação em História (UVA). Sobral, 2005.

LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **Livros, homens, uma cidade:** uma discussão sobre o Gabinete de Leitura Ipuense (1886-1919). Monografia de Graduação em História. Sobral, 2007.

MACEDO, Nertan, **O Bacamarte dos Mourões.** Fortaleza, 2ª Ed. Editora Instituto do Ceará, 1966.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**, Ed Martin Claret, 2004.

MARIMAR. Sonho de Iracema. **Almanak Ipuense.** Ipú:1901.

MARQUES, José Wilton. O poeta e o poder: favores e afrontas. In.: **Estudos Históricos.** Intelectuais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, nº 32, 2003.

MARTINS, Francisco de Assis. *Monografia de Ipu*. Produção independente. Ipu, 2001.

MARTINS, Francisco Magalhães. **O Coronel João Martins da Jaçanã**. Separado da Revista 'Aspectos' N 11- Ano 1977 da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. Editora Henriqueta Galeno, 2 Edição, Fortaleza, 1977.

MELLO, Maria Valdemira Coelho. **O Ipu em Três Épocas.** Fortaleza: Popular Editora LTDA, 1986.

MENESES, Antonio Bezerra de. **Notas de Viagem.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

MME. PERMOND. **Conselhos d'uma mãe a suas filhas.** Petrópolis – RJ, 2ª ed. Centro da Boa Imprensa, 1923.

MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa**. A cidade e o meretrício**: trilhas e memórias do mundo da cancela: Tianguá-Ceará – 1950-2002. Fortaleza: Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Ceará, 2004.

MORAES, Aparecida. **Mulheres da vila:** prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1995.

NEROMO. A Taba dos Tabayares. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas:** a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará / secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

PASSOS, Augusto. **Para a Historia**: 'O Caso de Ipu', 1914. Ipu: Tip. Ipuense, 1948.

PAZ, Francisco das Chagas (Direção). *Almanaque Ipuense.* Nº 2, Ipu: Oficinas Gráficas da Escola Profissional de Ipu, 1963.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade:** visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões Sobre a Ética na História Oral. In: **Projeto História.** São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História. Nº 15. 1997.

_____, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História. São Paulo, n° 14. Programa de Estudos pós-graduação em História e Departamento de História, 1997.

PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930). 3ª Edição. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, Typ. Econômica, 2001.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____: **Do Cabaré ao Lar.** A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil, 1890-1930**.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Herculano José. Pedra do Sino. **Almanak Ipuense.** Ipú: 1900.

RYKWERT, Josep. **A sedução do lugar**. A história e o futuro da cidade**.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O prazer justificado.** História e laser (São Paulo, 1969,1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha:** a militância comunista em Camocim-CE (1927-1950).

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, João Mozart. **Ipu do meu xodó.** Fortaleza: Nacional, 2005.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **Corrige os costumes rindo***:* humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850 – 1900). Tese (Doutoramento em História – Universidade Federal de Pernambuco). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

SIMMEL, George. **Filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUSA, Francisca Ilnar de. **O cliente:** o outro olhar da prostituição. São Paulo, Fortaleza: Annablume. Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

SOUZA, Eusébio de. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. **Um pouco de historia** (Chronica do Ipu).

SOUSA, Simone. (org) **História do Ceará.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, Typographia Urânia, Stylus Comunicações, 1995.

THOMPSOM, E. P. **Costumes em Comum.** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo (org). **História e sexualidade no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

VELHO, Gilberto (Org). **Desvio e Divergência:** uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VIEIRA, Sulamita. **O sertão em movimento:** a dinâmica da produção cultural. São Paulo: Annablume, 2000.